



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
DEPARTAMENTO DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM AVALIAÇÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS

JULYANA SCHERIDAN VICENTE DA CRUZ PORTO

**AVALIAÇÃO DO APRENDIZADO DE NOVAS TECNOLOGIAS DA PESSOA
IDOSA DURANTE E APÓS A PANDEMIA**

FORTALEZA

2024

JULYANA SCHERIDAN VICENTE DA CRUZ PORTO

AVALIAÇÃO DO APRENDIZADO DE NOVAS TECNOLOGIAS DA PESSOA IDOSA
DURANTE E APÓS A PANDEMIA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Avaliação de Políticas Públicas como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Avaliação de Políticas Públicas. Linha de Pesquisa: Políticas Públicas e Mudanças Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Fernando José Pires de Sousa.

FORTALEZA

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

P881a Porto, Julyana Scheridan Vicente da Cruz.

Avaliação do aprendizado de novas tecnologias da pessoa idosa durante e após a
pandemia / Julyana Scheridan Vicente da Cruz Porto. – 2024.

113 f. : il. color.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Ciências Agrárias,
Mestrado Profissional em Avaliação de Políticas Públicas, Fortaleza, 2024.

Orientação: Prof. Dr. Fernando José Pires de Sousa.

1. Envelhecimento. 2. Políticas públicas. 3. Novas tecnologias. I. Título.

CDD 320.6

JULYANA SCHERIDAN VICENTE DA CRUZ PORTO

AVALIAÇÃO DO APRENDIZADO DE NOVAS TECNOLOGIAS DA PESSOA IDOSA
DURANTE E APÓS A PANDEMIA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Avaliação de Políticas Públicas como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Avaliação de Políticas Públicas. Linha de Pesquisa: Políticas Públicas e Mudanças Sociais.

Aprovada em: 28/05/2024

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Fernando José Pires de Sousa (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dra. Kelly Maria Gomes Menezes (Examinadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dra. Adriana de Oliveira Alcântara (Examinadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

AGRADECIMENTOS

Gratidão é algo raro e edificante, e como é salutar exercitar o ato de agradecer, pois fortifica quem exerce e regozija quem recebe. Nos aproxima do divino, enchendo nossa vida de graças e bênçãos.

Sou grata primeiro a Deus, meu criador, que me fez assim com minhas perfeitas imperfeições, mas que me dá sabedoria para lidar com elas e me tornar sempre alguém melhor, nessa tarefa diária de evolução da minha existência.

Sou grata aos meus pais que sempre me apoiaram e me proporcionaram viver de maneira íntegra e me deram oportunidade de sonhar com eles, através dos esforços que fizeram para me dar o estudo, me ensinar lições de vida que não encontramos nos livros, e pelo amor que sempre tive dos dois. Mamãe, Lêda Cruz tenho do meu lado nessa caminhada terrena, ela é minha fortaleza, meu pilar e minha fonte de inspiração. Enquanto isso, papai, José Vicente, me olha e me guarda lá do alto, no plano espiritual, ele que sempre foi meu exemplo de bondade, de altruísmo e que me ensinou o valor de ser bom, ser corajoso e sábio, qualidades essas tão inerentes a ele. Amo pertencer a esse elo de amor!

Sou grata à família que construí ao lado do Fernando Porto, no qual fomos agraciados com dois tesouros divinos, nossos filhos Fernando Sérgio e Arthur Julian.

Fernandinho meu primogênito amado, dono de uma determinação, garra e singela beleza, que encanta com sua timidez, e ao mesmo tempo com demonstrações de carinho. Arthur, meu amor, meu clone e meu par, tão amoroso, afetuoso e sensível, que me surpreende com atitudes superiores à sua idade e me ensina nos detalhes a grandeza das coisas, principalmente quando me apresentou três frases lindas e de grande incentivo no momento de quase exaustão do meu trabalho e estudo, que foram: “NÃO DESISTA; NÃO FAÇA TUDO DE QUALQUER JEITO, SEMPRE REZE”. Gratidão aos meus filhos que me tornaram mãe e me proporcionaram viver esse amor ágape.

Sou grata aos amigos que tenho, todos eles, sejam distantes, sejam os próximos, sejam os de trabalho, sejam os de momentos, sejam os de convivência, sejam os que não vejo sempre ou aqueles que vejo todos os dias, todos eles têm um lugar importante no meu coração.

Sou grata ao meu trabalho e ao município de Maracanaú, que abracei como segunda casa, e é onde habito diariamente, que me dá meu sustento e minha

realização profissional e pessoal.

Sou grata às minhas e aos meus “chefes”, que passaram durante esses 16 anos de serviço público, e às que permanecem, em especial à Carla Menezes que teve uma atuação relâmpago, mas significativa e cativante, e à Kelma Cardoso que me inspira pela assertividade diplomática. Agradeço por cada ensinamento e conhecimento adquirido no convívio laboral.

Sou grata à minha primeira equipe de trabalho de quando estive no CCI convivendo com Valber Pinheiro, Regislando Oliveira, José Ivan, Talita Jales dentre outros, no qual se tornaram amigos que levei para a vida.

Sou grata a todos do GESUAS, e principalmente à minha equipe da Gestão do Trabalho - GT, Luciana Scarcello e Fabiana Conceição, que formam comigo o “Trio das Excepcionais Anas” no qual somamos conhecimentos e parcerias para proporcionar um benefício maior aos servidores da Secretaria de Assistência Social e Cidadania – SASC.

Sou grata ao meu professor e orientador Fernando Pires, que sempre foi muito solícito e atencioso durante essa jornada, que vem se findando do meu processo de mestrado.

Sou grata às professoras Adriana Alcântara e Kelly Menezes, pelas alterações, considerações e indicações que fizeram para engrandecer e enriquecer meu trabalho.

Sou grata às Instituições que me proporcionaram a realização de minha pesquisa, o CCI na coordenação de Jordênia Damasceno, o CRAS Acaracuzinho na coordenação de Isabel Alencar, o CRAS Timbó na coordenação de Cleide Nobre e o CRAS Jereissati na coordenação de Valdênia Lourenço; assim também como o IDEAR na pessoa de Cristina Luz. Gratidão pelo campo rico de pesquisa que eu tive.

Sou grata aos meus queridos idosos e minhas queridas idosas, que conheci desde que cheguei em Maracanaú e que foram os agentes sociais do meu objeto de estudo. Gratidão pelo convívio, pelo zelo, pelo afeto, pelo carinho que sempre tiveram comigo nos 13 anos que trabalhei no Centro de Convivência do Idoso - CCI, no qual ganhei o título de Julyana do CCI, e até nos dias de hoje quando me veem em outros espaços do município me tratam com grande apreço. Gratidão por me ensinarem lições valiosas e edificantes. Vocês me inspiram pela sapiência e resiliência.

RESUMO

Este trabalho se propõe a avaliar possíveis dificuldades e/ou facilidades no aprendizado de novas tecnologias pelas pessoas idosas de Maracanaú, através de 2 (dois) projetos desenvolvidos no município, durante a Pandemia de COVID 19 e após este período. Os projetos são: o *Projeto Seis Ponto Zero* (60 anos) e o *Projeto Chá Tecnológico e Social*, desenvolvidos no Centro de Convivência do Idoso (CCI) e o Instituto para o Desenvolvimento Tecnológico e Social (IDEAR), respectivamente. No que concerne aos objetivos específicos, procurou-se conhecer o perfil das pessoas idosas que participam do projeto, compreender a influência do ageísmo, e identificar os benefícios que esses conhecimentos agregaram à vida deles. Quanto à metodologia, a pesquisa configura-se na avaliação em profundidade com metodologia qualitativa, exploratória, descritiva, de campo e bibliográfica. Utilizaram-se entrevistas com perguntas abertas e preenchimento de Formulários *Google* com perguntas abertas e fechadas, também se recorreu a grupos focais. O levantamento bibliográfico se deu por meio de referências teóricas publicadas, que subsidiaram todas as partes deste estudo.

Palavras- chave: envelhecimento; políticas públicas; novas tecnologias.

ABSTRACT

This work aims to evaluate possible difficulties and/or ease in learning new technologies by elderly people in Maracanaú, through 2 (two) projects developed in the municipality, during the COVID 19 Pandemic and after this period. The projects are: the *Seis Ponto Zero Project* (60 years) and the *Technological and Social Tea Project*, developed at the Elderly Living Center (CCI) and the Institute for Technological and Social Development (IDEAR), respectively. Regarding the specific objectives, we sought to understand the profile of the elderly who participate in the project, understand the influence of ageism, and identify the benefits that this knowledge added to their lives. As for the methodology, the research consists of in-depth evaluation with qualitative, exploratory, descriptive, field and bibliographic methodology. Interviews with open questions and filling out Google forms with open and closed questions, and focus groups were also used. The bibliographical survey was carried out through published theoretical references, which supported all parts of this study.

Keywords: aging; public politic; new technologies.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - População Brasileira por Sexo, em 2022	28
Figura 2 - Pirâmide Etária Brasileira, em 2022.....	29
Figura 3 – Expectativa de Vida de 2010 a 2022.....	31
Figura 4 - População Cearense por Sexo, em 2022	33
Figura 5 - Pirâmide Etária Cearense, em 2022	33
Figura 6 - População do Ceará em 2022, segundo os municípios.....	34
Figura 7 - Classificação por Sexo da População de Maracanaú, em 2022	35
Figura 8 - Pirâmide Etária da População de Maracanaú, em 2022	35
Figura 9 – Densidade Demográfica de Maracanaú, em 2022	36
Figura 10 - População de Maracanaú, em 2022	36

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - População Brasileira por Faixa Etária e Sexo, em 2022	29
Quadro 2 - População Brasileira por Faixas Etárias destacadas e Sexo, em 2022 ..	30

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Qual sua idade?.....	82
Gráfico 2 - Qual seu bairro?	82
Gráfico 3 - Mora com quem?.....	83
Gráfico 4 - Como você se comunicava com os familiares?	85
Gráfico 5 – Você utiliza ou utilizou algum meio eletrônico durante a pandemia?	86
Gráfico 6 - Caso tenha utilizado algum meio eletrônico, qual foi?.....	87
Gráfico 7 - Você participou e/ou participa dos Projetos Seis Ponto Zero, e Chá Tecnológico e Social?	88
Gráfico 8 – Em algum momento você se achou incapaz de aprender os novos conhecimentos tecnológicos?	92

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Expectativa de Vida ao Nascer de 1940 a 2022.....	32
--	----

LISTA DE ABREVIATURAS

AVD's	Atividades de Vida Diária
BPC	Benefício de Prestação Continuada
CadÚNICO	Cadastro Único para Programas Sociais
CCI	Centro de Convivência do Idoso
CNAS	Conselho Nacional de Assistência Social
CMAS	Conselho Municipal de Assistência Social
CMDPI	Conselho Municipal dos Direitos da Pessoa Idosa
CMDCA	Conselho Municipal da Criança e do Adolescente
CRAS	Centro de Referência da Assistência Social
CNAS	Conselho Nacional de Assistência Social
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDEAR	Instituto para o Desenvolvimento Tecnológico e Social
ILPI	Instituição de Longa Permanência para Idosos
LOAS	Lei Orgânica da Assistência Social
MAPP	Mestrado em Avaliação de Políticas Públicas
OMS	Organização Mundial da Saúde
OS	Organização Social
PNAS	Política Nacional de Assistência Social
PNI	Política Nacional do Idoso
SUAS	Sistema Único de Assistência Social

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	14
2	PESSOA IDOSA E ENVELHECIMENTO: de quem e do quê estamos falando?.....	21
3	PANORAMA POPULACIONAL DA PESSOA IDOSA	28
4	DOCUMENTOS OFICIAIS SOBRE A TEMÁTICA DA PESSOA IDOSA	39
5	AS NOVAS TECNOLOGIAS	47
6	A PESSOA IDOSA E A PANDEMIA	51
7	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	59
7.1	Caracterização da pesquisa.....	59
7.2	Etapas da pesquisa	60
8	PESQUISA DE CAMPO	64
8.1	Entrevistas presenciais	64
8.2	Entrevistas via Formulário Google.....	82
8.3	Resultados.....	93
9	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	98
	REFERÊNCIAS	101
	APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO ...	107
	APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO	109
	APÊNDICE C - FORMULÁRIO GOOGLE.....	111

1 INTRODUÇÃO

É de conhecimento geral o aumento no número da população idosa no Brasil e no mundo, que vem se intensificando a cada ano com estimativas de alcançar o ápice nos anos de 2060. Em 2019, o número de pessoas idosas no Brasil chegou a 32,9 milhões, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2019).

Os 7,5 milhões de novos(as) idosos(as) que despontaram de 2012 a 2019 representaram um aumento de 29,5% como segmento predominante. Dados do IBGE apontam uma série de projeções para o avanço populacional dos(as) longevos(as) brasileiros(as). Do ponto de vista cronológico referem-se a idosos e idosas a partir dos 60 anos, implicando em uma desaceleração no ritmo de crescimento e uma considerável inversão da pirâmide etária, que antes consistia em uma base alargada representando os mais jovens, e a tendência é um alargamento do topo equivalendo os mais velhos, em relação à base.

Nota-se cada vez mais famílias reduzidas em relação às gerações anteriores, com muitos filhos, e o aumento da longevidade em comparação há quarenta anos. As pessoas viviam menos e a expectativa de vida não ultrapassava os sessenta anos de idade, hoje ela alcança 76 anos, segundo o IBGE (2019).

Dessa forma, o que observamos é uma maior incidência de sexagenários(as) no contexto atual, e mesmo a presença de centenários(as) já é bem notada, não sendo casos isolados no país e mundialmente, tanto nos países desenvolvidos quanto nos demais. Segundo o censo de 2010, o Brasil já ultrapassava os 24 mil idosos(as) com idades acima de 100 anos.

Já no último censo (IBGE, 2022), a população brasileira alcançou 203 milhões de pessoas, com maior contingente de mulheres, com 104,5 milhões, em relação ao de homens, com 98 milhões. E nesta configuração a população de pessoas idosas residentes no Brasil era de 32.113.490, sendo 17.887.737 (55,7%) de idosas e 14.225.753 (44,3%) de idosos. Dessa forma pode-se notar uma predominância feminina na velhice, o que nos leva a pensar que as mulheres têm uma longevidade maior que eles.

Em relação à pirâmide etária observa-se um aumento bem expressivo no número de mulheres longevas, caracterizando assim, a feminização ou feminilização da velhice, conforme exemplificado acima. Vale a ressalva de que demograficamente

comprova-se que as mulheres vivem cerca de 7 (sete) anos a mais do que os homens, por influência de diversos fatores, inclusive biológicos.

Além dos fatores biológicos as mulheres idosas se cuidam mais, fazem atividades físicas, atividades intelectuais, dentre outras. Também cuidam da alimentação, fazem saúde preventiva, não estão ligadas em atividades de risco de vida, e muitas vezes participam de grupos sociais e de convivência, embora não sejam cuidados praticados por todas elas. Ressalte-se que hoje existem homens que também cultivam de muitos dos cuidados citados, mesmo assim as idosas são as que se cuidam mais no curso do envelhecimento, segundo o Censo do IBGE (2018).

De acordo com os dados do IBGE (2018), a tábua de mortalidade projetada para o ano de 2018 apresentou uma expectativa de vida de 76,3 anos para o total da população. Dessa forma, houve um acréscimo de 3 meses e 4 dias em relação ao valor estimado para o ano de 2017, que fora de 76,0 anos.

A população masculina teve um aumento de 3 meses e 7 dias passando de 72,5 anos para 72,8 anos, em 2018. Já em relação às mulheres, o ganho foi um pouco menor, pois em 2017 a expectativa de vida ao nascer era de 79,6 anos e, em 2018 alcançou 79,9 anos, com um incremento de 3 meses (IBGE, 2018).

O processo de envelhecimento é inerente a todo indivíduo, sem distinção de cor, sexo ou raça, e faz parte do ciclo de vida desde que se nasce. Segundo Cruz (2005), o envelhecimento é um processo dinâmico e progressivo, no qual há modificações morfológicas, fisiológicas, bioquímicas e psicológicas decorrentes da ação do tempo.

Nas considerações do autor, ele categoriza que há uma perda progressiva da capacidade de adaptação do indivíduo ao meio ambiente, levando-lhe a uma maior vulnerabilidade e incidência em processos patológicos e/ou fisiológicos, que comprometem a vida das pessoas idosas.

Já Teixeira (2017, p. 119) explana que o envelhecimento vai além dos aspectos biológicos, ao considerar as desigualdades e vulnerabilidades sociais, ampliando o olhar especificamente da saúde corporal:

O envelhecimento é um processo que é resultado da vida individual e social, profundamente marcado pelas desigualdades sociais – de classes (e nos seus segmentos de classes), gênero, raça, etnia, regionais, dentre outras. Nessa dimensão, não é totalmente singular, antes, ao contrário, tem

particularidades que o ligam à totalidade. Mas, ao mesmo tempo, não é um todo amorfo ou homogêneo, sem diferenças ou antagônico, trata-se de uma unidade na diferença e com diferenças.

O meio social faz diferença na vida das pessoas idosas, ao condicioná-las a situações de vulnerabilidade, em razão de recursos escassos e insuficientes, o que pode culminar em falta de condições básicas para a sobrevivência e resultar em dificuldades de acesso às políticas públicas. Beauvoir (1970, p.14) explana que:

Embora a velhice na sua qualidade destino biológico, seja uma realidade trans-histórica, mesmo assim subsiste o fato de que esse destino é vivido de maneira variável, segundo o contexto social. E inversamente, o sentido ou contra-senso que reveste a velhice no seio de uma sociedade em questão, é através dela que se desvenda o sentido ou contra-senso de toda a vida anterior. A fim de poder julgar a nossa, torna-se necessária comparar as soluções por ela escolhidas como as que foram adotadas por outras coletividades, através do tempo e do espaço.

Entretanto, partindo da compreensão de que a dimensão biológica não define a velhice em sua totalidade, as pessoas envelhecem de maneiras distintas, caracterizando-se assim em “variadas velhices”. Também não é correto considerar velhice como sinônimo de doença, visto que na atualidade vemos pessoas de várias idades com saúde debilitada e que não se caracterizam como uma pessoa idosa. Então é um mito associar velhice à decrepitude ou a uma pessoa que não possa adquirir novos conhecimentos.

Infelizmente não é o que acontece, pois a decrepitude, a invalidez e a dependência permeiam os conceitos equivocados de 60% das pessoas, que nutrem uma visão negativista e preconceituosa da velhice, segundo uma pesquisa realizada pela Organização Mundial da Saúde (OMS, 2021), e essa visão equivocada caracteriza-se como ageísmo ou etarismo.

Existe uma relação recíproca entre velhice e doença, esta acelera a senescência e a idade avançada, por sua vez predispõe a distúrbios patológicos especialmente aos processos degenerativos que a caracterizam. Raramente se encontra aquilo que se poderia denominar “velhice pura”. As pessoas idosas sofrem de uma polipatologia crônica (Beauvoir, 1970, p. 32).

O ageísmo é um termo originário da palavra “ageism”, criado pelo médico e gerontologista norte-americano Robert Neil Butler, em 1969, que define o termo

como um tipo de preconceito que envolve pensamentos, práticas, atitudes e sentimentos discriminatórios em relação à idade e à capacidade física e funcional das pessoas idosas.

Daí, tem-se estereótipos e crenças falsas decorrentes do envelhecimento, que podem se manifestar em forma de violência psicológica, verbal e física, como também pela exclusão na participação de políticas públicas e institucionais que compreendam essa faixa etária.

Ageísmo, idadismo, etarismo, idosismo, velhismo, diversos são os nomes usados para discriminar ou criar estereótipos negativos para um indivíduo ou um grupo de pessoas, baseado na idade cronológica (Dórea, 2020, p. 8).

Outra forma caracterizada também como etarismo é tratar a pessoa idosa como um ser incapaz, assexuado e sem volição, menosprezando suas vontades, podendo dessa forma sua capacidade de buscar novos aprendizados, novos estilos de vida e novos relacionamentos. Isto termina por afetar significativamente a autoestima, saúde mental e qualidade de vida na perspectiva de ser e estar no mundo, podendo gerar consequências físicas e psicológicas irreparáveis.

Então o ageísmo cria barreiras psicológicas ao aprendizado da pessoa idosa, que deve ser combatido e desestimulado para não oferecer empecilho aos novos conhecimentos que podem vir durante o envelhecimento, seja ele em qualquer faixa etária, classe social ou etnia.

Segundo Costa (2017, p. 26) a velhice mostra-se heterogênea, sendo possível entender que o processo biológico do envelhecimento é permeado por condicionantes sociais que imprimem características específicas de cada sociedade, cada momento histórico, fatores relevantes como classe social, etnia, gênero, papéis distintos, em função do meio rural e urbano, atividade laboral, fatores como cultura, ideologia, poder político e econômico predominantes e relação entre Estado e Sociedade Civil.

Fatidicamente as idosas são as mais afetadas em diversos fatores relacionados ao etarismo, que vão desde quesitos físicos à aspectos laborais e financeiros. Infelizmente as mulheres ainda vivenciam situações de desigualdade salarial mesmo ocupando cargos similares aos dos homens, assim como também são cobradas diariamente nos diversos papéis que exercem na sociedade e na família.

Cepellos (2021), afirma que as mulheres encaram inúmeros desafios ao longo do processo de envelhecimento, pois elas têm que lidar com a aparência, com

as percepções sobre suas habilidades técnicas e comportamentais, além de serem questionadas por seus conhecimentos e experiências.

Segundo Cepellos (2021), a discriminação ocorre tanto por homens quanto por mulheres mais jovens, demonstrando a complexidade do fenômeno. Isso caracteriza mais um tipo de ageísmo, relacionado ao trabalho, às relações profissionais e até em relação à autoestima, que são barreiras que as mulheres mais velhas tendem a enfrentar.

Em meio aos desafios enfrentados com o idadismo, a tecnologia veio agregar valores ao cotidiano de idosos e idosas que, no contexto atual, os estimularam a se “reinventar” e vivenciar novos aprendizados, bastando para isso um olhar diferenciado e uma metodologia de ensino específica para ambos.

Para tanto, faz-se necessário identificar e analisar as dificuldades e desafios que as pessoas idosas têm em aprender novos saberes digitais, impulsionados com o isolamento social pela pandemia. Dessa forma, é importante avaliar o sentimento e a funcionalidade da tecnologia na vida delas e se esse mundo virtual realmente veio para somar e inseri-las no contexto digital e social.

Nesse sentido, meu interesse pelo tema iniciou-se no período acadêmico e culminou durante os cursos de especialização, depois de um estudo sobre o processo de aprendizagem na velhice. Essa aprendizagem é muitas vezes tratada com mitos infundados de associar a pessoa idosa a um ser decrepito e que não aprende mais.

Dessa forma, eu que desenvolvo trabalhos com pessoas idosas no município de Maracanaú há mais de quinze anos, despertou-me o interesse de estudar o aprendizado da pessoa idosa com a utilização das novas tecnologias, a partir de uma demanda surgida nesse período de pandemia do COVID-19, inclusive até depois dela. Ora, devido ao grande risco de contágio de uma doença respiratória desconhecida, que se alastrou pelo mundo dizimando muitas vidas, os(as) idosos(as) foram praticamente submetidos a permanecerem isolados(as) do ambiente familiar e do convívio social inicial. Todavia, para amenizar a situação, várias políticas e projetos foram colocados em prática no referido período e alguns permanecem para benefício da população, em particular das pessoas idosas.

Assim, a presente pesquisa se enquadra no campo de estudo das Políticas Públicas e Mudanças Sociais, especificamente de assistência social, educação, saúde, cultura e arte. Como temática, trata a Política da Pessoa Idosa

concernente à avaliação do efeito das novas tecnologias nesses sujeitos atendidos pelo Centro de Convivência do Idoso (CCI) e o Instituto para o Desenvolvimento Tecnológico e Social (IDEAR), no município de Maracanaú, no período da pandemia e até o momento atual. Mais propriamente, seu objetivo principal consistiu em avaliar o resultado das novas tecnologias na vida dos idosos e idosas propostas nos Projetos Seis Ponto Zero (60 anos) do CCI, e Chá Tecnológico e Social do IDEAR, no município citado.

Dessa forma, foi de meu interesse identificar os ganhos e benefícios às pessoas idosas ao usufruírem desses projetos realizados nessas instituições, ambas pertencentes ao município de Maracanaú. Também propus avaliar possíveis dificuldades e/ou facilidades enfrentadas por elas durante o acesso a esses projetos.

Para balizar este trabalho, elaborei as seguintes questões: Quais as dificuldades que as pessoas idosas encontram para assimilarem novos conhecimentos, em particular no domínio das tecnologias digitais? Quais os benefícios que a tecnologia trouxe para os(as) idosos(as) na pandemia de COVID-19 e posteriormente a ela?

A pesquisa também se propõe a conhecer o perfil das pessoas idosas que participam dos projetos; compreender a influência do ageísmo nas suas vidas e a imputação de incapacidade que lhes é atribuída na assimilação de novos conhecimentos.

Os capítulos que se seguem à introdução apresentam uma breve reflexão a respeito dos principais embasamentos teóricos e empíricos que ancoram a pesquisa. Inicialmente discorro sobre o conceito de pessoa idosa e o processo de envelhecimento, com suas especificidades e consequências. Prosseguindo apresento a situação populacional da pessoa idosa nos âmbitos nacional, estadual e municipal.

No capítulo seguinte faço referência aos documentos oficiais concernentes à temática da pessoa idosa, em especial à Política Nacional de Assistência Social (PNAS); ao Estatuto da Pessoa Idosa, que efetiva a política pública do(a) idoso(a); e aos Projetos já citados: *Seis Ponto Zero (60 anos)* e *Chá Tecnológico e Social*, ambos desenvolvidos em Maracanaú.

No capítulo posterior discorro sobre as novas tecnologias e, finalizo analisando a situação da pessoa idosa durante o sofrível período de pandemia do COVID-19. Prossigo então especificando o método avaliativo e a metodologia

adotada para o desenvolvimento da pesquisa com a caracterização e as etapas. Termine com as entrevistas realizadas e suas análises, constantes nos resultados e considerações finais.

2 PESSOA IDOSA E ENVELHECIMENTO: de quem e do quê estamos falando?

“Para a Organização Mundial da Saúde (OMS), idoso(a) é toda pessoa com 60 anos ou mais. O mesmo entendimento está presente na Política Nacional do Idoso (instituída pela lei federal 8.842), de 1994, e no Estatuto do Idoso (lei 10.741), de 2003” (Machado, 2019, *online*).

O conceito de idoso(a) diferencia-se entre países em desenvolvimento e desenvolvidos. Nos primeiros, são consideradas pessoas idosas as com 60 anos e mais; nos segundos as pessoas com 65 anos em diante. E existem estudos que fazem referência a idosos(as) com mais de 80 anos (designados como 80+), que são considerados da quarta idade.

Em 12 de julho de 2017 foi criada a Lei nº 13.466/2017, que inclui no texto do Estatuto a garantia de prioridade máxima às pessoas idosas com mais de 80 anos, intitulada de Prioridade Especial, que é um benefício garantido pela legislação vigente e incorporada em todas as ações da Secretaria Nacional de Promoção e Defesa dos Direitos da Pessoa Idosa do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (SNPI/MMFDH).

A lei fortalece o Estatuto da Pessoa Idosa, ao assegurar aos(as) maiores de 80 anos o exercício de cidadania e a garantia de condições de dignidade e respeito por, em geral, eles(as) estarem mais susceptíveis aos riscos da existência relativamente àqueles(as) com menos idade, sem desconsiderar que todos(as) que chegam à velhice apresentam suas particularidades.

Nessa perspectiva o ser humano nasce, cresce, desenvolve-se, torna-se adulto e morre. O envelhecimento ocorre a cada instante da vida, e o que o difere são os sinais que vão se manifestando ao longo dos anos de forma mais intensa. O envelhecimento é um processo natural, progressivo e individualizado, pois há várias maneiras de envelhecer e vários ambientes e fatores sociais que influenciam esse percurso.

É mal definido o momento em que começa a velhice, variando de acordo com as épocas e os lugares. Todos os homens são mortais e eles se lembram disso. Muitos se tornam velhos: quase nenhum encara semelhante avatar com alguma antecipação. Não há nada que devesse ser tão esperado, nada é tão imprevisto quanto a velhice (Beauvoir, 1970, p. 07-08).

Teixeira (2009, p. 120) afirma que a velhice nunca será uma generalidade, no singular, mas “velhices”, dada à pluralidade de manifestações numa mesma formação social, relacionadas às condições de vida e trabalho das pessoas. Ela destaca a importância da diversidade de experiências na velhice e da consideração de diversos fatores, como contexto socioeconômico, saúde, relações familiares e acesso a recursos. A autora enfatiza que a velhice é um período heterogêneo, já que cada indivíduo vive experiências únicas e enfrenta desafios específicos.

O processo de envelhecimento deve ser compreendido para além dos aspectos biológicos, cronológicos e demográficos. O envelhecimento é constituído por múltiplas determinações, entre elas, os de classe, gênero, etnia e raça do indivíduo (Patriota *et al.*, 2022, p. 8).

Há de fato uma heterogeneidade no próprio processo de transição demográfica, que é influenciado pelas condições de acesso aos direitos civis, políticos e sociais das populações (Costa *et al.*, 2017, p. 22). É importante pensar o envelhecimento pela ótica social, assim como também pelo curso de vida, as desigualdades sociais e seus trabalhos realizados.

A pessoa idosa é o reflexo de várias condicionantes, sejam elas por expressões da questão social, que os tornam bem diferenciadas, caracterizando-se como várias velhices, ou seja, pelo processo e percurso de vida durante o decorrer diário do envelhecimento que pode vir com ou sem condições básicas de subsistência.

Louvisom e Rosa (2012, p. 157) ratificam que [...] não existe um envelhecer só, mas processos de envelhecimento determinados socialmente. As desigualdades do processo de envelhecimento devem-se às condições desiguais de vida e de trabalho o que as pessoas estiveram submetidas no curso de suas vidas.

Neste sentido Costa *et al.* (2017, p. 26), compreendem a velhice como uma construção social, fruto de uma sociedade que determina a sua valorização ou o seu contrário em aspectos múltiplos e opostos.

Fatores econômicos, sociais, geográficos e biológicos dentre outros, condicionam o tipo de velhice a que cada indivíduo possa vir a vivenciar, pois dentro de uma lógica de espaço rural e urbano observa-se várias diferenças no aspecto, no intelecto e até no curso de vida.

O processo de transição demográfica, marcado pelo crescimento acelerado da população idosa e pelo declínio da taxa de natalidade, exige novas posturas tanto

do poder público quando da sociedade civil, para que haja ações sociais consistentes que englobem as múltiplas questões impostas pelas transições demográficas (Costa *et al.*, 2017, p. 22). A medicina moderna já não pretende determinar a causa do envelhecimento biológico: considera-o inerente ao processo da vida, tal como o nascimento, o crescimento, a reprodução, a morte (Beauvoir, 1970).

Teixeira (2017), assinala que mesmo com os avanços na longevidade esse quesito não é garantia para contemplar melhor qualidade de vida às pessoas idosas, devido às inúmeras expressões da questão social, que envolvem condições de pobreza, doença, isolamento, e acesso precário ou insuficiente às políticas públicas, sendo um aspecto dificultador para elas.

Já Beauvoir (1970), diz que a velhice é um sistema instável no qual se perde e se reconquista o equilíbrio a cada instante, a inércia é que é sinônimo de morte. A lei da vida é mudar, o que caracteriza o envelhecimento é um tipo de mudança irreversível e desfavorável, em declínio.

O termo “desfavorável” remete à função antes exercida com vigor e que ao longo dos anos pode vir a ter um declínio da capacidade funcional que antes existia e com o avanço da idade vai ficando mais evidente.

O que define o sentido e o valor da velhice é o sentido atribuído pelos homens à existência, é o seu sistema global de valores. E vice-versa: segundo a maneira pela qual se comporta para com seus velhos, a sociedade desvenda, sem equívocos, a verdade – tantas vezes cuidadosamente mascarada – de seus princípios e de seus fins (Beauvoir, 1970, p. 97).

Beauvoir (1970, p. 6), prossegue afirmando que a velhice surge aos olhos da sociedade como uma espécie de segredo vergonhoso, do qual é indecente falar. Relata que em todos os campos existe uma vasta literatura versando sobre a mulher, a criança, o adolescente, sendo extremamente raras as alusões à velhice fora dos trabalhos realizados. Logo ela evidencia que falar sobre envelhecimento muitas vezes é algo velado e sem interesse, por ser um assunto por muitos evitado. Segundo a autora é preciso “quebrar a conspiração de silêncio”, e trazer à tona reflexões sobre a pessoa idosa e o envelhecimento, fazer a voz ser escutada, dar visibilidade ao fenômeno envelhecer e trazer ao imaginário coletivo a importância de falar sobre.

Embora não haja uma categorização universalmente aceita dos tipos de velhice, é possível considerar diferentes perspectivas sobre esse estágio da vida com base em diversos fatores. Aqui estão algumas maneiras de pensar sobre os tipos de velhice. Pelegrine *et al.* (2020) falam de alguns tipos de envelhecimento nos quais cita que a velhice pode ser ativa e saudável quando algumas pessoas idosas mantêm um estilo de vida nessa perspectiva, participando de atividades físicas, sociais e intelectuais, o que pode resultar em uma velhice mais vibrante e independente. Em contrapartida existem idosos(as) que não têm acesso e/ou interesse em participar.

Outro tipo que os autores sinalizam é o frágil ou dependente, que se configura quando os(as) idosos(as) enfrentam desafios de saúde significativos ou limitações físicas que podem resultar em uma velhice mais debilitada, exigindo cuidados adicionais e suporte. As pessoas idosas também podem enfrentar o isolamento social devido a fatores como a perda de amigos e familiares, falta de mobilidade ou acesso limitado a atividades sociais, o que pode afetar negativamente sua qualidade de vida. A situação financeira tem um grande impacto na qualidade de vida na velhice, com algumas pessoas idosas desfrutando de segurança financeira e acesso a recursos, enquanto outras enfrentam dificuldades financeiras e insegurança, esse é um grande fator que influencia muito no tipo de envelhecimento.

Outro fator que é marcante no envelhecimento são os tipos de convivência. Algumas pessoas idosas estão envolvidas em comunidades locais, grupos religiosos ou atividades voluntárias, enquanto outras podem se sentir mais solitárias ou desconectadas devido a uma variedade de razões, principalmente por vulnerabilidade social. É importante reconhecer a diversidade de experiências na velhice e evitar generalizações. Cada indivíduo é único e pode experimentar a velhice de maneiras diferentes, influenciadas por uma variedade de fatores, como saúde, recursos financeiros, redes sociais e apoio familiar (Pelegrine *et al.*, 2020).

Os avanços tecnológicos, farmacológicos e a melhor qualidade de vida vieram agregar valores ao cotidiano dos(as) idosos(as), mas muitos(as) ainda não têm acesso a esses avanços, seja por falta de recursos econômicos nas diferentes classes sociais ou até mesmo por resistirem à mudança nos seus estilos de vida, ou ainda indiferente da situação financeira não se adaptam à modernidade dos recursos da tecnologia. Muitos são os condicionantes, mas não cabe tecer julgamentos de valor quanto à adaptação ou não nesses meios digitais.

Em contrapartida, no contexto atual há pessoas idosas que se reinventaram, se aclimaram e se permitiram a novas experiências. Nesse sentido, passaram a vivenciar novos aprendizados, incluindo os tecnológicos, bastando para isso um olhar diferenciado e uma metodologia de ensino específica.

Definir a velhice, pode a princípio parecer muito simples, mas este é um tema complexo, pois necessita de aprofundamento e análise que envolvem várias dimensões da vida. Os aspectos sociais da velhice abrangem uma série de questões que dizem respeito à forma como a sociedade percebe e trata as pessoas idosas, bem como as interações e dinâmicas sociais que ocorrem nessa fase da vida (Neri, 2001).

Segundo esta autora, tais aspectos compreendem: Estereótipos e discriminação, perpetuada de forma negativa sobre a velhice, associando-a com debilidade, dependência e falta de contribuição. Isso pode levar à discriminação e ao tratamento injusto das pessoas idosas em diversas áreas, como no mercado de trabalho, acesso a serviços de saúde e participação social.

Outro aspecto é em relação à participação social das pessoas idosas que pode ser afetada por fatores como aposentadoria, perda de amigos e familiares, limitações físicas e falta de oportunidades. Promover oportunidades de engajamento social e participação cívica pode contribuir para o bem-estar e a inclusão social dos(as) idosos(as). As redes de apoio social desempenham também um papel crucial na vida das pessoas idosas, oferecendo suporte emocional, prático e financeiro. Manter e fortalecer essas redes é fundamental para o bem-estar e a qualidade de vida na velhice. Com o avançar da idade, muitas pessoas podem necessitar de cuidados adicionais devido às limitações físicas, cognitivas ou de saúde. A forma como a sociedade e as famílias lidam com a prestação de cuidados e a dependência pode ter um grande impacto na qualidade de vida dos(as) idosos(as) e de seus(suas) cuidadores(as).

Outro aspecto social primordial é a garantia do acesso a serviços e recursos, como cuidados de saúde adequados, transporte, habitação acessível e programas sociais, pois é essencial para promover a igualdade e o bem-estar das pessoas idosas. Um fator importante a ser considerado é o empoderamento e a autonomia das pessoas idosas, reconhecendo suas habilidades, experiências e contribuições para a sociedade, pois é fundamental para combater estereótipos e promover uma imagem mais positiva do envelhecimento.

Neri (2007) relata que o empoderamento na velhice refere-se ao processo de proporcionar aos(as) idosos(as) maior controle sobre suas vidas, promovendo sua autonomia, autoestima e capacidade de tomar decisões. Esse conceito envolve a valorização das experiências de vida, habilidades e contribuições dos(as) idosos(as), incentivando sua participação ativa na sociedade e na tomada de decisões que afetam suas vidas. A autora ressalta a importância do empoderamento através da autonomia, participação social, educação contínua e cuidados de saúde na promoção de um envelhecimento ativo e digno destacando a necessidade de criar ambientes e políticas que valorizem e respeitem os(as) idosos(as), garantindo-lhes uma vida plena e significativa, ressaltando a importância de uma abordagem multidimensional e multifatorial para melhorar a qualidade de vida das pessoas idosas.

Considerar esses aspectos sociais da velhice é essencial para promover uma sociedade mais inclusiva, justa e acolhedora para todas as idades.

Zimmerman (2000) fala dos aspectos biopsicossociais inerentes a todas as fases do envelhecimento, inclusive os relacionados aos aspectos psíquicos, que podem agravar com a exclusão e o isolamento social, tão comuns nos dias de hoje e que a tecnologia vem paliar a falta de convivência presencial.

Por fim, por tudo o que foi assinalado, vale ressaltar que Marx estava correto ao afirmar que a predominância do modo de produção capitalista define praticamente tudo, inclusive as “leis” ou lógicas de evolução demográfica em geral e das formas de relações sociais e de sobrevivência da população, em especial (Sousa, 2010a). Nesse sentido, o magnífico avanço da ciência e, conseqüentemente, das forças produtivas e das relações de produção, conforme suas diferentes fases, engendraram a transição demográfica que, na realidade está sempre em processo (Sousa, 2006; 2010b). Em efeito, influenciando nas de taxas de fecundidade e de mortalidade, de crescimento extraordinário da população mundial (denominado na literatura de *boom* demográfico), a tendência atual é de estabilidade e até de regressão, ou seja, de diminuição da população, o que já vem ocorrendo em vários países, principalmente nos desenvolvidos, causando o fenômeno do envelhecimento populacional (Sousa, 2010b; Sousa *et al.* 2011).

Ora, o Estado, com o eterno processo dialético nas suas relações com as forças do mercado – mais propriamente, como assinalou bem Mészáros (2002), com o “sociometabolismo do capital” – também se rendeu, ou melhor, foi mesmo até

protagonista das diferentes fases de evolução do capitalismo. Nesse sentido, o perfil mais socialmente progressista que logrou foi durante a fase keynesiana dos 30 gloriosos (Sousa, 2010b). De lá para cá, o que se vê é a predominância de um Estado neoliberal-assistencialista que, ao “combinar” mínimos sociais com elevados lucros na dinâmica da economia real simultaneamente a extraordinários rendimentos do capital rentista, procura manter a coesão social, mesmo que seja no seu limite, de máxima precariedade da população¹ (Sousa, s.d).

¹ Bom, não é intenção, nem cabe necessariamente aqui, discorrer sobre as diferentes características e teorias sobre o Estado. Para tanto, há uma vasta bibliografia, que compreende dos filósofos greco-romanos a intelectuais contemporâneos. De qualquer forma, para uma boa “resenha”, com ótima incursão analítica, ver Carnoy (1990).

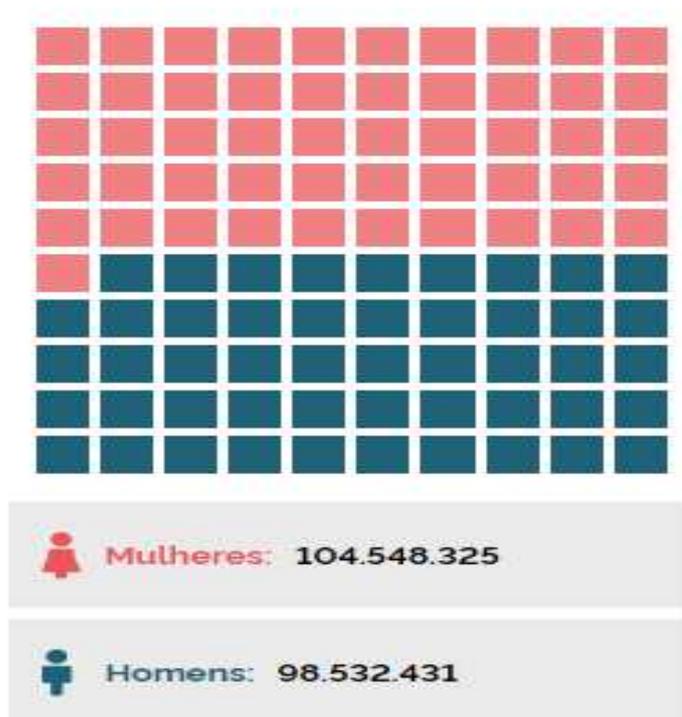
3 PANORAMA POPULACIONAL DA PESSOA IDOSA

Segundo Stuart-Hamilton (2002), calcula-se que nos tempos pré-históricos a velhice era extremamente rara e, mesmo no século XVIII, provavelmente apenas 1% da população vivia mais de 65 anos. No século XIX, essa proporção subiu para aproximadamente 4%. Na atualidade, o que se vê é o número crescente da população de pessoas idosas, com crescimento significativo, cerca de 3% nos últimos anos, devendo chegar a 1,4 bilhões em 2030, de acordo com a ONU. Indo mais além, segundo a OMS (2021), as pessoas idosas poderão somar dois bilhões até 2050, equivalendo a um quinto da população mundial. Hoje o mundo conta com 7,7 bilhões de pessoas. Estima-se que mais de 8% da população que tinha 65 anos em 2020 dobre para 30% até o final de 2050.

Segundo o último censo do IBGE, em 2022, como já salientado, a população brasileira alcançou 203 milhões de pessoas, com maior contingente de mulheres (104,5 milhões), em relação ao dos homens (98,5 milhões). A figura 1, abaixo, é bem ilustrativa a este respeito.

Figura 1 - População Brasileira por Sexo, em 2022

Sexo (cada bloco = 1%)



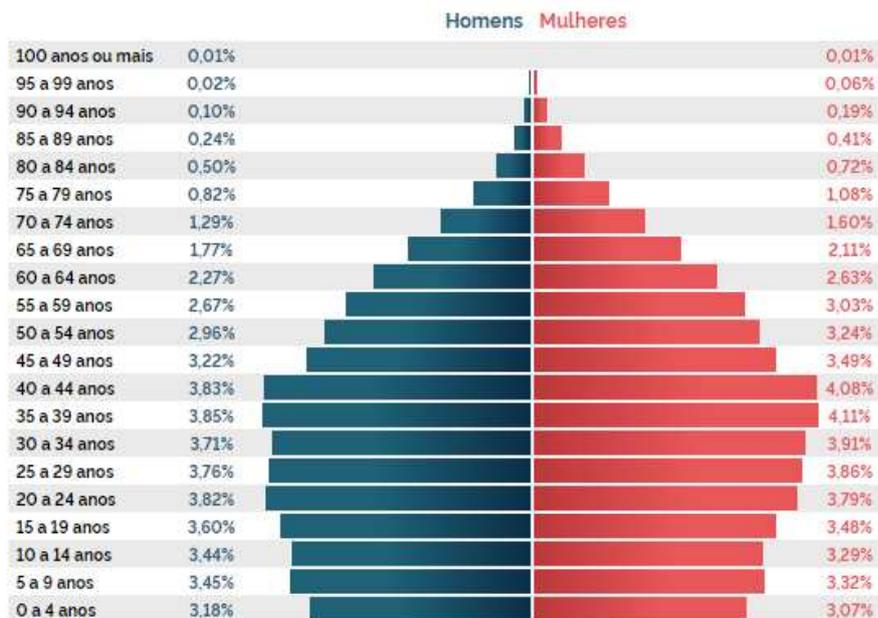
A seguir, o Quadro 1 e a Figura 2 trazem a distribuição populacional por faixa etária e sexo.

Quadro 1 - População Brasileira por Faixa Etária e Sexo, em 2022

Faixa Etária	Homens	Mulheres
100 anos ou mais	0,01%	0,01%
95 a 99 anos	0,02%	0,06%
90 a 94 anos	0,10%	0,19%
85 a 89 anos	0,24%	0,41%
80 a 84 anos	0,50%	0,72%
75 a 79 anos	0,82%	1,08%
70 a 74 anos	1,29%	1,60%
65 a 69 anos	1,77%	2,11%
60 a 64 anos	2,27%	2,63%
55 a 59 anos	2,67%	3,03%
50 a 54 anos	2,96%	3,24%
45 a 49 anos	3,22%	3,49%
40 a 44 anos	3,83%	4,08%
35 a 39 anos	3,85%	4,11%
30 a 34 anos	3,71%	3,91%
25 a 29 anos	3,76%	3,86%
20 a 24 anos	3,82%	3,79%
15 a 19 anos	3,60%	3,48%
10 a 14 anos	3,44%	3,29%
5 a 9 anos	3,45%	3,32%
0 a 4 anos	3,18%	3,07%

Fonte: <https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/> acesso em:11 mar. 24

Figura 1 - Pirâmide Etária Brasileira, em 2022



Fonte: Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/>. Acesso em:11 mar. 2024

Fazendo um recorte de acordo com as leis que amparam as pessoas idosas e, para facilitar a análise, considerando as proporções até 59 anos, de 60 a 64, de 65 a 79, e de 80 anos e mais, respectivamente, é interessante constatar, por meio do Quadro 2, que:

- cerca de 16% da população brasileira encontra-se com 60 ou mais anos de idade, das quais nada menos do que 11% acima dos 65 anos, o que representa uma proporção significativa de pessoas idosas no país;
- segundo o sexo, a proporção de idosas com 60 anos e mais (8,81%) é superior aos dos homens (7,02%). Ao considerar as pessoas com 65 anos e mais, as mulheres também são maioria (6,18%) em relação aos homens (4,75%), respectivamente.
- por último, no geral temos mais mulheres (51,48%) do que homens (48,51%) na população brasileira. Aqui é importante ressaltar que até os 24 anos de idade a proporção de homens é superior à de mulheres (Quadro 1 e Figura 2), invertendo-se a partir da faixa etária dos 25 anos, o que justifica a maior representatividade do sexo feminino (51,48%) em relação ao masculino (48,51%) na população total. Em síntese, no geral há mais mulheres do que homens no país. Este é um fenômeno global, explicado biologicamente e socialmente (IBGE 2022; Sousa *et al*, 2022).

Quadro 2 - População Brasileira por Faixas Etárias destacadas e Sexo, em 2022

Faixas Etárias (anos)	Homens (em %)	Mulheres (em %)	Total (em %)
Até 59	41,49	42,67	84,16
60 a 64	2,27	2,63	4,90
65 a 79	3,88	4,79	8,67
80 e mais	0,87	1,39	2,26
Totais	48,51	51,48	99,99
60 e mais	7,02	8,81	15,83

Nota: a percentagem total não corresponde a 100% por questões de arredondamento dos dados constantes no Quadro 1.

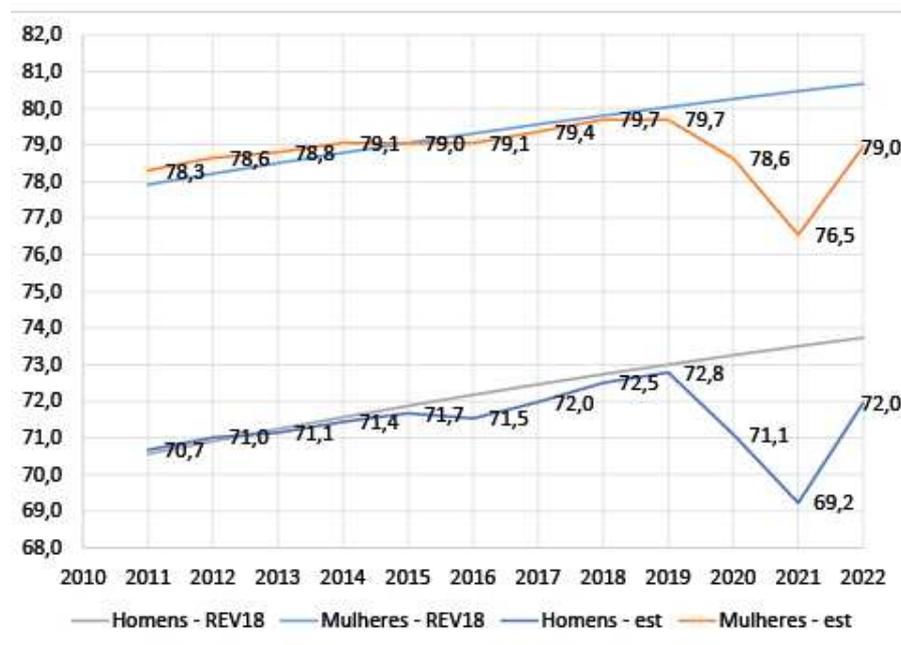
Fonte: elaboração própria, a partir do Quadro 1.

Já os dados apresentados por Sousa *et al.* (2008), revelaram que no Brasil a expectativa de vida das pessoas nascidas em 1940 era de aproximadamente 43 anos, enquanto as que nasceram em 2005 era de 72 anos, configurando um expressivo aumento de 29 anos. No Ceará esse aumento foi maior,

pois passou de 38 para 69 anos, representando um incremento de 31 anos na expectativa de vida dos cearenses nascidos nos períodos salientados, dados esses extraídos da Pesquisa para o SUS realizada pela Secretaria da Saúde do Estado do Ceará de 2008.

Ressalte-se que, em dados recentes do IBGE (2022), uma pessoa nascida no Brasil em 2022 tinha expectativa de viver, em média, até os 75,5 anos (Tabela 1 e Figura 3). Para os homens, esta expectativa era de 72,0 anos e para as mulheres, de 79,0 anos. A esperança de vida caiu de 76,2 anos em 2019 para 74,8 anos em 2020 e para 72,8 anos em 2021. A queda desse indicador refletiu o aumento das mortes relacionado à pandemia de COVID-19.

Figura 3 – Expectativa de Vida de 2010 a 2022



Nota: As estimativas da esperança de vida ao nascer para última década são preliminares e podem sofrer ajustes posteriores, previstos para 2024.

Fonte: Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/38455-em-2022-expectativa-de-vida-era-de-75-5-anos>. Acesso em: 11 de julho de 2024.

Em 2022, a taxa de mortalidade infantil era de 12,9 para cada mil crianças nascidas vivas, sendo 13,9 para homens e 11,7 para mulheres. Já a esperança de vida aos 60 anos era de 71,9 anos para o total da população no referido ano. A expectativa de vida nessa faixa etária para os homens era de 70,0 anos e para as mulheres, de 73,5 anos.

A tabela 1, abaixo, exemplifica a expectativa de vida ao nascer referente ao interstício de 1940 a 2022. Observa-se a significativa ascensão dos valores das idades de homens e mulheres.

Tabela 1 – Expectativa de Vida ao Nascer de 1940 a 2022

Ano	Expectativa de vida ao nascer - 1940 / 2022			Diferencial entre os sexos (anos)
	Total	Homem	Mulher	
1940	45,5	42,9	48,3	5,4
1950	48,0	45,3	50,8	5,5
1960	52,5	49,7	55,5	5,8
1970	57,6	54,6	60,8	6,2
1980	62,5	59,6	65,7	6,1
1991	66,9	63,2	70,9	7,7
2000	69,8	66,0	73,9	7,9
2010	73,9	70,2	77,6	7,4
2022	75,5	72,0	79,0	7,0
(1940/2022)	30,0	29,1	30,7	

Fontes:

1940 1950, 1960 e 1970 - Tábuas construídas no âmbito da Gerência de Estudos e Análises da Dinâmica Demográfica.

1980 e 1991 - ALBUQUERQUE, Fernando Roberto P. de C. e SENNA, Janaina R. Xavier -

1980, 1991 e 2000. Textos para discussão, IBGE, Rio de Janeiro, 2005.

2000 - IBGE/Gerência de Estudos e Análises da Dinâmica Demográfica. Projeção da população do Brasil por sexo e idade para o período 2000-2060.

2010 - IBGE/Gerência de Estudos e Análises da Dinâmica Demográfica. Projeção da população do Brasil por sexo e idade para o período 2010-2060.

2022 - IBGE/Diretoria de Pesquisas. Tábua Construída no âmbito da Gerência de Estudos e Análises da Dinâmica Demográfica.

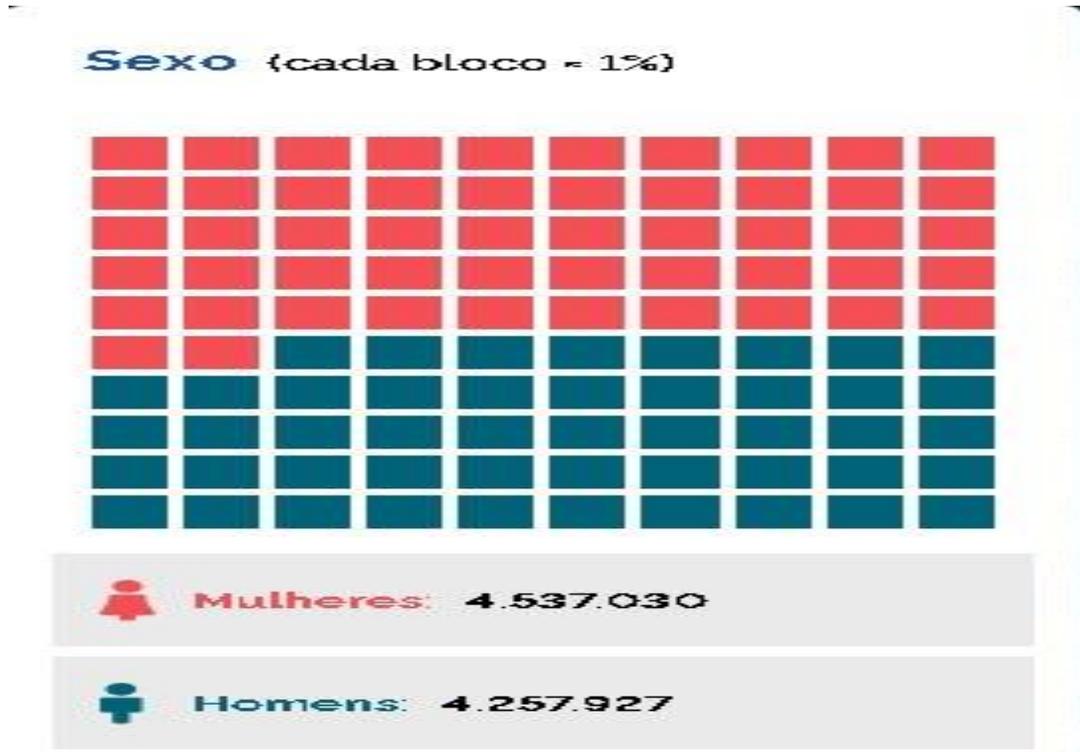
Fonte: Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/38455-em-2022-expectativa-de-vida-era-de-75-5-anos>. Acesso em: 11 de julho de 2024.

O mesmo fenômeno do aumento da longevidade verifica-se para a população do estado. De acordo com dados censitários do IBGE (2010) o número de pessoas idosas mais do que triplicou em 40 anos, uma vez que, entre 1970 e 2010 o número de idosos(as) aumentou de 205 mil para 758 mil, passando a representar 8,9% do total dos cearenses.

No Censo de 2022 a população do Ceará contava com 8.794.957 pessoas, com predominância do sexo feminino, conforme Figuras 4 e 5. Já a Figura

6 ilustra a distribuição da população segundo os municípios do estado. Observa-se, que assim como no país em geral, há mais mulheres idosas do que homens idosos no Ceará, inclusive semelhante ao Quadro 2, analisado anteriormente para o Brasil.

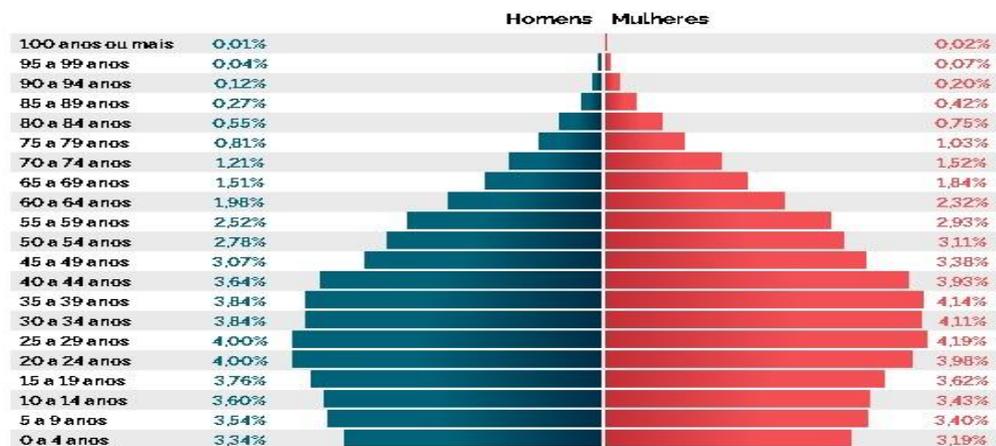
Figura 4 - População Cearense por Sexo, em 2022



Fonte: Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/>. Acesso em: 01 jul. 2024.

Figura 5 - Pirâmide Etária Cearense, em 2022

Pirâmide etária



Fonte: Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/>. Acesso em: 01 jul. 2024.

Figura 6 - População do Ceará em 2022, segundo os municípios

Território

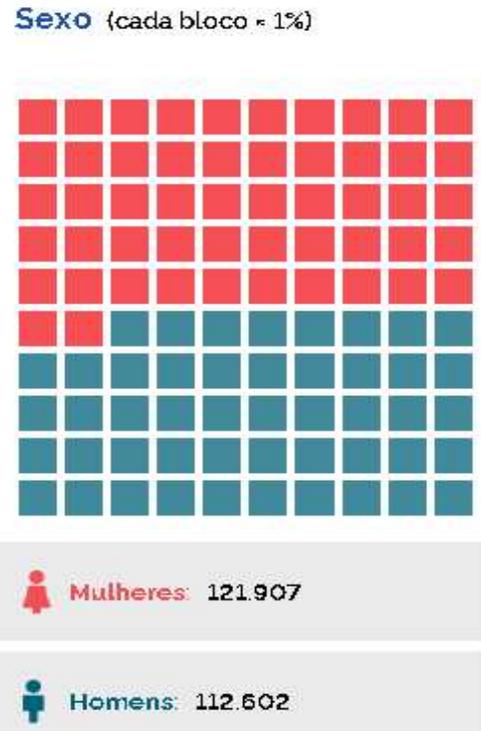


Fonte: Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/>. Acesso em: 01 jul. 2024

Convergindo a análise para Maracanaú, no Censo de 2000 os números de idosos(as) eram de 9.804 e, no Censo de 2010, passou a 16.157. Ainda se estima, segundo dados do IBGE de 2018, que ultrapasse os 30 mil idosos(as) em uma população de aproximadamente 226 mil habitantes em 2030. Nessa perspectiva, os(as) idosos(as) de Maracanaú representam aproximadamente 8% da população do município, o que corresponde a 18.000 pessoas, estimadas nesse período.

E pelo resultado do último Censo de Maracanaú (IBGE, 2022), a população alcançou 234.509 pessoas, sendo 121.907 mulheres e 112.602 homens (Figura 7). Aqui também se reproduzem as mesmas tendências verificadas para o Brasil e Ceará, já analisadas (Figura 8). Como ilustração, apresentamos ainda as Figuras 9 e 10.

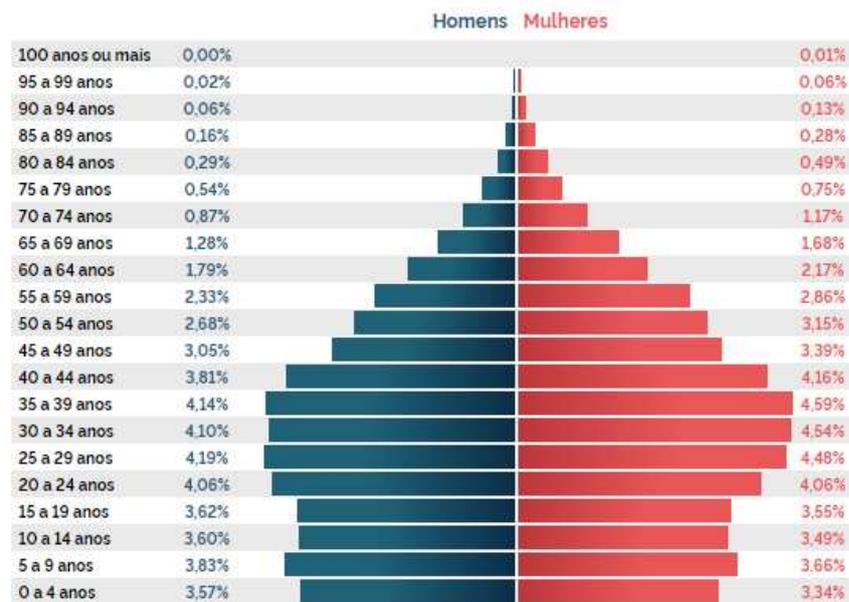
Figura 7 - Classificação por Sexo da População de Maracanaú, em 2022



Fonte: Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/>. Acesso em: 09 jun. 2024

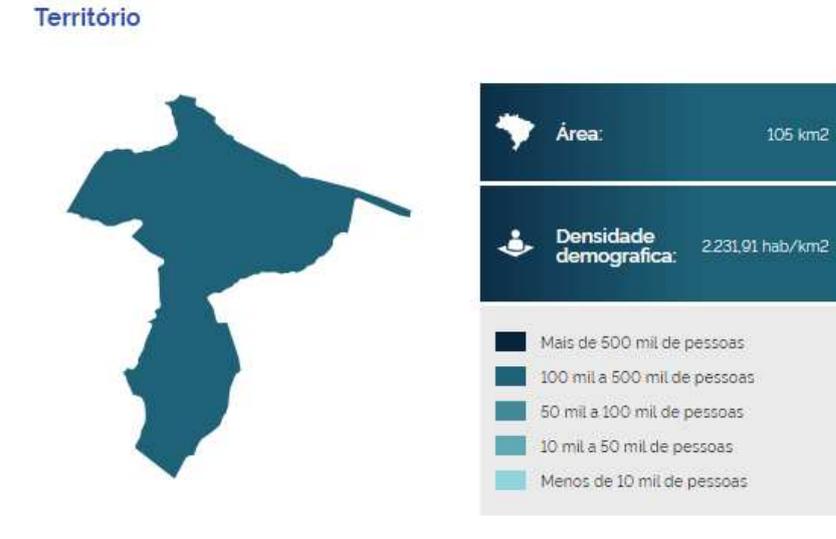
Figura 8 - Pirâmide Etária da População de Maracanaú, em 2022

Pirâmide etária



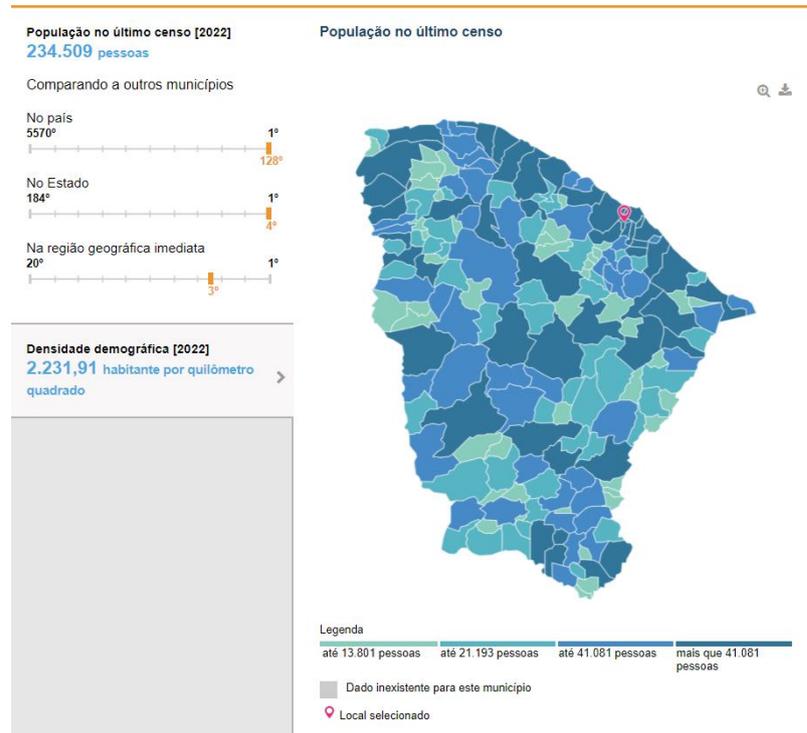
Fonte: Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/>. Acesso em: 11 mar. 2024

Figura 9 – Densidade Demográfica de Maracanaú, em 2022



Fonte: Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/>. Acesso em: 11 mar. 2024

Figura 10 - População de Maracanaú, em 2022



Fonte: Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/>. Acesso em: 11 mar. 2024

Estima-se que daqui a 12 anos haverá 42,3 milhões de jovens na faixa etária de zero a 14 anos, em paralelo a 43,3 milhões de pessoas idosas. Isso quer dizer que em 2031 haverá 102,3 idosos(as) para cada cem jovens, configurando um crescimento no Índice de Envelhecimento, que é o cálculo da razão entre o número

de idosos(as) e o de jovens, sendo maior que cem no total (IBGE, 2021).

E as projeções do IBGE só aumentam, cujas estimativas para 2055 indicam que os jovens somarão 34,8 milhões e os(as) idosos(as) 70,3 milhões. Sendo assim o referido índice atingirá 202 idosos(as) para cada 100 jovens, portanto, existirão duas vezes mais idosos(as) do que jovens no país (IBGE, 2021).

Qualitativamente, significa que o Brasil não tem se preparado adequadamente para essa tendência demográfica, com predominância populacional de pessoas idosas, pois as políticas públicas ainda deixam a desejar na efetivação dos direitos preconizados nas leis. Exemplo disso é uma política de previdência social que garanta um futuro de bem estar social às pessoas aposentadas, garantindo recursos públicos suficientes sem se render ideologicamente a pressões advindas do mercado e do tão falado Estado capitalista. Além disso, uma reduzida população economicamente ativa pode impactar o crescimento econômico e a produtividade (IBGE, 2022).

O Estado deve adotar uma abordagem multidimensional para o envelhecimento, reconhecendo a importância da participação ativa dos(as) idosos(as) na sociedade, garantindo seus direitos e dignidade. Isso inclui: Desenvolver políticas intersetoriais que integrem saúde, educação, segurança social e infraestrutura; Fortalecer a legislação existente para proteger os direitos dos(as) idosos(as); Promover a conscientização pública sobre o envelhecimento e as contribuições das pessoas idosas para a sociedade (Camarano, 2014).

E essa tendência de configuração demográfica da futura população idosa induz a um novo olhar sobre o envelhecimento e a velhice, remodelando as relações desse recorte da população. Daqui a cinco anos no Brasil, os 4,8 milhões de novos(as) idosos(as) corresponderão a um crescimento de 18% desse grupo etário. As mulheres serão maioria, o que caracteriza a feminização ou feminilização da velhice, com 16,9 milhões (56% de idosas), um número bastante expressivo em relação aos homens idosos com 13,3 milhões (44% do grupo) (IBGE, 2022).

Segundo Camarano (2004), a predominância feminina entre as pessoas idosas no Brasil é um fenômeno tipicamente urbano, pois nas áreas rurais predominam os homens. Essa diferença é explicada pela emigração das mulheres para as cidades que cada vez mais se inserem no mercado de trabalho e buscam formação profissional em contraditório ao perfil masculino. Dessa forma, implica em cuidados distintos das necessidades de ambos. Já Alcântara (2016) explica que

essa predominância de idosas no meio urbano reside no fato de as mulheres irem às cidades para morar com filhos, netos ou parentes, ao passo que os homens continuam engajados no trabalho da roça.

Embora as mulheres vivam mais do que os homens, passam por um período maior de debilidade física antes da morte. Assim, tornam-se mais dependentes de cuidado, apesar de serem as tradicionais cuidadoras dos membros dependentes da família. Menezes e Furtado (2019) citam que as mulheres são mais oneradas, física, psicológica e socialmente, porque cabe a elas o jugo de cuidar do(a) cônjuge, dos pais e das mães, de outros(as) parentes velhos(as) e até de filhos(as) e netos(as), funções estas consideradas de menor poder social.

Dessa forma, com essa perspectiva de aumento no número de pessoas idosas, surgem novos desafios para a concepção de políticas públicas destinadas a este segmento da população, visando garantir suas necessidades básicas e direitos aprimorando o arcabouço jurídico-institucional para atender as demandas oriundas desse público. Assim, é de suma importância a iniciativa do Estado, compreendendo as esferas federal, estaduais e municipais; os poderes legislativo, judiciário e executivo para promover, garantir e fomentar a defesa dos direitos dos(as) idosos(as) pela formulação de diretrizes legais e políticas públicas que supram as demandas e necessidades deles(as).

4 DOCUMENTOS OFICIAIS SOBRE A TEMÁTICA DA PESSOA IDOSA

A seguir serão discorridas as principais políticas voltadas à população idosa: Política Nacional do Idoso (PNI), Política Nacional de Assistência Social (PNAS), o Estatuto da Pessoa Idosa, a história e as atividades do Centro de Convivência do Idoso (CCI), especificamente, o *Projeto Seis Ponto Zero* (60 anos) e as atividades realizadas pelo IDEAR no *Projeto Chá Tecnológico e Social*.

Retrospectivamente, pode-se relatar as dificuldades enfrentadas pelos(as) idosos(as) em tempos mais longínquos, que muitas vezes eram mantidos(as) em asilos ou casas de repouso, sem perspectiva de melhoria de vida ou de busca de direitos, pois o que imperava no começo do século XX eram as ações assistencialistas e caritativas de benevolência, distanciando muito da premissa de direito à cidadania (Guimarães, 2022).

A mudança desse cenário assistencialista ganhou forças com a Constituição Federal promulgada em 1988, a qual fortaleceu a luta de direitos das pessoas idosas, graças aos movimentos populares em conjunto com a comunidade científica que promovia amplos debates, por meio de seminários e congressos, sensibilizando os governos e a sociedade em geral sobre a temática da velhice (Camarano, 2014).

Dentre os vários seminários que ocorreram um de caráter nacional intitulado de “Estratégias de Política Social para o Idoso no Brasil” objetivou a identificação das condições de vida desse(a) idoso(a) e do apoio assistencial para atender suas necessidades, que teve como resultado mostrar a situação de isolamento, marginalização, preconceito e miséria do(a) idoso(a) brasileiro(a) (Berzins; Borges *et al.*, 2012, p. 79).

Vale salientar que um pouco antes da Constituição de 1988, o olhar diferenciado para o processo do envelhecimento teve início no ano de 1982, em Viena, quando foi realizada a 1ª Assembleia Mundial da Organização das Nações Unidas (ONU) sobre envelhecimento. Em 2002, vinte anos depois, em Madri, aconteceu a 2ª Assembleia realizada pela ONU, quando foi criado o Plano de Ação Internacional para o Envelhecimento, do qual o Brasil é signatário.

Mesmo com os avanços da efetivação dos direitos da população idosa que veio com a constituição de 1988, o Estado transferiu por meio de parcerias, a responsabilidade para a família e para a sociedade civil a obrigação de amparar e

ajudar os pais na velhice, por carência ou enfermidade, na qual constava no artigo 229 da Constituição, e no atual Código Civil, artigo 230 versa que “A família, a sociedade e o Estado têm o dever de amparar as pessoas idosas, assegurando sua participação na comunidade, defendendo sua dignidade e bem-estar, garantindo-lhes o direito à vida” (Berzins; Borges *et al.*, 2012, p. 83).

Esses eventos internacionais conduzidos pela ONU instigaram para esta discussão no cenário nacional, proporcionando o avanço da pauta interna sobre as políticas públicas para a pessoa idosa. Dessa forma, em 4 de janeiro de 1994 foi promulgada a Lei nº 8.842, que dispõe sobre Política Nacional do Idoso (PNI), e regulamentada pelo Decreto nº 1.948, de 3 de julho de 1996, sendo criado também o Conselho Nacional do Idoso (CNI).

Esta política tem por objetivo assegurar os direitos sociais das pessoas idosas, consideradas nessa categoria as pessoas com 60 anos de idade ou mais, criando condições para promover sua autonomia, integração e participação efetiva na sociedade.

Em janeiro de 1994, quando entrou em vigor a Política Nacional do Idoso, buscava-se estabelecer maneiras de integração e participação social deles(as), tornando-os sujeitos de direitos e amparados por uma legislação que realmente fosse eficaz, em uma sociedade que muitas vezes os(as) desvalorizava e os(as) esquecia.

A Política Nacional do Idoso (PNI) é um conjunto de diretrizes e ações estabelecidas pelo governo brasileiro para garantir os direitos e promover o bem-estar da população idosa. Sua finalidade é garantir uma melhor qualidade de vida e inclusão social para os(as) idosos(as), reconhecendo sua importância e contribuição para a sociedade (Brasília, 1994).

Os principais objetivos da PNI compreendem: Promover a proteção aos direitos da pessoa idosa, garantindo sua participação na família, na comunidade e na sociedade em geral; Prevenir e eliminar todas as formas de discriminação, abuso, violência e maus-tratos contra os(as) idosos(as); Assegurar condições dignas de vida, saúde, alimentação, cultura, educação, lazer, trabalho, cidadania e convivência familiar e comunitária às pessoas idosas; Estimular a adoção de medidas que garantam a segurança e a integridade física e emocional das pessoas idosas, especialmente aquelas em situação de vulnerabilidade; e Promover a participação dos(as) idosos(as) em atividades culturais, esportivas, recreativas e educativas,

visando o seu desenvolvimento pessoal e social.

A PNI estabelece também a criação de órgãos e instâncias específicas para sua implementação e fiscalização, como o Conselho Nacional do Idoso e os Conselhos Estaduais e Municipais da Pessoa Idosa.

Agora vale se referir à Assistência Social, que historicamente esteve atrelada a práticas filantrópicas e assistencialistas até os anos de 1980. Contudo foi através da Constituição Federal de 1988 (Brasil, 1988) que alcançou o status de política pública, e passou a integrar a seguridade social, em conjunto com a previdência e a saúde.

Com a IV Conferência Nacional de Assistência Social, realizada em Brasília, no ano de 2003, foi deliberada a elaboração da Política Nacional de Assistência Social (PNAS), posteriormente aprovada pelo Conselho Nacional de Assistência Social (CNAS), em setembro de 2004. Com este, foram verificados vários avanços no gerenciamento e controle da nova política. Ressalta-se ainda que a PNAS (2004) implementou o Sistema Único de Assistência Social (SUAS).

Essa pesquisa tem embasamento também no Estatuto do Idoso, Lei nº 10.741/2003 (Brasil, 2003), que preconiza, no Capítulo V o direito à educação, cultura, esporte e lazer:

Art. 21. O Poder Público criará oportunidades de acesso do idoso à educação, adequando currículos, metodologias e material didático aos programas educacionais a ele destinados. § 1.º Os cursos especiais para idosos incluirão conteúdo relativo às técnicas de comunicação, computação e demais avanços tecnológicos, para sua integração à vida moderna.

Assim, no dia 1º de outubro de 2003 a população idosa alcança uma grande conquista com a criação deste Estatuto que constitui um marco para alavancar a atenção à pessoa idosa, conferindo mais visibilidade aos direitos básicos como saúde, educação e transporte, dentre outros. O Estatuto previu punições mais severas para quem cometesse crimes contra os(as) idosos(as), como o abandono e o desrespeito à dignidade, dentre outras violências.

Em 2019 foi sancionado o Projeto de Lei nº 3.646, que altera a Lei nº 10.741, que substitui o termo Estatuto do Idoso para Estatuto da Pessoa Idosa, e substitui também em toda a Lei as expressões “idoso” e “idosos” para a nomenclatura “pessoa idosa” e “pessoas idosas”. A justificativa é que, com a

referência ao termo “pessoa”, faz-se alusão à necessidade de combater a desumanização e o preconceito acerca do envelhecimento. Também contribui para fortalecer o direito à dignidade, ao respeito e à luta dessa parcela da população, que tem por vezes sua autonomia e independência minadas.

Alguns dos principais pontos abordados pelo Estatuto da Pessoa Idosa incluem: Direito à Saúde para garantia de atendimento preferencial e especializado no Sistema Único de Saúde (SUS), acesso a medicamentos gratuitos, atenção integral à saúde e assistência farmacêutica; Direito à Assistência Social na garantia de benefícios sociais e assistenciais, como o Benefício de Prestação Continuada (BPC), destinado a idosos(as) em situação de vulnerabilidade econômica; Direito ao Transporte pela prioridade no transporte coletivo, reservando-se 10% dos assentos para pessoas idosas; Direito à Habitação na garantia de acesso a programas habitacionais e prioridade na obtenção de moradia adequada; Direito à Educação com o estímulo ao envelhecimento ativo e à participação em programas educacionais e culturais, bem como acesso à educação continuada; Direito à Proteção contra a violência pelo combate à discriminação e à violência contra os(as) idosos(as), incluindo medidas de prevenção, punição e assistência às vítimas.

O Estatuto da Pessoa Idosa também estabelece a criação de conselhos específicos para tratar dos direitos das pessoas idosas em âmbito federal, estadual e municipal. Esses conselhos têm a função de acompanhar e fiscalizar a implementação das políticas voltadas para à população idosa.

Em resumo, o Estatuto da Pessoa Idosa é uma importante legislação que visa proteger os direitos e garantir a dignidade das pessoas idosas no Brasil.

O Centro de Convivência do Idoso (CCI), inaugurado em 2007, é um equipamento social com capacidade para atender até 500 idosos(as) por dia, vinculado à Secretaria de Assistência Social e Cidadania (SASC), do município de Maracanaú, no Ceará, que tem como público pessoas idosas de ambos os sexos, com idade igual ou superior a 60 anos, residentes em Maracanaú e incluídos no Cadastro Único (CadÚnico), beneficiários do Benefício de Prestação Continuada (BPC).

O Cadastro Único para Programas Sociais (CadÚnico) é um instrumento do governo federal do Brasil que identifica e caracteriza as famílias de baixa renda, que ganham até um quarto per capita do salário mínimo no país. Ele serve como uma espécie de banco de dados que contém informações socioeconômicas das famílias

brasileiras em situação de vulnerabilidade social.

O Cadastro Único é utilizado como base para a seleção e inclusão em diversos programas sociais, como o Bolsa Família, o Benefício de Prestação Continuada (BPC), o Programa Minha Casa Minha Vida, entre outros. As informações registradas no CadÚnico assessoram os órgãos responsáveis a identificar quem são as famílias que mais necessitam de assistência e a direcionar os recursos de forma mais eficiente.

As famílias podem se inscrever no Cadastro Único por meio das prefeituras municipais ou dos Centros de Referência de Assistência Social (CRAS) presentes em suas localidades. Para se cadastrar, é necessário que, pelo menos, uma pessoa da família seja responsável por fornecer as informações solicitadas e apresentar documentos que comprovem sua identidade, residência e renda familiar.

O Benefício de Prestação Continuada (BPC) é um benefício assistencial concedido pelo governo federal do Brasil às pessoas idosas com 65 anos ou mais e pessoas com deficiência que comprovem incapacidade para o trabalho e para uma vida independente, além de terem renda familiar per capita inferior a um quarto do salário mínimo.

O objetivo do BPC é garantir uma renda mínima para essas pessoas, de forma a assegurar sua subsistência e acesso a condições básicas de dignidade, como alimentação, moradia, vestuário, saúde e transporte. O BPC é um direito garantido pela Constituição Federal de 1988 e regulamentado pela Lei Orgânica da Assistência Social (LOAS). Para ter acesso ao benefício, é necessário que o interessado faça a inscrição no Cadastro Único para Programas Sociais (CadÚnico) e atenda aos critérios estabelecidos pela legislação. O valor do BPC corresponde a um salário mínimo vigente e é pago mensalmente pelo Instituto Nacional do Seguro Social (INSS) ou pela Secretaria de Estado de Assistência Social (em casos de pessoas com deficiência).

Voltando a se referir ao Centro de Convivência do Idoso (CCI), ele é um equipamento social cujos objetivos são: assegurar os direitos sociais das pessoas idosas, criando condições para promover sua autonomia, integração e participação efetiva na sociedade, desenvolver potencialidades artísticas e culturais, orientar e favorecer o acesso dos(as) idosos(as) aos bens e serviços da comunidade.

No CCI são oportunizadas as trocas de experiências intergeracionais e o resgate social do papel da pessoa idosa, favorecendo a convivência grupal entre

indivíduos de uma mesma cidade. São desenvolvidas atividades socioeducativas, cognitivas, físicas, artesanais, de inclusão digital e socioculturais por meio de reuniões com grupos de convivência, na qual ocorrem semanalmente, que consistem em rodas de conversa e atividades artístico-culturais com o objetivo de construir as condições necessárias à sua plena atividade na sociedade maracanaense. Também, compreende os(as) idosos(as) que tiveram o seu direito violado, que se distribuem nos territórios dos 11 Centros de Referência da Assistência Social (CRAS) e algumas associações existentes no município.

Os CRAS são unidades públicas descentralizadas da política de assistência social brasileira. Atuam como uma porta de entrada para os serviços da Assistência Social, especialmente para pessoas em situação de vulnerabilidade e risco social. São responsáveis por desenvolver ações de proteção social básica, prevenção de situações de vulnerabilidade e fortalecimento de vínculos familiares e comunitários.

Algumas das principais atribuições do CRAS incluem: Cadastramento das famílias de baixa renda no Cadastro Único (CadÚnico) para Programas Sociais do Governo Federal, que é utilizado para a seleção e concessão de diversos benefícios sociais; Serviço de Proteção e Atendimento Integral à Família (PAIF) oferecendo atendimento psicossocial, orientação e apoio às famílias em situação de vulnerabilidade, visando fortalecer seus vínculos familiares e comunitários; Programas Sociais promovendo a participação das famílias em programas como o Bolsa Família, o Benefício de Prestação Continuada (BPC) e outros programas de transferência de renda e de complementação socioassistencial; Acompanhamento Sociofamiliar realizando visitas domiciliares, entrevistas individuais e acompanhamento das famílias em situação de vulnerabilidade, identificando suas necessidades e promovendo o acesso a serviços e benefícios; e Articulação em Rede para estabelecer parcerias e articular ações intersetoriais com outros órgãos e entidades públicas e privadas, visando ampliar a oferta de serviços e promover o desenvolvimento local.

Os CRAS são estruturados para atender a população de uma determinada área territorial, sendo fundamentais na promoção da inclusão social, na prevenção de situações de risco e na garantia dos direitos sociais das famílias em situação de vulnerabilidade.

Por ocasião da pandemia iniciou-se o *Projeto Seis Ponto Zero* (60 anos),

no CCI, que envolveu dança, arte, esporte e mídias digitais. Essa sua denominação é para referenciar a idade da pessoa idosa, preconizada no seu Estatuto, visando ratificar a capacidade plena de força, autonomia e sabedoria, presentes nos(as) idosos(as), reconhecendo-os(as) como sujeitos de direitos em uma sociedade que muitas vezes os(as) desvaloriza.

Referindo-se agora ao Instituto IDEAR, instituição que também é referência desta pesquisa, ele foi criado no mês de setembro de 2006 e qualificado como Organização Social (OS) em março de 2007. Ele está inscrito no Conselho Municipal dos Direitos da Pessoa Idosa (CMDPI), no Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente (CMDCA) e no Conselho Municipal de Assistência Social (CMAS).

O IDEAR é formado por um Conselho de Administração consistindo em 7 (sete) conselheiros, composto por representantes da Prefeitura de Maracanaú, da Secretaria de Tecnologia da Informação e Comunicação, da Secretaria de Desenvolvimento Econômico, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE), da Associação das Empresas dos Distritos Industriais do Ceará (AEDI), da Assembleia Geral do Idear, e de representantes da sociedade.

A equipe do Instituto é formada por mais de 100 (cem) integrantes, entre funcionários, bolsistas, estagiários e demais parceiros, dentre administradores, analistas de sistemas, pedagogos, engenheiros técnicos e instrutores, com formação em níveis técnicos, graduação e pós-graduação, como mestrado e doutorado.

A constituição do IDEAR surgiu da iniciativa de profissionais de diversas áreas do conhecimento em unir esforços para mudar a realidade regional por meio do desenvolvimento social e tecnológico das pessoas e da organização. Sua missão é: “Fazer a diferença na vida das pessoas e das organizações, a partir da transformação do conhecimento em práticas sociais”.

Desenvolve projetos sociais, firma parceria com instituições em inovação nas áreas de modernização tecnológica, formação profissional, inclusão digital, informática educativa, trabalho e empreendedorismo, projetos esses direcionados a instituições privadas e públicas.

Por fim, o *Projeto Chá Tecnológico e Social*, que faz parte desta avaliação, consiste numa metodologia de ensino inovadora para promover a inclusão sociodigital de idosos(as) no município de Maracanaú-CE. Dessa forma, o projeto contribui para a melhoria cognitiva e social da pessoa idosa, atuando com uma

metodologia de inclusão digital direcionada às necessidades desse público, e contribui para uma maior integração social por meio de novas tecnologias muito utilizadas atualmente.

5 AS NOVAS TECNOLOGIAS

A tecnologia torna-se imprescindível, pois em todos os momentos se faz necessário o seu uso, desde os aparelhos utilizados dentro de casa como micro-ondas, televisores *smart*, até os de comunicação, bastante frequentes no mundo de hoje, como: *tablets*, celulares, *notebook*, dentre outros. Todos eles estão imbricados no mundo atual e os(as) idosos(as) com um poder aquisitivo melhor e os(as) participantes do projeto que estão inseridos no CadÚnico e são alfabetizados têm a possibilidade de se conectarem nesse mundo virtual, e assim desmistificar o estigma de que fazem parte do chamado analfabetismo digital.

Segundo Peixoto e Clavairolle (2005, p. 17), “a introdução de uma nova tecnologia depende tanto do que é ofertado e das condições da proposta, quanto da sua aceitação ou mesmo da sua demanda”. E continuam referindo que as pessoas de mais idade são atores que elaboram suas próprias estratégias de utilização ou de recusa. Dessa forma, fica evidenciado que as pessoas idosas têm autonomia para escolherem entre utilizar ou não as novas tecnologias que lhe são propostas.

Por outro lado, envelhecer numa conjuntura na qual grandes contingentes de idosos(as) mal tiveram oportunidade de serem alfabetizados ou frequentarem os bancos escolares, pode significar exclusão digital e isolamento social, pois a revolução da informática transformou as formas de comunicação e a produção desse saber em um ambiente longínquo para as pessoas idosas, que podem levá-las à margem desses conhecimentos e das inovações.

De acordo com Souza e Sales (2016), para compreender as relações do(a) idoso(a) com a utilização de Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), é importante considerar contextos sociais e históricos distintos. Visto que a “Era Digital” está sendo vivenciada pela primeira vez pelas pessoas idosas contemporâneas, enquanto as crianças já nascem nesse mundo tecnológico.

Embora algumas pessoas idosas tenham a facilidade de acesso à compra de telefones celulares, e uma grande maioria tenha poucos recursos, elas podem recorrer à ajuda dos familiares. Mesmo assim elas se depararam com um novo desafio de não saber usá-los e até de não aprenderem por falta de algum familiar que as ensine. Dessa forma, é interessante ter um programa de inclusão digital mais apropriado às condições das pessoas idosas, considerando sua experiência anterior com tecnologias, sua escolaridade, as funções cognitivas, assim como também a

habilidade manual, acuidade visual e auditiva.

O Estatuto da Pessoa Idosa prevê no Art. 21. que:

O Poder Público criará oportunidades de acesso da **pessoa idosa** à educação, adequando currículos, metodologias e material didático aos programas educacionais a ele destinados. Conforme o parágrafo primeiro deste artigo: os cursos especiais para idosos(as) incluirão conteúdo relativo às técnicas de comunicação, computação e demais avanços tecnológicos, para sua integração à vida moderna.

A tecnologia para as pessoas idosas tem desempenhado um papel cada vez mais importante, especialmente durante a pandemia e além dela. Ela proporciona diversas oportunidades, tais como: Conectividade Social pelas redes sociais, aplicativos de mensagens e vídeo chamadas permitindo que os(as) idosos(as) se mantenham conectados(as) com familiares e amigos, reduzindo o isolamento social e promovendo o bem-estar emocional (Tavares; Souza, 2012).

Promove acesso à Informação, pois a internet oferece uma vasta gama de informações sobre saúde, *hobbies*, notícias e entretenimento, permitindo que as pessoas idosas se mantenham informadas e engajadas com o mundo ao seu redor. Oferece serviços de saúde *online*, como telemedicina e aplicativos de saúde que permitem consultas médicas virtuais, monitoramento de condições de saúde e acesso a informações sobre medicamentos e cuidados de saúde preventivos (Tavares; Souza, 2012).

Favorece a aprendizagem com plataformas de educação *online* nas quais oferecem oportunidades de acesso a conhecimentos de forma contínua, permitindo que os(as) idosos(as) explorem interesses pessoais, adquiram novas habilidades e se mantenham mentalmente ativos(as). Por fim, indica facilidades na rotina diária por meio de aplicativos de gerenciamento financeiro, compras *online* e assistentes virtuais que podem facilitar a realização de tarefas do dia a dia, tornando a vida mais conveniente para as pessoas idosas (Peixoto; Clavairolle, 2005).

No entanto, é importante fornecer suporte e treinamento adequados para garantir que os(as) idosos(as) possam aproveitar ao máximo as tecnologias disponíveis, garantindo que se sintam confortáveis e seguros(as) ao utilizá-las. “As barreiras que dificultam a inclusão digital dos(as) idosos(as) são diversas. Algumas das dificuldades encontradas referem-se aos declínios sensoriais, motores, físicos

decorrentes do avanço da idade” (Tavares; Souza, 2012, p. 1).

As novas tecnologias sempre foram relacionadas aos mais jovens, como se não existisse compatibilidade do mundo tecnológico com a velhice. Peixoto e Clavairolle (2005, p. 57), relatam que essas novidades tecnológicas da modernidade contrastam com a velhice e o antigo, e analisam o lugar simbólico que ocupa a idade em meio a essas tecnologias.

Na maioria das vezes se utiliza a tecnologia, seja em aplicativos de celular, como em transações bancárias, televisores e rádios, aparelhos eletrodomésticos, tudo abrange o mundo tecnológico. Principalmente, no momento crítico da pandemia, ao isolamento que todos foram obrigados, muitas vezes o tão desejado tempo tornou-se um algoz ao levar a adoecimentos mentais e psicossomáticos em grande parte da população e, em especial, contribuiu para agravar e comprometer a qualidade de vida da pessoa idosa.

A inclusão digital tem como objetivo disponibilizar aos cidadãos em geral, sem diferenciação de cor, raça, ou idade, a oportunidade do acesso às Tecnologias de Integração e Comunicação (TIC's). Dessa forma, proporciona às pessoas a democratização da tecnologia e o uso indistinto dela.

A inclusão digital garante o direito a todas as pessoas, independente de classe social, etnia, religião ou poder econômico, as condições para usufruir de todas as potencialidades das ferramentas tecnológicas de comunicação e informação, principalmente quando é utilizada de forma correta, pois contribui para a melhoria das condições e da qualidade de vida de todos.

A perspectiva de vislumbrar o uso dos meios tecnológicos abre um leque de possibilidades às pessoas idosas, pois cria oportunidade e inserção em um mundo tipicamente jovem, e até comum hoje em dia entre as crianças. A pessoa idosa, vista anteriormente como uma pessoa que não tinha interesse em aprender, e ainda como alguém que não aprende, mostra-se atualmente com grande capacidade de adquirir novos conhecimentos e buscar novos aprendizados.

A tecnologia, que antes causava estranheza, tornou-se aliada das pessoas idosas, que hoje a utilizam das mais diversas formas, seja para fazer ligações, usar aplicativos, pagar contas, ou mesmo fazer cursos à distância. A tecnologia da informação e comunicação permite às pessoas idosas maior integração a uma comunidade de convivência virtual, no qual elas mantêm contato com filhos(as), netos(as), parentes e amigos(as), que formam uma rede de

comunicação por meio de um ambiente saudável e de troca de informações. Da mesma forma que podem interagir com entes queridos, o mundo virtual permite a descoberta de novos meios de aprendizagem e conhecimento, desenvolvendo novas habilidades até então desconhecidas e que eram de grande estranheza para às pessoas idosas.

Ao mesmo tempo essa evolução tecnológica imposta pelo “capital”, obriga as pessoas idosas a aderirem a esse avanço e por consequência pode aumentar o grau de dependência e, assim, comprometer a autonomia delas, podendo tornar-se um tipo de violência a essa população que não se enquadrar na sociedade digital.

Peixoto e Clavairolle (2005, p. 63) relatam sobre o sentimento inicial de estranheza das pessoas idosas com terminais automáticos, que com o aprendizado se mostram até favoráveis em aceitar o uso dessas máquinas eletrônicas. E eles completam dizendo que: “No começo, os(as) idosos(as), são 60% contra os automatismos, e depois que usam são 80% a favor e acham até genial”.

O aprendizado no mundo digital, assim como outros conteúdos a serem propostos às pessoas idosas, devem ser repassados de forma precisa e objetiva e que, principalmente tenham sentido na vida delas. Os conteúdos devem seguir uma metodologia de ensino apropriada ao entendimento, obedecendo o ritmo de aprendizagem inerente a cada uma. Nesse sentido, para incluir a pessoa idosa no mundo digital, deve-se sondar as suas expectativas quanto ao novo conhecimento e em que isso vai contribuir para o seu futuro e sua qualidade de vida na sociedade e no meio em que vive.

É fato considerar que novos aprendizados minimizam perdas cognitivas e aumentam as oportunidades de prevenção de doenças degenerativas e incapacitantes. Então os benefícios são imensuráveis e com grandes aspectos positivos na vida das pessoas idosas, pois o aprendizado tecnológico possibilita novas vivências, novas descobertas e muita troca de experiências na vida delas.

Além disso, existem desafios que precisam ser superados no uso das mídias sociais e da *internet*, como a confiabilidade dos dados e informações recebidas e a veracidade delas para que não sejam alvos fáceis na rede de navegação. E faz-se necessário também conhecer as instabilidades de conexão e como lidar com as mais variadas situações que a tecnologia implica.

6 A PESSOA IDOSA E A PANDEMIA

O período da pandemia foi um marco mundial que ficou na história e nas mentes das pessoas de todo o mundo. Período esse marcado por perdas, mortes, sofrimentos, abandono, isolamento, mas ao mesmo tempo pode-se dizer que se teve borrifadas de amor, de afago e de cuidado. Ninguém passou por essa fase ileso, todos tivemos algo novo para aprender, ressignificar e se readaptar para minimamente viver e sobreviver.

Segundo a OMS (2020), a pandemia de COVID-19, causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, teve início em dezembro de 2019 na cidade de Wuhan, na província de Hubei, na China. O vírus rapidamente se espalhou pelo mundo, tornando-se uma das crises de saúde mais graves e abrangentes da história recente.

Aqui estão os detalhes sobre a pandemia, segundo a OMS (2020):

- Origem e Propagação - O primeiro surto foi identificado em um mercado de frutos do mar em Wuhan, onde se acredita que o vírus tenha sido transmitido de animais para humanos. A transmissão inicial entre humanos ocorreu rapidamente, e o vírus se espalhou para outros países por meio de viagens internacionais.
- Características do Vírus - O coronavírus SARS-CoV-2 é altamente contagioso e pode ser transmitido por meio de gotículas respiratórias quando uma pessoa infectada tosse, espirra ou fala. A gravidade dos sintomas varia de leve a grave, com uma taxa de letalidade maior em grupos de risco, como idosos(as) e pessoas com condições médicas pré-existentes.
- Impacto na Saúde Pública - A rápida disseminação do vírus sobrecarregou os sistemas de saúde em todo o mundo. Muitos países enfrentaram escassez de equipamentos de proteção individual (EPI), ventiladores, leitos hospitalares e pessoal médico. Isso levou a uma resposta global de emergência para conter a propagação do vírus e tratar os pacientes afetados.
- Medidas de Contenção - Para conter a propagação do vírus, foram implementadas várias medidas em todo o mundo, incluindo *lockdowns*, distanciamento social, uso de máscaras faciais, lavagem frequente das mãos e restrições de viagem. Essas medidas tiveram impacto

significativo na vida cotidiana das pessoas, na economia e na educação.

- Desenvolvimento de Vacinas - A resposta global à pandemia incluiu um esforço sem precedentes para desenvolver vacinas seguras e eficazes contra a COVID-19. Várias vacinas foram desenvolvidas e autorizadas para uso emergencial em todo o mundo, proporcionando esperança de controle da pandemia a longo prazo.
- Desafios Socioeconômicos - A pandemia teve um impacto profundo nas economias globais, com muitas empresas enfrentando dificuldades financeiras, desemprego em massa e aumento da pobreza. Além disso, as restrições de viagem e o distanciamento social afetaram negativamente setores como turismo, hospitalidade e entretenimento.
- Desafios Psicossociais - O isolamento social, o medo da doença e a incerteza sobre o futuro contribuíram para problemas de saúde mental, como ansiedade, depressão e solidão, em muitas populações em todo o mundo.

A pandemia de COVID-19 continua a evoluir, com novas variantes do vírus surgindo e desafios persistentes na distribuição equitativa de vacinas e na contenção da propagação do vírus. A resposta global à pandemia destaca a importância da cooperação internacional, da ciência e da preparação para emergências de saúde pública (OMS, 2020).

O efeito da tecnologia nas pessoas idosas durante e após a pandemia tem sido significativo. Durante a pandemia, muitos(as) idosos(as) foram incentivados(as) a utilizar tecnologias para se manterem conectados com familiares e amigos, realizar compras *online* e acessar serviços de saúde virtualmente. Isso ajudou a reduzir o isolamento social e a promover uma melhor qualidade de vida (OMS, 2020).

Após a pandemia, espera-se que muitos(as) idosos(as) continuem a utilizar essas tecnologias, aproveitando os benefícios de uma maior conectividade e acesso a serviços de forma mais conveniente. No entanto, é importante fornecer suporte e treinamento contínuo para garantir que os(as) idosos(as) possam utilizar essas tecnologias de forma eficaz e segura (OMS, 2020).

A pandemia de COVID-19 mostrou um cenário evidente de como as pessoas tinham que encontrar resiliência e buscar formas de descobrir novos

caminhos para enfrentar o trauma com perspectivas sombrias de futuro. Para a pessoa idosa, que é considerada público vulnerável e fragilizado pelos próprios estigmas postos pela sociedade, mostrou-se nesse período sua capacidade de superação e quebra de tabus, quando demonstraram como podem ser fortes e muitas vezes indispensáveis no seio familiar e na sociedade (IBGE, 2021).

Durante a pandemia as pessoas idosas enfrentaram desafios significativos em relação à forma de se adaptarem à tecnologia, minimizando o isolamento social e buscando responderem com resiliência e determinação a esse período tão delicado de superação no qual todos passaram, se desafiando enquanto sobreviventes, com expectativas de ultrapassar aquela fase crucial e de alerta para muitos, mostrando dessa forma uma incrível força interior.

A seguir têm-se algumas maneiras pelas quais as pessoas idosas demonstraram essa capacidade de superação e de quebra de tabus. Segundo a OMS (2020), a primeira maneira fala da adaptação à tecnologia, que muitos(as) idosos(as) se empenharam em aprender a usar dispositivos eletrônicos e aplicativos de comunicação online para se manterem conectados com suas famílias e amigos. Sua disposição para enfrentar o desafio da tecnologia demonstrou uma abertura à mudança e uma vontade de se adaptar às novas circunstâncias.

Outra maneira de enfrentamento da pandemia apresentada pela OMS (2020) é a resiliência emocional, que apesar do aumento do isolamento social e das preocupações com a saúde, muitas pessoas idosas mantiveram uma atitude positiva e esperançosa, encontrando maneiras de lidar com o estresse e a incerteza. A resiliência emocional delas foi uma fonte de inspiração e apoio para suas famílias durante esse período difícil.

A quebra de estereótipos foi outra maneira na pandemia que as pessoas idosas mostraram que são capazes de se adaptarem às mudanças, aprenderem coisas novas e enfrentarem desafios com coragem e determinação. A capacidade de superação quebrou tabus e destacou a diversidade e a força da população idosa. Assim como também a valorização dos(as) Idosos(as) conferida pela família, foi outra maneira que eles(as) demonstraram durante a pandemia como crucial, não apenas como provedores(as) de sabedoria e apoio emocional, mas também como membros ativos e resilientes da comunidade. A capacidade deles(as) de superação e quebra de tabus fortaleceu os laços familiares e promoveu um senso de solidariedade intergeracional (OMS, 2020).

Diante dos desafios da pandemia, que foram isolamento, abandono, perdas e mortes, as pessoas idosas mostraram uma capacidade extraordinária de superação e adaptabilidade, desafiando os estereótipos e demonstrando o poder do espírito humano frente à adversidade.

Ao contrário do que costuma se pensar, as pessoas idosas são grandes apoiadores da família, o que ficou evidente no período da pandemia, com muitos membros familiares desempregados, cuja única renda a contar em casa era a deles.

Uma revisão feita pelo IBGE mostra que o número de desempregados ultrapassou os 15,2 milhões no primeiro trimestre do ano de 2021. Esses dados estão atrelados a uma maior informalidade e o aumento de trabalhadores sem carteira assinada, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), publicada no dia 30 de novembro do mesmo ano. Foi graças às pessoas idosas que muitas famílias mantiveram o mínimo necessário de sobrevivência. Segundo Duarte (2022, *online*) “a população idosa mais ajuda do que é ajudada, e justifica que 75% da população idosa é independente, cuida da própria vida, cuida do seu entorno e muitas vezes cuida da família”.

Segundo dados do IBGE de 31 março de 2021, durante a pandemia, os(as) idosos(as) se destacaram como grandes apoiadores(as) da família, de diversas maneiras. Sua experiência de vida, sabedoria e capacidade de adaptação foram recursos valiosos para enfrentar os desafios impostos pelo contexto da pandemia. De fato, durante a pandemia, o aconselhamento, aconchego e suporte emocional dispensados foram especialmente importantes para ajudar a família a lidar com o estresse, os momentos de ansiedade, preocupação e incertezas. A presença reconfortante dos avós, com sua capacidade de ouvir, foram fundamentais para fortalecer os laços familiares e promover o bem-estar emocional de todos.

Outra maneira foi a contribuição doméstica que muitos(as) idosos(as) assumiram com as responsabilidades domésticas adicionais durante a pandemia, ajudando nas tarefas diárias, como preparar refeições, cuidar dos(as) netos(as) e manter a casa organizada. Essa ajuda permitiu que outros membros da família se concentrassem em suas responsabilidades profissionais ou acadêmicas, aliviando assim o estresse familiar (IBGE, 2021).

Por fim, a solidariedade intergeracional que veio com a pandemia, fortalecendo os laços intergeracionais dentro das famílias, com as pessoas idosas atuando como modelos de resiliência e solidariedade, através da disposição para

enfrentar os desafios com coragem e determinação, inspirando outras gerações a fazerem o mesmo, promovendo um senso de unidade e coesão familiar (IBGE, 2021).

Tendo como base os dados da PNAD Contínua (2018), e os do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), constatou-se que em julho de 2020, mais de 60% dos domicílios onde residem pessoas idosas, elas são as principais responsáveis por mais da metade da renda total do lar.

E em outra pesquisa realizada durante a crise sanitária e caótica vivida na pandemia, pelas universidades de Berlim, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e na Universidade de Brasília (UnB), no ano de 2020 mostrou que os melhores índices de segurança alimentar eram mantidos nas residências onde existiam pessoas com 60 anos ou mais de idade. Da mesma forma, constatou-se que houve um empobrecimento nutricional das famílias que perderam seus(suas) idosos(as) para a COVID-19 (Galindo *et al.*, 2021).

Durante o estado de decretação nacional de saúde, período que os(as) idosos(as) eram tidos como principal grupo de risco da COVID-19, foi um período difícil para eles(as), pois muitos(as) não podiam sair de suas residências para comprar sua alimentação, seus medicamentos, e não sabiam utilizar o telefone para manter algumas necessidades básicas (IBGE, 2021).

Segundo o IBGE (2021), quase 5,5 milhões de idosos(as) moram sozinhos(as) no Brasil, cerca de 17% dessa categoria, não sendo pensada uma estratégia de política pública, para uma situação como essa de calamidade. Dessa forma os(as) idosos(as) tinham que sair de casa mesmo correndo sérios riscos à saúde.

Essas foram só algumas das várias consequências da pandemia sobre a população 60+, além de muitas vidas perdidas sem possibilidade de um adeus, perdas cognitivas causadas por ausência de estímulos, aceleração de doenças degenerativas, perdas funcionais, rompimentos de vínculos sociais devido ao confinamento, dentre muitas outras.

Ainda devem ser frisadas as consequências do pós-COVID, com as sequelas que foram deixadas pela própria doença e por internações, que até nesses momentos de fragilidade a sociedade privilegiou os mais jovens em detrimento à pessoa idosa, por possibilidade de mais percursos de vida pela frente.

Nada se tem de medidas preventivas com relação às situações

emergenciais como essa que ocorreu no ano fatídico de 2020, nas quais tantas vidas foram dizimadas e tantas outras foram prejudicadas. Não se tem um olhar do poder público, visando criar possibilidades para atender essa demanda básica e tão discutida em espaços que tratam do envelhecimento, como um programa de cuidadores, que é algo tão importante para algumas pessoas idosas, muito menos políticas públicas que ofereçam uma melhor qualidade de vida para elas (OMS, 2020).

O tempo urge e anseia por políticas que beneficiem demandas tão pertinentes e necessárias como essa. Necessita-se de um olhar sensível a essas causas tão distantes e ao mesmo tempo tão próximas de todos, pois cuidar da pessoa idosa no presente é uma forma de pensar no próprio futuro.

As atribuições de cuidadores(as) de idosos(as) em geral vai muito além dos cuidados nas Atividades de Vida Diária (AVD`s), que vão desde o vestir/despir, higiene, alimentação, mas também passa pela necessidade de companhia, tão fundamentais em qualquer tempo não somente durante a pandemia (OMS, 2020).

Um programa de cuidadores(as) de idosos(as) em âmbito nacional é de grande necessidade, visto pelo aumento do número de pessoas idosas a cada ano. Seria importante cobrar do Estado políticas públicas eficazes com dotação orçamentária própria e adequada com execução territorializada e distribuídas no território brasileiro.

Além disso, são muitos os desafios, para os serviços públicos de saúde, por meio do Sistema Único de Saúde (SUS), que foi pensado historicamente para a assistência materno infantil, mas agora é urgente pensar também nos(as) idosos(as). De fato, uma grande parte sofre com as doenças associadas ao envelhecimento, sejam elas crônico-degenerativas ou as consideradas como próprias da idade, e a tendência é agravar mais ainda o sistema de saúde com a longevidade crescente (OMS, 2020).

Então é importante pensar em maneiras para evitar ou minimizar esses adoecimentos, através de políticas públicas que beneficiem a saúde e não priorizem a doença, através de espaços de convivência adequados e bem estruturados, Centros-dia, Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPI's), todos com profissionais qualificados, com formação em gerontologia e que saibam lidar com a especificidade que requer o tratamento com a pessoa idosa, pois nem todos sabem cuidar e lidar com essa clientela (OMS, 2020).

Em relação ao SUS, que é a porta de entrada do sistema de saúde através da atenção básica, faz-se necessária a organização dos serviços, pois é de suma importância para contribuir com um envelhecimento saudável da população brasileira (OMS, 2020).

É na atenção básica que se previne 80% das complicações oriundas das diversas patologias de possíveis tratamentos que tem a possibilidade de não se agravarem, mas infelizmente faltam serviços de referência em geriatria territorializados, e como são escassos os médicos geriatras nos serviços particulares quiçá nos públicos, assim como também outros profissionais como terapeutas ocupacionais, psicólogos, nutricionistas, assistentes sociais, dentre outros tão necessários para a saúde da pessoa idosa (Ministério da Saúde, 2006).

Dessa forma a maneira como a sociedade lida com a pessoa idosa diz muito como será o futuro que todos nós esperamos alcançar, isso se tivermos o privilégio de chegar ao patamar da idade avançada, enquanto tantos ficam pelo meio do caminho.

Os ideais de autonomia e independência tão almejados por todos, devem ser pensados desde os anos mais anteriores a essa fase adulta. Cuidar de si deve ser prioridade, para depois se pensar em cuidar do outro. Hábitos saudáveis, atividades prazerosas, exercícios físicos e dietas equilibradas são receitas que todos têm consciência do benefício, mas muitos negligenciam nos cuidados consigo, e como resultado tem-se abarrotamento nos serviços da saúde pública (OMS, 2020).

Independência e autonomia são conceitos relacionados, mas distintos, que descrevem a capacidade de uma pessoa de agir, tomar decisões e realizar atividades de forma independente e autônoma.

Vale discutir aqui os dois conceitos, conforme (Neri, 2007): Independência refere-se à capacidade de uma pessoa realizar atividades ou tarefas sem depender da ajuda ou interferência de outras pessoas. Uma pessoa independente é capaz de cuidar de si mesma, realizar tarefas cotidianas, tomar decisões e administrar sua vida sem a necessidade de assistência significativa de outras pessoas. A independência pode abranger uma variedade de áreas da vida, incluindo mobilidade, cuidados pessoais, finanças, moradia, transporte e atividades sociais.

Já a Autonomia refere-se à capacidade de uma pessoa tomar decisões e agir de acordo com seus próprios valores, desejos, preferências e necessidades. Uma pessoa autônoma tem liberdade para fazer escolhas que afetam sua vida,

expressar suas opiniões e exercer controle sobre seu próprio destino. Ela relaciona-se à capacidade de autogoverno e autodeterminação, permitindo que uma pessoa viva de acordo com seus próprios interesses e objetivos (Neri, 2007).

Em resumo, a independência se refere à capacidade de realizar atividades sem assistência externa, enquanto a autonomia se refere à capacidade de tomar decisões e agir de forma independente, de acordo com os próprios valores e desejos. Ambos os conceitos são fundamentais para a qualidade de vida e o bem-estar das pessoas, especialmente na velhice, quando a preservação da independência e da autonomia pode ser especialmente valorizada.

O que se nota é um gerontocídio silencioso, que vinha acontecendo sorrateiramente, mas que explodiu com a pandemia, principalmente entre os menos favorecidos financeiramente e pela grande desigualdade social que existe no país. Isso parte da ideia de que as pessoas idosas já estão no fim da vida e não produzirão com a mesma intensidade que os mais jovens, visão capitalista que limita e só mostra o quão grande é o preconceito com a população de 60 em diante (Patriota, 2022).

Na afirmação de Costa (2015, p. 74), deve-se considerar a exploração do trabalho e do tempo de vida, que desumaniza o homem, coisificando-o, transformando as pessoas em apenas mão de obra, produtos a serem vendidos no “mercado” do capital.

O envelhecimento não é visto em sua totalidade, como parte de um processo multidimensional da vida humana. Ao invés de homens e mulheres velhos serem vistos como experientes, vividos e sábios, devido a sua longa vida, são atrelados a um sistema de valores que elege a juventude como uma fase ideal, supervalorizada, que deve ser alcançada de qualquer maneira (Costa, 2017, p. 30).

Dessa forma envelhecer é um desafio, viver é outro desafio, e uma vitória para quem consegue chegar aos áureos 60+, em uma sociedade que só valoriza quem produz, quem é jovem, ou quem contribui com o sistema. Dessa forma, menospreza-se quem já passou por todas essas fases e que ainda tem muito a contribuir em vários aspectos que não só o financeiro.

7 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa que foi realizada seguiu a uma *avaliação em profundidade* que implica considerá-la como extensa, detalhada, densa, ampla e multidimensional, o que coloca a multi e a interdisciplinaridade como condição primeira da tarefa de pesquisa, segundo Rodrigues (2008).

A avaliação em profundidade é um enfoque de pesquisa que se caracteriza por aspectos mais amplos de investigação e mais aprofundados, abrangendo tópicos como análise de conteúdo do programa, pela formulação dos objetivos, critérios, dinâmica de implantação, acompanhamento e avaliação. É uma imersão na particularidade do campo de investigação, no sentido longitudinal que vai desde a extensão no comprimento, como no sentido latitudinal, que engloba a extensão na largura, e amplitude da pesquisa.

Outro tópico importante são as bases conceituais relacionadas aos paradigmas orientadores e as concepções e valores que os informam, bem como os conceitos e noções centrais que sustentam essas políticas.

O último tópico aborda a coerência interna com a não-contradição entre as bases conceituais que informam o programa, a formulação de sua implementação e os itens priorizados para seu acompanhamento, monitoramento e avaliação.

De acordo com Minayo (2009), a metodologia é o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade. Ela inclui simultaneamente a teoria da abordagem (método), os instrumentos de operacionalização do conhecimento (técnicas), e a criatividade do pesquisador (sua experiência, sua capacidade pessoal e sua sensibilidade).

7.1 Caracterização da pesquisa

A pesquisa desenvolvida compreendeu as dimensões qualitativa, exploratória, descritiva, de campo e bibliográfica. Tem a característica qualitativa por responder a questões particulares com nível de realidade que não tem como ser quantificada. Segundo Minayo (2009) ela segue um ciclo de pesquisa que se inicia com uma pergunta, seguida de uma resposta que remete a novas interrogações.

“A pesquisa qualitativa trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes” (Minayo, 2009, p. 21).

Durante o processo do trabalho científico, segundo a autora, ela seguiu três etapas, que são elas: fase exploratória, trabalho de campo, análise e tratamento do material empírico e documental.

A fase exploratória é a produção do projeto de pesquisa e todos os elementos necessários para a saída em campo. Vai desde a delimitação do objeto, o desenvolvimento teórico e metodológico, levantamentos das hipóteses, e o planejamento em si da pesquisa.

A outra fase da pesquisa é o trabalho de campo, que consiste em levar para a prática empírica a construção teórica elaborada na fase exploratória. É a combinação de instrumentos de observação, entrevistas ou outros tipos de comunicação e interlocuções com os pesquisados e o levantamento dos materiais documentais dentre outros.

Por fim, a última fase foi a de análise e tratamento do material empírico e documental, que é o conjunto de procedimentos para valorizar, compreender, interpretar os dados empíricos e articulá-los com a teoria, pela ordenação, classificação e análise dos dados.

7.2 Etapas da pesquisa

A pesquisa realizada, abrangeu as pessoas idosas e as tecnologias, no qual existiram algumas etapas que foram seguidas.

Inicialmente eu conheci o perfil da pessoa idosa em uma amostra de idade de 60 anos ou mais, que participam e/ou participaram dos projetos *Seis Ponto Zero*, e do *Chá Tecnológico e Social*, e demonstraram interesse de se inserir digitalmente, para conhecer as dificuldades e possíveis entraves que possam desestimular o aprendizado de novos conhecimentos. Para tanto, fiz perguntas estruturadas, por meio de entrevistas com questões norteadoras previamente elaboradas, utilizando-se como instrumento um formulário *google* divulgado em um grupo de *WhatsApp* criado para este fim, e entrevistas presenciais, assim também como foram feitos encontros presenciais em grupos de convivência.

Por meio de rodas de conversa foi discutido o tema da pandemia, instigando as pessoas idosas, a relatarem como elas vivenciaram essa fase e como ela reflete atualmente. A seleção dos participantes foi feita de forma aleatória e de acordo com o interesse de contribuírem com a pesquisa. Da mesma forma, a

entrevista se deu por escolha fortuita, e foi realizado por formulário *google* e formulário impresso com perguntas presenciais.

O intuito do uso dos ambientes virtuais por meio da utilização de formulários, foi para avaliar o grau de afinidade e aprendizado com a tecnologia que eles obtiveram no período da pandemia e para averiguar se realmente persistem na atualidade.

Entrevista é acima de tudo uma conversa a dois, ou entre vários interlocutores, realizada por iniciativa do entrevistador. Tem o objetivo de construir informações pertinentes com vistas a esse objetivo. Elas podem ser consideradas conversas com finalidade (Minayo, 2009, p. 64).

Realizei entrevistas semiestruturadas que se configuraram em uma conversa orientada, no qual o interlocutor respondia perguntas previamente formuladas, fechadas e abertas, e o pesquisador teve a possibilidade de colher dados relativos à pesquisa.

Segundo Minayo (2013), a entrevista é uma técnica de coleta de dados que consiste na combinação de perguntas abertas e fechadas, cujos envolvidos explanam sobre o tema, sem se ater a uma indagação pré-formulada.

A entrevista foi compreensível, objetiva, planejada e previamente explicada com tranquilidade e paciência, obedecendo o ritmo de raciocínio de cada pessoa idosa em particular, e explícita de todos os procedimentos que foram utilizados, inclusive tive a possibilidade de gravar as respostas via celular, para que não houvesse a perda de dados.

A entrevista não pode ser considerada como uma simples coleta de dados, mas consiste na interação em que as informações fornecidas pelo sujeito podem ser profundamente afetadas pela natureza de suas relações. Assim, as diferenças entre o entrevistado e o pesquisador devem ser compreendidas e assumidas, a fim de construir o processo do conhecimento. Assim, é necessário reconhecer que a entrevista não é uma ferramenta neutra. Por meio dela, busca-se entender não apenas o que os sujeitos fazem, mas compreender como vivem, levando a resultados baseados na contextualização e a história dos sujeitos (Minayo, 2013, p. 128).

O campo de pesquisa foi o Centro de Convivência do Idoso (CCI) de Maracanaú, representados pelos grupos dos CRAS, que participam semanalmente do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos para Idosos (SCFVI), assim

como também pessoas idosas que participam do *Chá Tecnológico e Social*, do Instituto para o Desenvolvimento Tecnológico e Social (IDEAR), que utilizam a tecnologia para se comunicar, assistir aulas, fazer curso à distância através dos *tablets* que receberam do projeto e de seus próprios recursos pessoais como os celulares.

Foram realizadas reuniões em que foi aplicada a técnica de grupo focal, buscando a participação verbal dos(as) idosos(as) que, por tendência demonstraram vontade de se expressar em grupo e falar de suas histórias de vida e superação, principalmente nos períodos de pandemia e agora na pós-pandemia.

A pesquisa teve o intuito de coletar dados que me proporcionaram a possibilidade de avaliar as dificuldades que surgiram naquele período mórbido e sem esperança, quando muitos permaneceram isolados, assim também como conhecer os aspectos que afligiram as pessoas idosas nesse processo novo de aprendizagem. Avaliei também o sentimento de satisfação de lidar com o novo e a capacidade de superação das pessoas idosas.

Dando continuidade, o próximo tópico foi a compreensão do fenômeno do ageísmo, da crença sobre a incapacidade dos(as) idosos(as) em reter novos aprendizados, que foram avaliados a partir de ferramentas digitais, como: entrevistas presenciais pelos métodos de análise de discurso, análise de conteúdo, história oral, grupo focal, e formulários do *Google*. Além disso, também foi feita pesquisa documental para o embasamento das leis e normativas da política.

O papel da pesquisa foi identificar os benefícios que a inclusão digital trouxe às pessoas idosas no período da pandemia, como também depois que foi controlada, com o retorno à “normalidade” sem o constante e iminente medo da morte, sem mais necessidade do isolamento social, o que contribui para a saúde mental e a melhora na qualidade de vida delas.

Procurei saber como esses conhecimentos desenvolveram a autonomia e independência na utilização das diversas ferramentas digitais, como: celular, *tablet* e *notebook*, dentre outros, sem necessitarem da ajuda de terceiros, como filhos(as) ou netos(as) para ações simples de receber e enviar mensagens, configurar o celular para evitar excessos de arquivos desnecessários, realizar chamadas de áudio e vídeo, fazer curso *on-line*, e usar aplicativos de banco.

Nos últimos anos, tem-se experimentado um rápido envelhecimento das populações, colocando os idosos como grupo etário emergente. Junto a essas transformações, vê-se a proliferação das tecnologias de comunicação e de informação. Isso tem despertado um grande interesse entre os idosos quanto ao aprendizado da informática, considerando os benefícios que ela pode oferecer às suas vidas (Kreis *et al.*, 2007, p.153).

São muitos os desafios que permeiam a vida dos(das) que já viveram bastante e continuam sendo produtivos(as) e se mantendo ativos(as) no mundo que em muitas situações os(as) discrimina e os(as) segrega, fato esse que ocorre no próprio núcleo familiar, que teria como papel primordial os(as) acolher, mas nem sempre isso ocorre.

Comumente o que acontece é o contrário, pelo abandono, pelo descaso, pela falta de paciência e tolerância em ensinar, com a mesma calma que os(as) idosos(as) fizeram com seus(suas) filhos(as) durante a criação deles(as). Principalmente com relação à tecnologia que requer um empenho ainda maior por parte de quem ensina, por requerer um empenho e zelo maiores para com os(as) aprendizes veteranos(as). Nesse sentido, realizei alguns encontros semanais para atender a contento ao que a pesquisa se propôs, concernente às pessoas idosas, contemplando os dois espaços já citados.

Todos os(as) entrevistados(as) assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE para autorizar seus depoimentos e a utilização dos dados coletados na pesquisa. Por fim foi desenvolvida uma análise dos dados coletados em campo, empiricamente, que foram categorizados, analisados e discutidos, objetivando responder aos objetivos da pesquisa.

Trabalhadores(as) valem pelo tanto que produzem, e isso é um agravante para os(as) desqualificar numa sociedade que os(as) julgam pelo esforço despendido e utilidade, e não pelo tempo que foram produtivos(as).

Dessa forma, avaliar os efeitos que o aprendizado teve na vida dos(as) meus(minhas) agentes sociais de pesquisa se somam à perspectiva do que teremos no nosso futuro, se quisermos atingir como eles(as) a idade avançada e mostrar o quanto produtivo as pessoas idosas e nós mesmos podemos ser úteis e funcionais no viés da tecnologia.

8 PESQUISA DE CAMPO

Enfim cheguei ao tão esperado campo de pesquisa, que veio justificar e corroborar ou não com a proposta do meu projeto de estudo, que teve início com minha formação da especialização e agora se finda com o mestrado.

A pesquisa aconteceu com minha ida a 3 (três) equipamentos da Secretaria de Assistência Social e Cidadania (SASC) de Maracanaú, para falar da pesquisa que iria realizar com as pessoas idosas dos CRAS Acaracuzinho, Timbó e Jereissati. Nestes participei dos grupos que fazem parte do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFVI), fiz entrevistas presenciais com idosos(as) em forma de questionário, inclusive com perguntas abertas, que constam no apêndice 2, no final do trabalho.

Também obtive contatos das pessoas idosas, com os responsáveis pelos grupos do IDEAR, que participam e/ou participaram do *Chá Tecnológico e Social* em qualquer das 3 (três) edições. Criei um grupo no aplicativo *Whatsapp* para apresentar a pesquisa e solicitar a participação deles(as) no preenchimento do formulário *Google*, visando avaliar se sabiam utilizar a tecnologia pelo celular.

Agora discorrerei à luz dos resultados obtidos durante a entrevista presencial e logo em seguida falarei dos dados do formulário *Google*. Foram realizadas um total de 21 entrevistas presenciais e 24 entrevistas *online*.

Preservei todas as perguntas com as respectivas respostas para valorizar a participação das pessoas idosas entrevistadas. Mantive as iniciais dos nomes de cada participante também pelo mesmo motivo de dar visibilidade ao compromisso que tiveram comigo e a disponibilidade de cada um, que manifestaram grande alegria em participar das entrevistas.

8.1 Entrevistas presenciais

Entrevista 1 – M.S.S.

Como foi o período da pandemia para você?

O período da pandemia, pra mim, foi um problema meio sério, porque eu moro em casa sozinha, né? E tudo que eu queria, gritava pela pessoa do mercantil pra trazer. Meu filho, que ia buscar meus remédios, e pagar uma conta, tirar o

dinheiro, era meu sobrinho, que meu sobrinho mora mais perto. Até passar mais a pandemia, foi que eu comecei a fazer uns cursos.

Me convidaram, uma colega minha pra ir para o CRAS, que me convidou para o CRAS, eu fui, e o CRAS me enviou para o IDEAR. Aí, me trouxeram até o Conselho.

Como você se comunicava com os familiares durante a pandemia?

Com o celular. O meu filho sempre ia pra lá em casa, toda quinta-feira ele ia pra almoçar comigo. E com os outros era o celular mesmo, o celular que eu usava.

O que mudou na sua vida da pandemia aos dias de hoje?

Eu faço muita coisa, muito conhecimento, eu faço muita aula, gosto muito de participar desses projetos. Aprendi a mexer no celular, aprendi a fazer crochê, aprendi a fazer um pouco de comida, que todos esses cursos eu fiz no IDEAR, online.

A senhora tinha algum equipamento tecnológico?

Sim, aí eles dão o tablet pra gente. Aí os cursos são pelo tablet.

O que aprendeu com esse projeto?

Com esse projeto eu aprendi a me comunicar melhor, um pouco, porque eu sou muito inibida por causa do grau de instrução que eu falei. Eu sou mais desinibida, mas dá pra passar nos meus saberes.

E aí os cursos? Quais são os cursos que a senhora fez, pelo IDEAR?

Eu fiz o curso de fotografia, curso de cultivo de plantas, curso de crochê, arte culinária. Um curso pra aprender... isso é digital, o que a gente faz pra aprender. É pra mexer no celular e saber como é que faz no caixa eletrônico, mexer no celular e. Essas coisas, é.

Que mudanças tem na sua vida depois dos projetos?

Mudança é eu ter mais é, mais conhecidos, pessoas mais amigas, saí de casa.

Você sofreu alguma discriminação durante o processo de aprendizagem das novas tecnologias?

Não. Do IDEAR, eu não sofri nada. São pessoas maravilhosas como vocês aqui do CCI. Eu que queria desistir, e elas não deixaram que eu desistisse, porque elas me incentivaram bastante. Não, a senhora vai aprender, a senhora vai aprender. E de repente eu aprendi, deu certo. Foi difícil não, pra manusear o tablete num instante deu para aprender.

A senhora participa de qual projeto? Do CCI ou do IDEAR?

Dos dois, o projeto Chá Tecnológico e o CRAS, CCI e o IDEAR.

Entrevista 2 - M.D.L.B

Como foi o período da pandemia para você?

Para mim foi bom. Fiquei em casa, assistindo televisão, fazendo meus crochês. Não teve diferença nenhuma.

Como vocês comunicavam com seus familiares?

Por telefone. Celular, né.

Na sua vida, da pandemia aos dias de hoje? O que mudou? Teve alguma diferença da pandemia para você?

Não teve, não. Mudança nenhuma, não. A pandemia não me afetou nada.

Utiliza ou utilizou algum meio eletrônico durante a pandemia?

Somente celular.

Aprendeu algo novo com os projetos durante a pandemia e hoje em dia?

Aprendi jardinagem, crochê, culinária.

Você participa ou participou do projeto do CCI 6.0 e do projeto Chá Tecnológico Social?

Eu participei. Até hoje, no momento, eu participo.

O que você aprendeu com os projetos?

O que eu aprendi foi fazer novas amizades e o que eu falei, culinária essas coisas.

Que mudança você nota na sua vida com os projetos?

A mudança, sim. Aprendi novas coisas, novos conhecimentos.

Sofreu alguma discriminação durante o processo de aprendizagem dessas tecnologias?

Não.

Em algum momento você se achou incapaz de aprender esses novos conhecimentos?

Incapaz? Não. Sou capaz. Eu era capaz. Eu vou aprender e aprendi.

Entrevista 3 - J.H.S**Como foi o período da pandemia para você?**

O período da pandemia eu não saía para shop, para nada. Eu só saía de casa para o trabalho e me confinar no trabalho. E era aquele medo de pegar aquela doença, usava duas máscaras, toucas. Chegava no trabalho, tomava banho, trocava roupa, podia começar a trabalhar. E quando chegava em casa, mesmo ritual. E foi isso, graças a Deus eu tirei o tempo sem adoecer.

Como você se comunicava com os familiares na pandemia?

É só através das redes sociais, telefone, celular e isso.

O que mudou na sua vida da pandemia aos dias de hoje?

Ah, depois passou essa onda de muita doença, né? Chamada pandemia. Não terminou a doença, ainda não foi radicada, mas a gente não tem nem comparação. É como se a gente tivesse parado aquele período e a gente passou a viver socialmente, que é muito bom conviver com as pessoas.

Você utiliza ou utilizou algum meio eletrônico durante a pandemia?

Eletrônico?

Não, só a TV mesmo, só a TV e o celular mesmo.

Aprendeu algo novo da pandemia para os dias de hoje?

Aprendi, aprendi que a gente tem que sempre ter cuidado, como estiver em multidão. Para não ter que pegar a doença respiratória, é bom usar a máscara sempre quando está em multidão.

Você participou ou participa do Chá Tecnológico Social e dos projetos do CCI?

Sempre do CCI só algumas visitas, mas do chá tecnológico comecei agora nesse mês que estou gostando demais e quero ir até o final.

O que você aprendeu com o projeto Chá Tecnológico Social? Qual foi o curso que você fez?

Eu comecei agora. Estou no início fazendo desenvolvimento cognitivo. É muito bom para mim.

Quais mudanças você teve na sua vida com os projetos?

Teve uma mudança muito grande, porque eu me sentia muito isolada, porque filho é muito bom, mas eles não dão muita atenção à gente. E a gente quando está nesses grupos, a gente fortalece o vínculo, conhece novas pessoas, faz novas amizades, é maravilhoso.

Você sofreu alguma discriminação durante o processo de aprendizagem das novas tecnologias?

Não, graças a Deus.

Em algum momento, você achou incapaz de aprender?

Não, eu sempre achei capaz de aprender. Estou tendo muita dificuldade em aprender libras, mas eu vou conseguir. Mas no projeto não? Não teve nenhuma dificuldade? Não, não tive nenhuma dificuldade.

Entrevista 4 – M.M.B.S

Como foi o período da pandemia para você?

Para mim não foi legal, porque tive muitas percas, né? Perdi irmão, irmã, cunhada, não gosto nem de falar.

Como você se comunicava com os familiares?

Através dos outros, né. Porque eu mesmo tenho um pavor, né. A tecnologia nova, eu me comunicava através dos outros.

O que mudou na sua vida da pandemia para cá, nos dias atuais?

Eu fiquei, mesmo com o coração partido, eu fiquei mais comunicativa, porque antes era muito fechada.

Com a pandemia começou a você a se comunicar mais?

É, eu fiquei mais comunicativa com o povo. Valorizei mais a vida

Utilizou algum meio tecnológico durante a pandemia?

Não.

Celular, tablet?

Como eu digo, eu não usava tablet, eu não usava celular, eu não usava nada. Era só mesmo através dos outros. Aí às vezes botava pra eu escutar, eu falava, mas eu não pegava.

O que você aprendeu com os projetos? Fez cursos? Quais foram os cursos que você fez e quem aprendeu?

O curso que eu fiz mesmo foi só de... Comunicação. É, aprendi a me comunicar mais com o povo, através do tablet.

Você nota alguma mudança na sua vida com os projetos?

É como eu já falei, eu noto, porque antes eu era muito fechada em mim mesma. E agora eu não sou, graças a Deus, eu não sou mais fechada.

Agora você já utiliza os meios tecnológicos?

Não, não consigo ainda os meios tecnológicos.

Sofreu alguma discriminação durante o processo de aprendizagem das novas tecnologias?

Não.

Achou que em algum momento era incapaz de aprender algum conhecimento tecnológico?

Eu achei e ainda me acho.

Entrevista 5 – M.G.C.M.**Como foi o período da pandemia para você?**

Para mim foi um período que atrapalhou muitas coisas, porque a gente não podia sair, não podia ir em busca das coisas que a gente precisava, mas deu para superar.

Como você se comunicava com os familiares?

Muito bem, graças a Deus houve uma comunicação muito bem, foi o momento da gente também se reunir mais, se unir mais, porque era a única pessoa que a gente poderia estar mais junto, era a nossa família.

O que mudou na sua vida da pandemia os dias de hoje?

Na pandemia deu para a gente aprender mais coisas, coisas que a gente deixava para trás, por exemplo, a união, foi o momento de que a gente se uniu mais, com certeza, isso aí eu aprendi muitas coisas.

Você utiliza ou utilizou algum meio eletrônico durante a pandemia?

Sim, o celular.

Você aprendeu algo novo da pandemia até os dias atuais?

Com certeza. Por que foi um período em que a gente aprendeu muitas coisas, sim. Através da tecnologia, deu pra gente aprender várias coisas.

Você participa ou participou do Chá Tecnológico Social e do projeto CCI?

Sim, participei dos dois

O que você aprendeu com esses projetos?

Aprendi a usar melhor o telefone. Também aprendi cântico, entrei na aula de cântico. Foi muito bom, muito maravilhoso.

Que mudanças você nota na sua vida com os projetos?

É uma mudança, sim, que a gente tem mais. Mas a liberdade de conversar, de dialogar, de brincar, foi um momento muito bom, agradável mesmo para a gente se sair mais.

Quais foram os cursos que você fez?

Eu fiz música e fiz arte manual, Eu fiz como lidar com o telefone, com as contas bancárias.

Você sofreu alguma discriminação durante o processo de aprendizagem da nova tecnologia? Alguém disse que você não era capaz?

Não, muito pelo contrário. Muitas pessoas me disseram, faça, principalmente, meus filhos. Faça, mãe, que isso é muito bom.

Em algum momento, você se achou incapaz de aprender novos conhecimentos?

Não, não. De jeito nenhum.

Entrevista 6 – J.O.F.

Como foi o período da pandemia para você?

A pandemia foi difícil, né? Ficou isolada, muito tempo, né. Muito medo de pegar a doença, né. Mas, basta dar o teu certo, né. Estamos aqui.

Como você se comunicava com os familiares?

Sempre eles ligavam para mim. E quando eu ia lá em casa, eles tinham

com maior cuidado, né? Com massa, que era tanto ele como eu. Higienizava as mãos. Ficava longe de mim, um pouco distante.

O que mudou na sua vida? Da pandemia aos dias de hoje?

Bom, mudou assim, porque a gente tem que dar valor mais à vida, né? Ter mais cuidado com a saúde. E foi uma coisa assim que a gente não esperava aparecer de uma hora para a outra, mas graças a Deus a gente venceu essa batalha, né? Muito se for. Mas outros conseguiram se sair, né? Pra graça de Deus, a gente conseguiu.

Utilizava algum meio tecnológico na pandemia para se comunicar?

Só o telefone, só o celular.

Aprendeu algo novo da pandemia para cá? Fez algum curso, está fazendo cursos pelo IDEAR, o chá tecnológico, o que a senhora está aprendendo?

O chá tecnológico, eu entrei agora pouco, e eu estou gostando bastante porque está me ensinando a me desenvolver mais na parte da tecnologia, que muitas coisas eu ainda não sabia, né? E eu estou começando a aprender agora, fazer muitas coisas.

Quais são os cursos que a senhora está fazendo?

Por enquanto, nós estamos... Começamos a vai aprender a utilizar. O celular, o WhatsApp, essas coisas, essas redes sociais, né? Tem muitas coisas que a gente não sabe, né?

Você sofreu alguma discriminação durante o processo de aprendizagem das novas tecnologias?

Não. Não.

Já se achou incapaz, em algum momento, de aprender?

A gente tem que ter um. A gente se esforça, né? A gente, na primeira vez, a gente não consegue, mas vai tentando, tentando até que a gente pegue o fio da miada.

Entrevista 7 – M.S.B.P.

Como foi o período da pandemia para você?

Ah, passou minha casa, né? Só se comunicando com o telefone, celular. Se comunicava com as famílias pelo telefone? É, só.

O que mudou na sua vida da pandemia aos dias de hoje?

Ah, mudou muita coisa, né? Ficou melhor, mais o contato com os filhos, com as pessoas. E eu voltei a participar dos eventos, da igreja, de tudo.

Utiliza ou utilizou algum meio tecnológico durante a pandemia?

Não, só o celular mesmo.

Apreendeu algo novo da pandemia até os dias atuais?

Apreendi, só assim, eu vim sair para o CRAS, para a igreja, sair mais de casa, que eu vivia mais de casa.

Você participa do Chá Tecnológico Social e do CCI, ou dos dois?

Dos dois.

O que você aprendeu com os projetos, tanto do IDEAR quanto do CCI?

Ah, aprendi muita coisa. Eu fiz o curso Chá Tecnológico Social, participo do Coral, do IDEAR.

Que mudanças você nota na sua vida dos projetos?

Ah, mudou muita coisa. Eu vivia dentro de casa, agora eu saio. Eu era muito tímida e com os projetos eu fiquei mais sociável. Ah, foi. Aí também participe do Conselho do Idoso, né, em Maracanaú.

Sofreu alguma discriminação durante o processo de aprendizagem, se alguém disse que não era capaz de fazer?

Não, não, não. Só os filhos que diziam assim, vai se meter em tudo, fica em casa. Eu dizia: Ficar em casa não, vou fazer mais coisa.

Em algum momento você se achou incapaz de aprender algo novo com as tecnologias?

Achei, mas consegui fazer. Fui, consegui.

Entrevista 8 – M.I.O.

Como foi o período da pandemia para você?

O período da pandemia para mim foi muito triste, porque eu chorava muito. Dentro de casa trancada, não saía.

Como você se comunicava com seus familiares?

Com celular.

O que mudou na sua vida da pandemia aos dias de hoje?

Mudou muita coisa, porque eu aprendi muita coisa e estava muito resguardada dentro de casa. Eu não saía, porque eu saía somente para botar o lixo lá fora. Meu filho não deixava eu sair. Não ia no mercantil, não ia para canto nenhum, só dentro de casa mesmo.

Você utilizou ou utiliza algum meio eletrônico?

Celular. O tablet, eu não... só mesmo para assistir o curso, e agora que ele vai desatualizar, né? É que eu vou... Eu também, o pessoal, não botei nada.

Você aprendeu algo novo na Pandemia até os dias atuais?

Aprendi assim, eu fiquei muito triste, eu chorava muito, pensando nos meus filhos, na minha mãe.

Aprendeu algum conhecimento novo com os projetos, algum curso, fez algum curso?

Fiz de desenvolvimento cognitivo, foi que eu aprendi muito, que desenvolvi escrever meu nome que eu não sabia mais, e outras coisas, fiz ginástica que é muito bom, ginástica em casa, arte culinária que eu aprendi alguma coisa. Às vezes eu não sabia fazer as respostas meu menino ensinava porque ele é professor de informática. Minha filha vem dizer assim: a mamãe tem que raciocinar pra

aprender as coisas, eu dizia, mas meu filho eu esqueço, eu esqueço, na mesma hora que eu aprendo eu esqueço porque eu sou muito esquecida, pois é depois eu ensino.

Que mudanças que aconteceram na sua vida com os projetos?

Mudou muita coisa, porque eu fiquei mais comunicativa, porque eu não sou muito comunicativa, mas aprendi um pouco, né.

Sofreu alguma discriminação para aprender esses novos conhecimentos?

Não.

Você já se achou incapaz de aprender os novos conhecimentos?

Não, às vezes eu me achava incapaz. Aí meu filho dizia assim, mais minha filha, mamãe aprende, preste atenção que a senhora aprende.

Entrevista 9 – M.B.L.

Como foi o período da pandemia para você?

No começo da pandemia, eu tive muita ajuda do pessoal do CCI, não entrei em depressão, graças a Deus, que passavam exercícios.

Como você se comunicava com os familiares?

Comunicava através do celular, tablet.

O que mudou na sua vida da pandemia aos dias de hoje?

É a liberdade, né. A gente poder abraçar as pessoas que a gente ama, a gente pode passear, mudou muita coisa. Eu sou feliz, graças a Deus, hoje, com a minha família.

O que você aprendeu com os projetos?

Arte culinária. Como plantar as plantas, né, teve atividade física, jardinagem, teve atividade para memória sim.

Você participa do projeto 6.0 do CCI ou do Chá Tecnológico Social?

CCI. Dos dois.

Que mudanças você nota na sua vida com os projetos?

Fiquei mais social, a gente se comunicando, né? Aprendi a se comunicar com as pessoas, as novas amizades, né? Fiz muitas amizades.

Em algum momento sofreu discriminação durante o processo de aprendizagem das novas tecnologias?

Não. Quem não sabia tinha os professores para explicar com a maior educação deles.

Em algum momento, você se achou incapaz de aprender os novos conhecimentos tecnológicos?

No momento eu achei, mas como tem as pessoas que ensinam, não tem nada difícil.

Como foi que você aprendeu a usar o celular? O que você aprendeu?

A baixar o aplicativo para pegar o Uber, do dinheiro que eu não sabia. No caixa eletrônico eu tirava meu dinheiro e hoje eu já sei tudo através dos cursos que eu fiz.

Entrevista 10 – E.S.R (Não participou dos Projetos)

Como foi o período da pandemia para você?

Para mim foi muito triste, né Porque eu não podia sair só dentro de casa, né. Aí a minha vizinha Célia batia no portão, mulher sai aqui fora quando ela ia ficar conversando um pouquinho porque aí dentro você ia ficar mais doente, entendeu?

Como você se comunicava com os familiares?

A custa de telefone, né? Com meus filhos.

O que mudou na sua vida da pandemia aos dias de hoje?

Minha filha mudou, né? Que eu vivo bem na minha casa, né? Tenho

minha casa, minha casa é própria, vivo bem, né? Ganho meu dinheirinho, mas eu não... um dinheiro que eu ganho, pouquinho. Eu não tenho direito a décimo, sabe? Como é que chama? BPC? BPC, né? Aí o banco que eu recebo é Itaú, botar na minha cabeça para eu fazer um empréstimo, estou atolada, recebendo 600 e poucos, 600 reais não dá pra nada, a minha luz vem.

A senhora aprendeu alguma coisa durante a pandemia, pra cá, algum meio tecnológico, aprendeu a usar o celular, alguma coisa assim?

Não, o meu celularzinho daqueles pequenininhos eu faço só atender e ligar pra meus amigos, quando eu tô com vontade de ligar pra meus amigos, vai precisar botar 20 reais de crédito.

Você participa do projeto do CCI 6.0 ou do IDEAR?

Do IDEAR não, né? Tô com vontade de fazer essa matrícula pra ver se eu aprendo a fazer as coisas que tenho pra fazer, pra aprender crochê, aprender ponto de cruz, que eu tenho vontade, eu tento procurar uma coisa que eu tenho vontade.

Então a senhora participa só do CCI?

É

Que mudanças você nota na sua vida? Com o projeto do CCI?

Olha, mudou muito a minha vida, né? Porque quando eu era casada, eu sofria muito no poder do marido, porque ele bebia muito. Então, eu mudei, eu senti muito a morte dele, mas agora eu vivo bem. Tenho sossego, né?

Sofreu alguma discriminação para aprender alguma coisa nova?

Não.

A senhora acha que é incapaz de aprender novos conhecimentos?

Não é, eu acho. Acho assim, difícil, né? Mas vou tentar, né? O que vale é tentar, né?

Entrevista 11 – D.S.M. (Não participou dos projetos)**Como foi o período da pandemia para você?**

Ah, para mim, eu achei normal, porque eu não saía de casa, né? Mas era comunicar aos meninos que era lá em casa meus filhos, né? Que eles iam lá em casa, tudinho, para saber como era que eu estava, né? Mas, um dia mais não.

Então eles iam na sua casa, vocês comunicavam com eles desse jeito?

Era, exatamente.

Como você se comunicava com os familiares durante a pandemia? Usava algum meio tecnológico? Telefone?

Não, só a filha de Fortaleza, era que às vezes eu ligava para a minha filha aqui né, aí falava comigo, a que morava em Fortaleza.

O que mudou na sua vida da pandemia aos dias de hoje?

Ah, mudou assim, porque eu comecei a participar dos grupos, né? Foi que voltaram tudo de novo, né? A física, eu parei só uns três meses, mais ou menos, aí quando voltou foi pela noite, né, mas eu ia à noite, eu passei para a noite, aí depois passou para o dia, né, pela manhã, aí passei para fazer de manhã.

O que você aprendeu, de novo, da pandemia para os dias de hoje?

Não, eu aprendi assim, porque devido, né, ter começado os grupos, né, aí comecei a frequentar.

A senhora não participou, então, do projeto do IDEAR, da tecnologia, nem do projeto 6.0, no tempo da pandemia, não, né?

Não, não participei, não.

O que você nota de mudança na sua vida, da pandemia para cá?

Ai, porque apresentou tanta doença, né.

A senhora gosta de utilizar alguma tecnologia em casa? Celular, tablet?

Não, nenhum dos dois.

Você se acha incapaz de aprender algum conhecimento tecnológico?

Eu não. Eu não gosto, tenho outras coisas em casa pra fazer.

Entrevista 12 – S.L.B (Não participou dos projetos)

Como foi o período da pandemia para você?

Não foi tão ruim, não, graças a Deus. Não morreu ninguém da minha família dessa época. Só pessoas amigas faleceram.

Como você se comunicava com os familiares durante a pandemia?

Muito pouco, porque a minha família é pequena. Só a filha, a neta e o genro, moram comigo, é.

O que mudou na sua vida da pandemia aos dias de hoje?

Quase nada.

Aprendeu algo novo na pandemia, algum conhecimento novo?

Eu aprendi que a gente vê o quanto foi difícil. Para mim não foi, porque eu estou vencendo. Mas acredito que teria sido muito difícil para muita gente. E para as pessoas também acreditarem mais em Deus. Porque as pessoas julguem, estão afastadas de manter a gente. Não precisam de alguma coisa dessas para...

A senhora utilizou ou utiliza algum meio eletrônico, alguma tecnologia?

Não. Só o celular mesmo. Só o celular? É.

Participou ou participa de algum projeto do IDEAR, do Centro de Convivência do Idoso, do CCI?

Só aqui no CRAS.

Que mudanças você nota na sua vida com o projeto do CCI, que a senhora participa? Aprendeu algo novo?

Aprendi sim a amizade, a gente tem que se comunicar.

Sofreu alguma discriminação, alguma vez, de achar que não ia conseguir aprender algo?

Não.

A senhora se achou incapaz de prender alguma coisa nova?

Não, porque isso aí depende da gente querer mesmo, querer é poder.

Entrevista 13 – M.R.S. (Não participou dos Projetos)

Como foi o período da pandemia para você?

Foi horrível. Como? Não sei, muita coisa difícil, né? A pessoa não podia trabalhar, outros doentes. Sem ter as coisas também. Só recebe, só o benefíciozinho, né?

Como você se comunicava com os seus familiares?

Sim, ligava. Era difícil vir um para conversar.

O que mudou na sua vida da pandemia aos dias de hoje?

Muita coisa. A gente já se comunica com as pessoas mais, já tem mais contato com aquelas coisas, vai num posto, já tem atendimento bem. É isso.

Você utilizou ou utiliza algum aparelho eletrônico tecnológico para se comunicar ou para fazer alguma atividade?

Não, não tenho celular. Só tem meus filhos, meus filhos têm, mas eu não tenho.

Aprendeu algo novo durante a pandemia?

Não, só mesmo as coisas de casa, cozinhar, passar, lavar, só mesmo.

Você participa do projeto do IDEAR ou do Centro de Convivência do Idoso, do projeto 6.0,?

Não. Não, fui nenhuma vez

Você já sofreu alguma discriminação para aprender novos conhecimentos?

Não

Acha que é capaz de aprender novos conhecimentos?

Acho que sim.

Entrevista 14 – M.E.R.L. (Não participou dos Projetos)

Como foi o período da pandemia para você?

Muito difícil. Peguei depressão, não saí de casa. Foi muito difícil mesmo, complicado.

Como você se comunicava com os familiares?

Pelo telefone, meus filhos nunca deixaram de andar lá em casa. Sempre eles andaram lá em casa. Meu filho é casado, sempre está em casa, junto comigo, perguntando o que eu estou precisando. São muito bons, graças a Deus, mas foi difícil.

O que mudou na sua vida da pandemia aos dias de hoje?

Ai, eu me sinto mais feliz. Ajudo mais o próximo, eu gosto de ajudar da maneira que eu posso, eu gosto de ajudar as pessoas, entendeu? E me sinto mais feliz.

Utilizou ou utiliza algum meio eletrônico durante a pandemia? Telefone, tablet?

Não. Não uso nada

Aprendeu algo novo da pandemia até os dias de hoje? Aprendeu nada, não fez nenhum curso? Do CCI também não aprendeu?

Não, eu só ando de casa mesmo, na luta de casa.

Não participa do projeto IDEAR e nem do Chá Tecnológico, nem do projeto 6.0?

Ainda não, mas tenho vontade.

Já sofreu alguma discriminação de alguém dizendo que a senhora não é capaz de aprender alguma coisa?

Não, sempre as pessoas, principalmente meus filhos, me incentivam.

Incapaz de aprender?

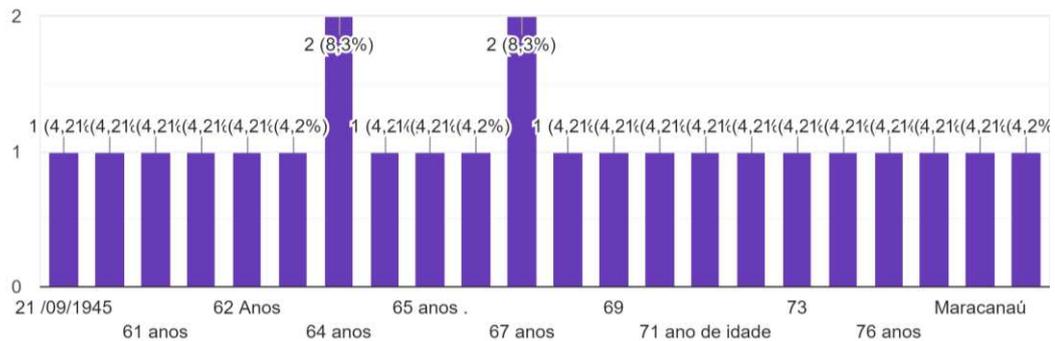
Não.

8.2 Entrevistas via Formulário Google

- **Dados pessoais**

Gráfico 1 - Qual sua idade?

24 respostas



Fonte: Formulário Google

Gráfico 2 - Qual seu bairro?

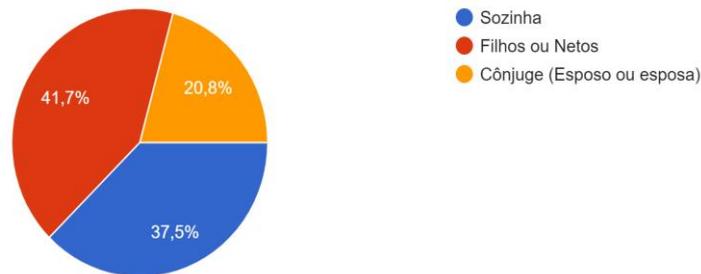
24 respostas



Fonte: Formulário Google

Gráfico 3 - Mora com quem?

24 respostas



Fonte: Formulário Google

1. Como foi o período da pandemia para você?

Entrevista 1 - M.C.O.V. - Aprendendo usar o celular agradecida ao Instituto IDEAR que me ensinou a usar o celular online....

Entrevista 2 - F.A.P. - Pra mim foi horrível, ficar trancada dentro de casa, de máscara, morria de medo até de ouvir a voz das pessoas lá fora.

Entrevista 3 - M.A.A.S. - Foi ruim, porque todo mundo ficou preso em casa.

Entrevista 4 - J.M. - Muito triste por conta das pessoas amigas que perdemos

Entrevista 5 – F.F.C.S.- Foi Muito complicado

Entrevista 6 – F.G.A. - Muito difícil pois agente tivemos de ser isolado de tudo e de todos

Entrevista 7 – M.A.S. - Muito ruim

Entrevista 8 – F.M.M.P. - "Muito difícil. Ensolamento aprende amar mais a minha família e o próximo.

Entrevista 9 – G.M. - Foi um período muito difícil. O isolamento social me trouxe uma crise de ansiedade muito grande, pensei que estava infartando. Em um momento ao pegar o celular assisti ao vídeo de uma jovem que teve os mesmos sintomas que eu, só depois entendi o que estava acontecendo. Na TV só passava tragédia. Um dia em uma Live a Julyana formou um grupo do CCI e eu pedi pra ela me colocar, foi meu primeiro contato com um grupo online, eram passadas as mesmas atividades que fazíamos presencialmente no CCI, o que ajudou a lidar com a situação. Gravamos vídeos com o tema de carnaval, São João, semana do bebê e cantos de ninar. Através do CCI conheci o Instituto Idear. Fiz minha inscrição, iniciei minhas aulas e ainda lembro do meu primeiro curso, que foi inclusão digital,

ganhei um Tablet, senti vontade de desistir do curso, pois eu não sabia mexer no aparelho, eu olhava e não entendia nada, eu pensava que as aulas ia ser presenciais mas continuaram online. Logo no início foi difícil, mas aos poucos fui me identificando com o aparelho, quando eu ouvia alguém dizer: tirei uma foto e vou postar nos meus status, eu me perguntava o que era, mas eu tinha vergonha de perguntar como fazia. Eu também não sabia fazer pesquisas na internet, como pegar a receita de um bolo, mas hoje, graças ao pessoal do Idear eu sei fazer tudo isso, conheço todos os botões de um Tablet e suas funções. Eu só tenho a agradecer a Julyana por ter me inscrito no projeto, ao pessoal do CCI e Idear.

Entrevista 10 - M.M. - Foi bom, ninguém da minha casa adoeceu, tive suporte dos meus filhos.

Entrevista 11 – F.D.P.S. - Foi muito ruim.

Entrevista 12 – A.C.F. - Pra mim graças a Deus foi bem aqui na minha casa ninguém adoeceu

Entrevista 13 – R.M.V.S. - Eu me saí bem.

Entrevista 14 – N.V. - Angustiante, mas confiante em Deus meu refúgio na tributação.

Entrevista 15 - M.A. - Sem muitos problemas

Entrevista 16 – T.T.R. - Muito difícil. Em todos os sentidos.

Entrevista 17 – L.M.S. - Foi horrível porque perde à minha mãe

Entrevista 18 – M.B.L. - "Na pandemia o pessoal do CCI comunicava diariamente com a gente fazia exercício online nós dançava foi muito bom aprendi muita coisa com eles só tenho que agradecer a Deus"

Entrevista 19 – I.M.S. - Me comoveu muito por pensar nas minhas amigas que ficaram trabalhando no hsj por que eu tinha me aposentado perdi amiga que lá trabalhavam

Entrevista 20 – M.L.G.L. - Todos dentro de casa

Entrevista 21 – T.M.C.S. De muita aprendizagem

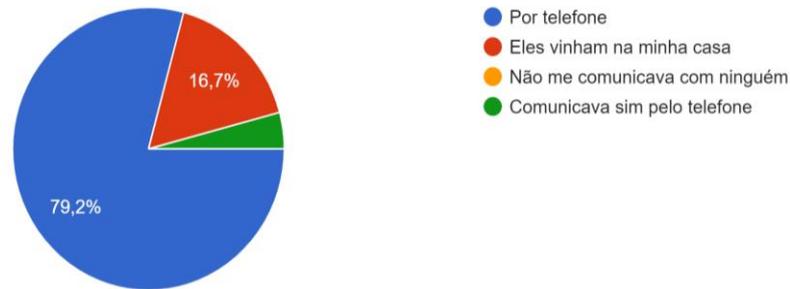
Entrevista 22 – M.F.A. - Muito difícil foi um ano de muitas dores muitas perdas foi um ano muito triste de muita revolução e sofrimento com tudo que aconteceu deus escolheu nós conta graças a deus só gratidão deus é tudo na nossa vida amém.

Entrevista 23 – R.S.A. - Muito ruim.

Entrevista 24 – J.F.S. - Foi difícil, mas consegui, atravessei as barreiras e estou aqui, graças a Deus

Gráfico 4 - Como você se comunicava com os familiares?

24 respostas



Fonte: Formulário Google

2. O que mudou na sua vida da pandemia aos dias de hoje?

Entrevista 1 - M.C.O.V. - Aprendi comunicar-me através do celular no WhatsApp, Facebook, Instagram e outros.

Entrevista 2 - F.A.P. - Mudou muito a vida da gente, eu fiquei mais doente, saúde mental

Entrevista 3 - M.A.A.S. - Cuidados com a saúde e as vacinas

Entrevista 4 - J.M. - Ficar mais tempo dentro de casa

Entrevista 5 - F.F.C.S.- Mudou Tudo Antes Era Todos em Casa Hoje Somos Livres Mas Com Todo Cuidado

Entrevista 6 - F.G.A. - A liberdade está sendo devolvida aos poucos

Entrevista 7 - M.A.S. - Minha ansiedade e meus medos aumentaram para certos tipos de doenças

Entrevista 8 - F.M.M.P. - Mudou tudo, graças à Deus, paz liberdade e saúde.

Entrevista 9 - G.M. - A liberdade de voltar a sair e o conhecimento digital.

Entrevista 10 - M.M. - Uso de máscara e de álcool; aumentei o uso das redes sociais.

Entrevista 11 - F.D.P.S. - Eu aprendi com esse período a amar ainda mais a vida.

Entrevista 12 - A.C.F. - Não mudou nada tudo continua do mesmo jeito

Entrevista 13 - R.M.V.S. - Passei a estudar mas.

Entrevista 14 - N.V. - Um pouco ansiosa

Entrevista 15 - M.A. - Ter mais paciência quando tenho que esperar por alguma coisa

Entrevista 16 - T.T.R. - Mudou pouco, porque deixou muitas sequelas.

Entrevista 17 - L.M.S. - Só orar mais e pede à Deus livramento pra me e para o mundo todo."a nossa Liberdade poder abraçar a família"

Entrevista 18 - M.B.L. - Meu crescimento espiritual, solidário humanitário gratidão

Entrevista 19 - I.M.S. - Gratidão por estar bem e minha família e cuidar mais da saúde etc

Entrevista 20 - M.L.G.L. - Cuidado com a saúde

Entrevista 21 - T.M.C.S. Graças a deus foi uma mudança muito grande hoje mim sinto

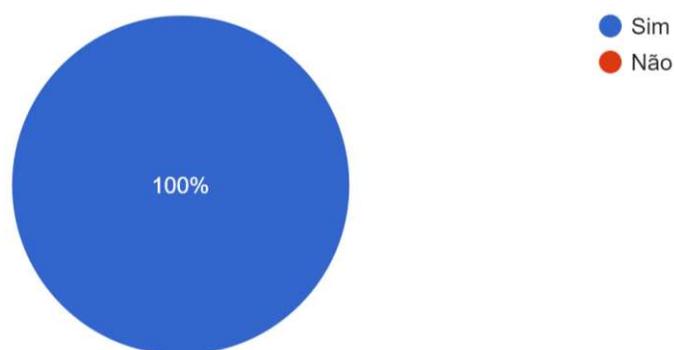
Entrevista 22 - M.F.A. - Agradecida adeus por te me escolhido fica e hoje estou contando minha história de vida graças a deus.

Entrevista 23 - R.S.A. - Agradeço a Deus e valoriso mais a vida,por esta aqui .

Entrevista 24 - J.F.S. - O cuidado, a higienização, contatos e a humildade

Gráfico 5 – Você utiliza ou utilizou algum meio eletrônico durante a pandemia?

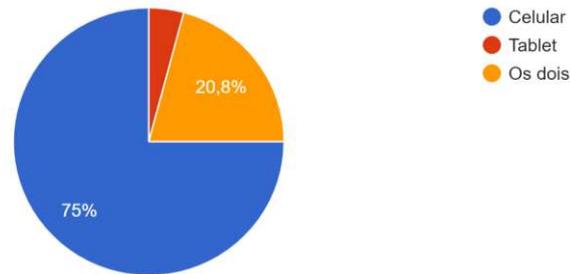
24 respostas



Fonte: Formulário Google

Gráfico 6 - Caso tenha utilizado algum meio eletrônico, qual foi?

24 respostas



Fonte: Formulário Google

3. Você aprendeu algo novo da pandemia até os dias atuais? O que?

Entrevista 1 - M.C.O.V. - Sim fiz 15 curso no Instituto IDEAR hoje faço parte do coral do Instituto IDEAR

Entrevista 2 - F.A.P. - aproveitar o presente, viver o hoje e não ter medo de arriscar, me atualizei das redes sociais, falar com as pessoas distantes, comodidade de fazer pagamentos.

Entrevista 3 - M.A.A.S. - Aprendi a usar mais as ferramentas do celular nas redes sociais.

Entrevista 4 - J.M. - Sim, curso se cântico, coral....

Entrevista 5 - F.F.C.S. - Sim Lavar Sempre As Mãos E Em Ambiente Fechado Usar Máscara

Entrevista 6 - F.G.A. - Prevenção é o único meio

Entrevista 7 - M.A.S. - Sim Aprendi a dar mais valor a minha vida e me amar mais

Entrevista 8 - F.M.M.P. - Sim Aprendi a dar mais valor a minha vida e me amar mais aprende sim, muito grada à Deus por está com vida e minha familia e a cada dia apredendo mais, com todas as dificuldades que passamos , estamos em paz.

Entrevista 9 - G.M. - Aprendi que podemos conhecer um lugar sem sair de casa, conheci o museu de Roma, o que não era possível no momento, hoje posso ir em qualquer lugar pelo celular.

Entrevista 10 -M.M. - Fiz cursos sobre redes sociais, cultivo de plantas e crochê.

Entrevista 11 - F.D.P.S. - Sim. A utilizar o celular de firma mais evoluída,

pois até em tão era só o básico que sabia usar.

Entrevista 12 - A.C.F. - Ser prestativa olha mais para o próximo

Entrevista 13 - R.M.V.S. - Passei a usar mas o celular.

Entrevista 14 - N.V. - Valorizar os momentos com a família e amigos, não deixar pra depois.

Entrevista 15 - M.A. - Utilizar mais a Internet

Entrevista 16 - T.T.R. - Sim: Ser mas compreensiva com o próximo mesmo que não seja família, somos todos iguais.

Entrevista 17 - L.M.S. - Foi te cuidado com à saúde física e mental.

Entrevista 18 - M.B.L. - Fez curso pelo ideal

Entrevista 19 - I.M.S. - Em ser uma pessoa melhor é o que eu posso ao nosso Deus todos dias

Entrevista 20 - M.L.G.L. - Sim, aprendi mais valorizar minha família e ao próximo.

Entrevista 21 - T.M.C.S. A dá mais importância a vida e ao próximo

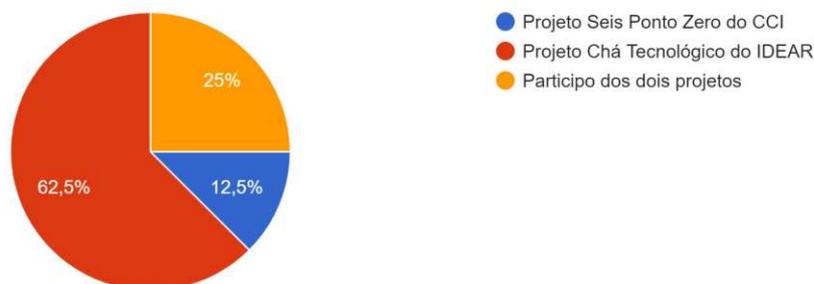
Entrevista 22 - M.F.A. - Sim com certeza cuidar dá saúde fazer esporte algo como nataçãõ cuida mais e mais da alimentação se cuidar melhor.

Entrevista 23 - R.S.A. - A ser mais cautelosa e não permanecer em ambiente fechado com muitas pessoas. Pois o vírus ainda não foi exterminado.

Entrevista 24 - J.F.S. - Aprendi a ser mais comunicativo e humildade.

Gráfico 7 - Você participou e/ou participa dos Projetos Seis Ponto Zero, e Chá Tecnológico e Social?

24 respostas



Fonte: Formulário Google

4. O que você aprendeu com os projetos?

Entrevista 1 - M.C.O.V. - A comunicar-me através do celular e cantar no coral.

Entrevista 2 - F.A.P. - Foi muito bom, porque eu aprendi muito sobre a tecnologia,

Entrevista 3 - M.A.A.S. - Prática de atividades físicas.

Entrevista 4 - J.M. - Me desenvolvi mais com a música

Entrevista 5 - F.F.C.S. - A usar O Celular E Aprendi A Economizar As minhas Finanças

Entrevista 6 - F.G.A. - Educação financeira mexer com celular WhatsApp etc.

Entrevista 7 - M.A.S. - Aprendi a fazer algumas coisas no celular

Entrevista 8 - F.M.M.P. - "Aprende muito⁸ com a nova tecnologia celular e mais."

Entrevista 9 - G.M. - Aprendi na aula de finanças que tenho que lidar com o meu próprio dinheiro, saber como usar o cartão de crédito, só comprar o que preciso, ser prudente e escolher o melhor momento de comprar, de preferência quando fecha a fatura, fazer lista pra ir ao supermercado e só trazer o que tem nela, pra não gastar além do necessário e programado.

Entrevista 10 - M.M. - Utilizar melhor o celular e as redes sociais.

Entrevista 11 - F.D.P.S. - Aprendi usar de forma mais aprofundada o celular e ter outros conhecimentos de outros trabalhos realizados nos projetos.

Entrevista 12 - A.C.F. - Redes sociais, fazer pesquisa, instalar aplicativos etc.

Entrevista 13 - R.M.V.S. - Manusear melhor o celular. Hoje eu sou bem informada nas redes sociais.

Entrevista 14 - N.V. - Usar melhor o celular, cuidar da saúde mental, c

Entrevista 15 - M.A. - Usar a Internet com mais confiança, saber mais dos direitos do idoso

Entrevista 16 - T.T.R. - Muito, pesquisar no Google com segurança, chamar uber estalar app, usar aplicativos bancários etc.

Entrevista 17 - L.M.S. - Aprendi vários cursos e gostei de todos.

Entrevista 18 - M.B.L. - "A usar o telefone. Ah não está dependendo das

peças "

Entrevista 19 - I.M.S. - aprendi muito como me interagir nas redes sociais e outros conhecimentos gratidão

Entrevista 20 - M.L.G.L. - Aprendi muito coisa, conheci muitas pessoas boas e principalmente as pessoas que fazem parte do idear, professor, instrutores etc.

Entrevista 21 - T.M.C.S. A me socializar melhor.... Gostar mais de mim etc

Entrevista 22 - M.F.A. - Ótimo aprendi muito abriu meus caminhos da felicidade muita saúde hoje me sinto muito agradecida o projeto chá tecnológico idear todos professores muito educados eu hoje viajo na rede social eu não sabia de nada aprendi muito só tenho agradecer todos do projeto chá tecnológico idear.

Entrevista 23 - R.S.A. - Me sinto mais atualizada que antes .

Entrevista 24 – CCI - SE COMUNICAR COM AS PESSOAS, TIRAR MAIS A TIMIDEZ, NO CHÁ - participei das aulas em online, vários cursos

5. Que mudanças você nota na sua vida com os projetos?

Entrevista 1- M.C.O.V. - São projetos maravilhosos como Instituto idear chá tecnológico, CCI, acobeja, linha do tempo, saúde sociedade e bombeiro...

Entrevista 2 - F.A.P. - Autoconhecimento e a vontade para enfrentar as dificuldades

Entrevista 3- M.A.A.S. - Não participei.

Entrevista 4- J.M. - Mais facilidade com a tecnologia

Entrevista 5- F.F.C.S.- Mudou Tudo Prendi Usar Os Dois Celular E Tablet

Entrevista 6- F.G.A. – Á vida em atividades constante e 0 comodismo

Entrevista 7- M.A.S. - Só melhorou participar dos projetos me dá alta estima alegria vida nova só tenho que agradecer a todos.

Entrevista 8- F.M.M.P. - Tudo melhorou, hoje faço parte de um coral do Idear, o que me trouxe muitas amizades e ajudou na socialização.

Entrevista 9- G.M. - Fiquei mais ativa, me divirto muito com as redes sociais.

Entrevista 10 - M.M. - Que hoje sou uma personal digital e cheia de novos conhecimentos.

Entrevista 11- F.D.P.S. - Várias mudanças

Entrevista 12- A.C.F. - Hoje eu estou lendo bem melhor.

Entrevista 13- R.M.V.S. - Surpresa por aprender coisas novas, saber que tenho capacidade de sonhar

Entrevista 14- N.V. - Ser mais paciente me cuidar mais

Entrevista 15- M.A. - Saber andar com os próprios pés, não perturbou mas um e outro para resolver meus problemas.

Entrevista 16- T.T.R. - Sé mais confiante e de ter capacidade Não

Entrevista 17- L.M.S. - "Mudou pra melhor abaixar um aplicativo do Uber e ao caixa eletrônico tirar o meu dinheiro que eu não sabia dependia dos filhos Neto e hoje eu quem tirou. O meu dinheiro só agradecer a Deus e os profissionais "

Entrevista 18- M.B.L. - Mudou muito minha vida principalmente na praticidade ex. como pedir um Uber etc.

Entrevista 19- I.M.S. - Melhorei na saúde, rejuvenesci, tudo maravilhoso, só gratidão.

Entrevista 20- M.L.G.L. - Fiquei mais determinada nas minhas perspectivas de vida

Entrevista 21- T.M.C.S. - Desde de que eu comecei foi muito bom conhecimento muito rápido

Entrevista 22- M.F.A. - emotivo logo fui muito conhecendo foi tudo de bom.

Entrevista 23- R.S.A. - Que a idade não impede de aprendermos coisas novas.

Entrevista 24- J.F.S. - Mudei na maneira de mi comunicar, nas atividades, criei coragem mais.

6. Você sofreu alguma discriminação durante o processo de aprendizagem das novas tecnologias com o celular ou tablet?

Entrevista 1- M.C.O.V. - "Não até hoje só elogios, graça aos instrutores e aos professores do Idear que são pessoas excelentes...."

Entrevista 2- F.A.P. - Desigualdade por conta da idade, teve horas que me achava incapaz

Entrevista 3- M.A.A.S. - Não participei

Entrevista 4- J.M. - Não

Entrevista 5- F.F.C.S.- Sim As Pessoas Falavam gente Velho Não A

prende Nada Mas Eu

Entrevista 6- F.G.A. - aprendi Sim

Entrevista 7- M.A.S. - Graças a Deus nenhuma

Entrevista 8- F.M.M.P. - Não

Entrevista 9- G.M. - Não

Entrevista 10- M.M. - Não, nunca.

Entrevista 11- F.D.P.S. - Não.

Entrevista 12 - A.C.F. - Não. Ao contrário fui bem incentivada a buscar esse novo dentro de mim.

Entrevista 13 - R.M.V.S. - Não

Entrevista 14- N.V. - Não.

Entrevista 15- M.A. - Não, minha família fica orgulhosa por que eu gosto de aprender

Entrevista 16- T.T.R. - Não, tive muito incentivo

Entrevista 17- L.M.S. - Não jamais.

Entrevista 18- M.B.L. - Não todos do ideal me trataram muito bem

Entrevista 19- I.M.S. - A gente acha que é incapaz mas todos somos capaz tem os profissionais para nos ajudar

Entrevista 20- M.L.G.L. - Não

Entrevista 21- T.M.C.S. Tudo maravilhoso, quero mais e mais ❤️

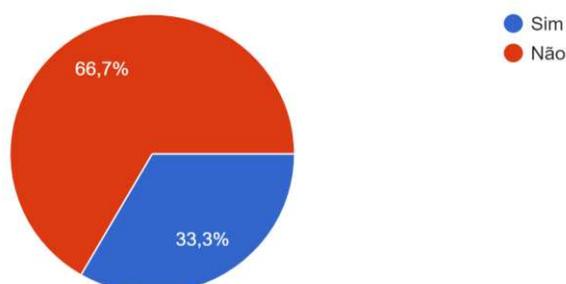
Entrevista 22- M.F.A. - Não

Entrevista 23- R.S.A. - Não foi ótimo

Entrevista 24- J.F.S. - Não. Não só habilidade

Gráfico 8 – Em algum momento você se achou incapaz de aprender os novos conhecimentos tecnológicos?

24 respostas



Fonte: Formulário Google

8.3 Resultados

Diante de tantos relatos das pessoas idosas nas entrevistas presenciais e virtuais, é possível perceber tópicos semelhantes nas respostas, como também muitas divergências nas mesmas questões utilizadas.

Participaram da pesquisa pessoas idosas de idades distintas dos 61 aos 77 anos, sendo 43 mulheres e 2 homens, de vários territórios de Maracanaú.

Discorrendo sobre a pandemia e suas implicações, não há dúvidas de que foi um período traumático e assustador, com tantas restrições e perdas para grande parte da população. Mesmo assim, pelos depoimentos constatamos que algumas pessoas idosas não foram acometidas pelo vírus, passaram ilesas e nem tiveram grandes repercussões significativas em suas vidas. É como se tivessem ficado protegidas por uma “bolha transparente”, imunes ao mundo ao redor.

“Para mim foi bom. Fiquei em casa, assistindo televisão, fazendo meus crochês. Não teve diferença nenhuma” (Entrevista 2 – M.D.L.B).

“Ah, para mim, eu achei normal, porque eu não saía de casa, né? Mas era comunicar aos meninos que era lá em casa meus filhos, né? Que eles iam lá em casa, tudinho, para saber como era que eu estava, né?” (Entrevista 11 – D.S.M.).

Todavia, para a maioria das pessoas entrevistadas tal período foi caótico e complicado, marcado de tristezas e dificuldades. Muitas dores, situações de saúde que se complicaram e doenças que surgiram durante o processo.

“Muito difícil. Peguei depressão, não saí de casa. Foi muito difícil mesmo, complicado” (Entrevista 14 – M.E.R.L.).

“O período da pandemia para mim foi muito triste, porque eu chorava muito. Dentro de casa trancada, não saía” (Entrevista 8 – M.I.O.).

Já outros relatos foram reveladores por considerarem que o “isolamento” contribuiu para aproximação e união da família. Isso foi uma surpresa para mim diante de um contexto tão desfavorável e cruel em todos os sentidos, pelas cenas que acompanhávamos pelas notícias televisivas e relatos de grupos familiares diversos. Mas também foi relatado essa mesma percepção de união em família em uma reportagem no Correio Brasiliense de setembro de 2021, conforme consta nas referências bibliográficas.

“Na pandemia deu para a gente aprender mais coisas, coisas que a gente deixava para trás, por exemplo, a união, foi o momento de que a gente se uniu mais,

com certeza, isso aí eu aprendi muitas coisas” (Entrevista 5 – M.G.C.M.).

Com relação ao modo de comunicação, foi quase unânime a utilização do celular, pois era o principal meio de comunicação. E mesmo os que não tinham celular, relataram que usavam dos familiares.

“A custa de telefone, né? Com meus filhos” (Entrevista 10 – E.S.R.).

“Não, só o celular mesmo” (Entrevista 7 – M.S.B.P.).

Em contrapartida existiram pessoas idosas que não tiveram nenhuma vontade de usar o telefone ou qualquer outra tecnologia e utilizavam outros meios para se comunicarem. Uns porque moravam com os próprios familiares e outros porque não esboçavam vontade mesmo.

“Através dos outros, né. Porque eu mesmo tenho um pavor, né. A tecnologia nova, eu me comunicava através dos outros” (Entrevista 4 – M.M.B.S.).

Quanto às mudanças que tiveram na pandemia em suas vidas, os(as) entrevistados(as) relataram algo novo que aprenderam, sejam com os projetos ou até lições de vida que trouxeram da pandemia aos dias de hoje.

“Aprendi na aula de finanças que tenho que lidar com o meu próprio dinheiro, saber como usar o cartão de crédito, só comprar o que preciso, ser prudente e escolher o melhor momento de comprar, de preferência quando fecha a fatura, fazer lista pra ir ao supermercado e só trazer o que tem nela, pra não gastar além do necessário e programado” (Entrevista 9 - G.M.).

"A usar o telefone. Ah não está dependendo das pessoas" (Entrevista 18 - M.B.L.).

Tiveram os que participaram dos dois projetos, os que estavam apenas em um e aqueles que não participaram na pandemia de nenhum, mas que atualmente estão engajados em algum deles e os que vieram por intermédio de amigos e vizinhos.

Nessas entrevistas presenciais nota-se, pelo relato, a grande relevância que tiveram os projetos na vida da maioria das(os) entrevistadas(os). É pungente escutar nos relatos como a participação nos projetos durante a pandemia foi um conforto à vida de muitos que moram só e que os familiares não podiam visitar.

“Tudo melhorou, hoje faço parte de um coral do Idear, o que me trouxe muitas amizades e ajudou na socialização” (Entrevista 8- F.M.M.P.).

“Surpresa por aprender coisas novas, saber que tenho capacidade de sonhar” (Entrevista 13- R.M.V.S.).

“Melhorei na saúde, rejuvenesci, tudo maravilhoso, só gratidão” (Entrevista 19- I.M.S.).

“Ótimo aprendi muito abriu meus caminhos da felicidade muita saúde hoje me sinto muito agradecida o projeto chá tecnológico idear todos professores muito educados eu hoje viajo na rede social eu não sabia de nada aprendi muito só tenho agradecer todos do projeto chá tecnológico idear” (Entrevista 22 - M.F.A.).

O celular sem dúvidas foi um grande aliado na comunicação e no aprendizado das pessoas idosas, assim como também o uso do *tablet* no projeto *Chá Tecnológico e Social*, no qual as pessoas idosas ganham o equipamento após a finalização dos cursos que vão desde jardinagem, coral, desenvolvimento cognitivo, fotografia, ginástica.

Enquanto no Projeto *Seis Ponto Zero (60 anos)*, na época eu trabalhava no CCI e criei um grupo de *WhatsApp* junto com a equipe que trabalhava comigo. Então inserimos vários grupos de pessoas idosas nele, por conseguinte elas utilizavam os celulares, e recebiam os vídeos com atividades de arte manual, atividades cognitivas, tutorial de acesso às redes sociais, dança, palestras com temáticas que abordavam Alzheimer, violência contra a pessoa idosa, memória.

Essas atividades eram enviadas semanalmente com a proposta das pessoas idosas realizarem o que solicitávamos, dependendo da atividade elas produziam artigos artesanais com materiais recicláveis, faziam vídeos com dança, assim como também mostrando os talentos musicais dentre outras, depois nos enviavam no próprio grupo de *WhatsApp*, demonstrando os saberes adquiridos com as atividades.

Quanto ao quesito discriminação, que caracteriza o ageísmo, as pessoas idosas relataram não terem sofrido, pelo contrário, explanaram com satisfação a disponibilidade, paciência e o cuidado que os facilitadores e professores tiveram com elas, assim também como receberam da própria família o incentivo necessário para que elas continuassem e perseverassem nos cursos dos projetos.

"Não até hoje só elogios, graça aos instrutores e aos professores do Idear que são pessoas excelente [...]" (Entrevista 1- M.C.O.V.).

“Não. Ao contrário fui bem incentivada a buscar esse novo dentro de mim” (Entrevista 12 - A.C.F.).

Algumas pessoas idosas em dados momentos mencionaram que se sentiram incapazes de aprender, e outras que relataram que tinham receio de não

conseguir evoluir com os novos conhecimentos, mas que com a determinação e empenho delas ultrapassaram esses limites que elas mesmas se admiraram com o resultado.

“Desigualdade por conta da idade, teve horas que me achava incapaz”
(Entrevista 2- F.A.P.).

“As Pessoas Falavam gente Velho Não A prende Nada. Mas Eu aprendi Sim” (Entrevista 5- F.F.C.S.).

O que acontecia algumas vezes era as pessoas idosas se sentirem incapazes de aprender pensando até em desistir, mas tinham o suporte necessário para darem prosseguimento. Enquanto isto, muitos(as) idosos(as) explanaram sobre a força de vontade, garra e o empenho que eles tinham para aprender os novos conhecimentos tecnológicos, pois se julgavam altamente capazes.

Além dos 14 casos já citados nas entrevistas presenciais, foram feitas mais 7 entrevistas no CRAS Jereissati, no qual tivemos a participação de 2 (dois) homens, um número pouco expressivo em relação ao de mulheres, fato esse que vem corroborar com a premissa de feminização ou feminilização da velhice, que predomina a participação das idosas bem mais frequentes do que os idosos. Fato esse que pode ser atrelado à resistência ou até mesmo ao fenômeno do machismo por parte dos homens idosos, para se engajarem em grupos de convivência, diferenciando-os das idosas.

Torna-se notória a dimensão psicossocial na abordagem sobre a feminização da velhice, pois trata-se de um fenômeno multifacetado incidente sobre uma parcela da população muito heterogênea e que cresce exponencialmente – a de mulheres idosas - merecendo maiores esforços das ações com cunho de pesquisa, da atenção à saúde da mulher e da família, fortalecimento das redes formais e informais de suporte social, capacitação das equipes de saúde nas ações de promoção e prevenção da saúde e de políticas intersetoriais que contemplem todas as demandas que emergem de uma sociedade plural e que se modifica constantemente, a fim de reduzir a exposição da mulher a situações de privação da saúde, de risco social e do exercício da cidadania (Almeida *et al.*, 2015).

As referências apontam para essa crescente realidade feminina da velhice, na qual tive a comprovação pela pesquisa que realizei, mas ao mesmo tempo me leva a refletir em como as políticas públicas setoriais e específicas para as pessoas idosas, e especificamente para as mulheres, serão efetivadas no contexto geral. E Almeida *et al.* (2015), cita a grande importância de manter as redes de suporte social para as pessoas idosas e frisa principalmente a atenção mais

específica às idosas que têm uma maior longevidade, dessa forma visa a prevenção da saúde e uma melhor qualidade de vida para elas.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final desse estudo me remeto ao objeto inicial de investigação, que me impulsionou a desenvolver esta pesquisa. As perguntas norteadoras em que me baseei foram o estímulo para concretizar esse trabalho e que trago agora para efetivar com as respostas obtidas.

O nível de dificuldade que as pessoas idosas encontraram para assimilarem novos conhecimentos, e em particular relativo ao domínio das tecnologias digitais foram pouco expressivos, pois das 24 pessoas que responderam o formulário *google* 66,7% relataram que eram capazes de aprender a manusear o equipamento digital, seja ele celular ou *tablet*. Nas 21 entrevistas presenciais, tais afirmações foram bem significativas, cerca de mais de 80%.

Quanto aos benefícios que a tecnologia trouxe para os(as) idosos(as) na pandemia de COVID-19 e posteriormente a ela, as respostas foram muito representativas, visto que das 45 entrevistas realizadas, virtuais ou presenciais, cerca de mais de 90% relataram o quanto o aprendizado foi benéfico nesse período de reclusão e até os dias atuais.

A pesquisa mostrou que das 21 pessoas idosas que foram entrevistadas presencialmente, 4 não sabiam ler, e esse é um pré-requisito para participar do *Chá Tecnológico e Social*, já não o sendo no *Projeto Seis Ponto Zero (60 anos)*. Esta é uma lacuna das políticas públicas que dificulta a inclusão desse público. É um aspecto que poderia ser visto para dar acessibilidade a um maior número de pessoas idosas.

O *Projeto Chá Tecnológico e Social* do IDEAR passou por algumas modificações em relação às edições anteriores. Ele vem evoluindo a cada nova proposta de trabalho. Inicialmente a utilização era apenas pelo celular, que alguns utilizavam dos familiares e até com falhas na *internet*. Depois passou para o *tablet*, que facilitou o acesso, pois já era disponibilizado sendo conectado à rede.

Na fase somente de utilização do celular, existia dificuldade de conexão com a *internet*, com muitos(as) idosos(as) recorrendo aos celulares dos(as) filhos(as) ou netos(as), que em alguns casos dificultavam o acesso ao aparelho. Posteriormente, em outra edição já foi adotado o uso do *tablet* com *internet*, o que melhorou consideravelmente o acesso aos cursos e aos novos conhecimentos tecnológicos. Inclusive, com a finalização dos cursos as pessoas idosas ganhavam o direito de ficar com o equipamento.

O *Projeto Seis Ponto Zero (60 anos)* do CCI, que foi implantado no cerne da pandemia, acontecia semanalmente com atividades gravadas em forma de vídeo, e enviadas no grupo de *WhatsApp*, nas quais consistiam em atividades de memória, atividades físicas, atividades artesanais e tecnológicas. Ele foi criado para ser presencial, mas ganhou um desafio de ser feito *online*, no caos dos problemas de saúde daquele fatídico ano de 2020. Sem sombra de dúvidas aliviou muitas mentes aflitas, e preencheu o vazio dos lares solitários, conforme a grande frequência dos relatos de nossas entrevistadas.

Eu vivenciei todo esse período no Centro de Convivência do Idoso (CCI), enquanto servidora efetiva, no qual trabalhei durante 13 anos, passando pelas dificuldades de um equipamento social com escassez de recursos materiais e de profissionais, enfrentando os percalços que uma política pública voltada para a pessoa idosa sofre numa conjuntura de município rico, mas vulnerável ao mesmo tempo.

Em diversas situações nós profissionais fazíamos grandes esforços para poder efetivar essa política pública, seja por recursos próprios empregados ou pela grande disposição, compromisso e vontade de ver nosso trabalho se materializar em benefício da principal motivação, assistir a pessoa idosa, contribuir para reduzir sua dor e, assim, melhorar seu bem-estar.

Atualmente o *Projeto Chá Tecnológico e Social* segue com novas inscrições para mais uma edição. Já o *Projeto Seis Ponto Zero (60 anos)* foi finalizado, mas existem outros projetos no Centro de Convivência do Idoso (CCI) e nos CRAS que as pessoas idosas participam.

Os idosos e idosas de Maracanaú têm essas possibilidades de engajamento e participação para desenvolverem seus potenciais cognitivos, artísticos e culturais, inerentes às políticas públicas oferecidas a esse segmento no município.

Fazendo um panorama pela minha trajetória enquanto estudante no Mestrado em Avaliação de Políticas Públicas (MAPP), reflito o quanto foi rico de saberes e desafios. Fazer um curso de tamanha importância e intensidade que configura uma formação *stricto sensu*, que muitos fazem em dedicação exclusiva, me ponho a pensar como foi desafiador o meu caminhar nos estudos trabalhando 8 horas diárias e ainda me desdobrando nos cuidados com a família.

Além disso, o outro desafio foi cursar um mestrado todo *online* em um período entre “pandemia e pós-pandemia”, porque na verdade ainda existia o medo

e a preocupação de como ficaria o cenário nacional com toda aquela situação de doença durante todo o período do curso. Todavia, mesmo com tanta adversidade, não houve comprometimento das aulas e das atividades propostas, pois tive grandes professores que, com excelência, transmitiram seus conhecimentos e me ensinaram a gostar de estudar sobre política pública, que era inicialmente um grande entrave para mim antes de decidir participar desse mestrado.

Pude aprofundar meu aprendizado ainda mais no campo de pesquisa, momento este que me proporcionou colocar em prática as disciplinas vistas no ambiente de estudo remoto, e experienciar na realidade os conhecimentos teóricos.

O mestrado foi um divisor de águas na minha vida profissional e pessoal, partindo do teórico e empírico para a abordagem prática. Com certeza ele me abriu um leque de possibilidades de pensar política pública para levar ao meu cotidiano de trabalhadora e pesquisadora, que me causa grande prazer e interesse que é a dedicação à pessoa idosa. Certamente esse mestrado me proporcionou pensar em alçar novos vôos para seguir com mais formações acadêmicas.

REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA, Adriana de Oliveira. **Envelhecer no contexto rural**: a vida depois do aposento. Repositório do Conhecimento do IPEA. 2016. Disponível em: <https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/9098>. Acesso em: 20 abr. 2024.

ALMEIDA, Alessandra *et al.* A feminização da velhice: em foco as características socioeconômicas, pessoais e familiares das idosas e o risco social. **Textos & Contextos**. v. 14, n. 1. Porto Alegre, 2015.

BERZINS, Marília; BORGES, Maria Cláudia. **Políticas públicas para um país que envelhece**. São Paulo: Martinari, 2012.

BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. Lei nº 8.842, de 4 de janeiro de 1994. Dispõe sobre a política nacional do idoso, cria o Conselho Nacional do Idoso e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 5 jan. 1994. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8842.htm. Acesso em: 20 abr. 2024.

BRASIL. Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 3 out. 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.741.htm. Acesso em: 20 abr. 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. (2021). **Boletim Epidemiológico Especial: doença pelo Coronavírus COVID-19**. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/boletins/epidemiologicos/covid-19>. Acesso em: 20 abr. 2024.

CAMARANO, Ana Amélia; ABRAMOVAY, Ricardo (1998). Êxodo Rural, Envelhecimento e Masculinização no Brasil: Panorama dos últimos 50 anos. *In*: **Revista Brasileira de Estudos Populacionais (RBEP)**, v. 15, n. 2, p. 45-6, jul./dez. 1998.

CAMARANO, Ana Amélia; KANSO, Solange; MELLO, Juliana Leitão. Como vive o idoso brasileiro? *In*: CAMARANO, Ana Amélia (Org). **Os novos idosos brasileiros: muito além dos 60?** Rio de Janeiro: IPEA, 2004. p. 25-60.

CAMARANO, Ana Amélia (Org.). **Novo regime demográfico**: uma nova relação entre população e desenvolvimento? Rio de Janeiro: IPEA, 2014.

CARNOY, Martin. **Estado e teoria política**. 3. ed. Campinas: Papius, 1990.

CEPELLOS, Martines Vanessa. **Feminização do envelhecimento**: um fenômeno

multifacetado muito além dos números. Fundação Getúlio Vargas, Escola de Administração de Empresas de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rae/a/9GTWvFfzYFnzHKyBhqGPc4j/>. Acesso em: 5 mar. 2021.

COSTA, Sousa Joice *et al.* **Aproximações e ensaios sobre a velhice.** Cultura Acadêmica Editora, UNESP Campus de Franca, SP, 2017.

COSTA, Sousa Joice. **Velhice, Ideologia e crítica:** uma análise sobre participação, protagonismo e empoderamento dos(as) velhos(as) nos espaços das conferências. Dissertação de Mestrado. UNESP – Franca:[S.N], 2015. 166f.

CHÉROLET, Brenda. **O que é ageísmo?** Portal Educa+Brasil. 26 maio 2023. Disponível em: <https://www.educamaisbrasil.com.br/educacao/noticias/o-que-e-ageismo>. Acesso em: 04 mar. 2024.

CRUZ, Julyana Scheridan Vicente da. **Velhice e aprendizagem, possibilidades de construção de uma interface entre os dois conceitos.** Monografia (Especialização em Gerontologia) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, Faculdade de Medicina, CETREDE – Centro de Treinamento e Desenvolvimento, 2005.

DÓREA, Lima Egídio. **Idadismo:** um mal universal pouco percebido. São Leopoldo-RS: UNISINOS, 2020.

ETARISMO: o impacto causado na vida dos idosos. **Portal Seniors Club.** Disponível em: <https://www.seniorclube.com.br/blog/etarismo-o-impacto-causado-na-vida-dos-idosos>. Acesso em: 10 out. 2023.

FALEIROS, Paula Vicente de. Envelhecimento do Brasil no Século XXI: transições e desafios. **Revista Argumentum**, Vitória-ES, v. 6, n. 1, enero Junio, 2014.

GALINDO, Eryka *et al.* **“Efeitos da pandemia na alimentação e na situação da segurança alimentar no Brasil.”** Food for Justice Working Paper Series, no. 4 (2. ed.). Berlin: Food for Justice: Power, Politics, and Food Inequalities in a Bioeconomy, 2021.

GUIMARÃES, Katia. **Um país mais velho:** o Brasil está preparado? 24 de janeiro de 2022. Disponível em: <https://www.epsjv.fiocruz.br/noticias/reportagem/um-pais-mais-velho-o-brasil-esta-preparado>. Acesso em: 08 set. 2023.

INSTITUTO PAULISTA DE GERIATRIA E GERONTOLOGIA JOSÉ ERMÍRIO DE MORAES. **Inclusão digital para Idosos:** integrando gerações na descoberta de novos horizontes. Disponível em: <https://saudedapessoaidosa.fiocruz.br/pratica/inclus%C3%A3o-digital-para-idosos-integrando-gera%C3%A7%C3%B5es-na-descoberta-de-novos-horizontes#:~:text=Com%20o%20Programa%20de%20>

Inclusão, amigos e comunidade. Acesso em: 10 out. 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Tábua completa de mortalidade para o Brasil – 2018**: Breve análise da evolução da mortalidade no Brasil. Rio de Janeiro, 2019. https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/3097/tcmb_2018.pdf. Acesso em: 04 mar. 2024.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/38455-em-2022-expectativa-de-vida-era-de-75-5-anos>. Acesso em: 11 jul. 2024.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Perfil dos municípios brasileiros**: Assistência Social. Coordenação de População e Indicadores Sociais. Rio de Janeiro: IBGE, 2009.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. (2021). **Síntese de Indicadores Sociais**: uma análise das condições de vida da população brasileira. Acesso em: 01 jul. 2024.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. (2022). **Panorama Censo 2022**. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/index.html>. Acesso em: 8 set. 2023.

KREIS, Rosana Alfinito, *et al.* O impacto da Informática na vida do idoso. **Revista Kairós**, São Paulo, v. 10, n. 2, dez. 2007, p. 153-168. Disponível em: <file:///C:/Users/Isaias/Downloads/2596-5542-1-PB.pdf>. Acesso em: 9 jun. 2021.

LOUVISON, Maria Cristina Prado; ROSA, Tereza Etsuko da Costa. Envelhecimento e políticas públicas de saúde da pessoa idosa. *In*: BERZINS, Marília Viana; BORGES, Maria Cláudia. (Org.) **Políticas públicas para um país que envelhece**. São Paulo: Martinari, 2012. p. 157-160

MACHADO, Katia. **Quem é a pessoa idosa?** 19 set. 2019. Disponível em: <https://www.epsjv.fiocruz.br/noticias/reportagem/quem-e-a-pessoa-idosa>. Acesso em: 10 jun. 2021.

MENEZES, Kelly Maria Gomes; FURTADO, Eliane Dayse Pontes. Os desafios na Educação para Mulheres velhas em um programa de EJA. **Revista Kairós-Gerontologia**, São Paulo: SP, 2019.

MÉSZÁROS, István. **Para além do capital**. São Paulo: Unicamp; Boitempo Editorial, 2002.

MINAYO, Maria Cecília de Sousa; DESLANDES, Suely Ferreira. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 28. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

MINAYO, Maria Cecília de Sousa. **O desafio do conhecimento**: pesquisa: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec, 2013.

MINAYO, Maria Cecília de Sousa; SILVA, Raimunda Magalhães da. **Cuidar da pessoa idosa dependente**: desafios para as famílias, o estado e a sociedade. Fortaleza, CE: Editora da UECE, 2022.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Secretaria de Atenção à Saúde Departamento de Atenção Básica – Envelhecimento e Saúde da Pessoa Idosa. **Cadernos de Atenção Básica**, n. 19, Série A. Brasília-DF, 2006. (Normas e Manuais Técnicos)

NERI, Anita Liberalesso. **Palavras-chave em gerontologia**. Campinas, SP: Alínea 2001.

NERI, Anita Liberalesso. **Qualidade de vida na velhice**: enfoque multidimensional e multifatorial. Campinas, SP: Alínea, 2007.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE – OPAS. **Década do Envelhecimento Saudável nas Américas (2021-2030)**. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/decada-do-envelhecimento-saudavel-nas-americas-2021-2030> . Acesso em: 25 set. 2023.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). (2020). **Pandemia de doença pelo coronavírus (COVID-19)**. Disponível em: <https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019>. Acesso em: 29 mar. 2024.

QUARTA idade: a nova classificação etária dos idosos com mais de 80 anos. **Portal Tecnosênior**. Disponível em: <https://tecnosenior.com/quarta-idade-a-nova-classificacao-etaria-dos-idosos-com-mais-de-80-anos/>. Acesso em: 12 mar. 2024.

PARADELLA, Rodrigo. **Número de idosos cresce 18% em 5 anos e ultrapassa 30 milhões em 2017**. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/20980-numero-de-idosos-cresce-18-em-5-anos-e-ultrapassa-30-milhoes-em-2017>. Acesso em: 19 mar. 2024.

PAIM, Jairnilson Silva *et al.* (2011). O sistema de saúde brasileiro: história, avanços e desafios. **The Lancet**, v. 377, n. 9779, p. 1778–1797. Disponível em: [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(11\)60054-8](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(11)60054-8). Acesso em: 20 abr. 2024.

PAIVA, Sálvea de Oliveira Campelo e. **Envelhecimento, saúde e trabalho no tempo do capital**. São Paulo: Cortez, 2014.

PATRIOTA, Maria Lucia *et al.* Refletindo sobre o envelhecimento na sociabilidade capitalista. **XVII CONGRESSO BRASILEIRO DE ASSISTENTES SOCIAIS**, 11 a 13 de outubro de 2022. Disponível em: <https://www.cfess.org.br/cbas2022/uploads/ finais/0000000622.pdf>. Acesso em: 19 mar. 2023.

PEIXOTO, Clarice Ehlers; CLAVAIROLLE, Françoise. **Envelhecimento, políticas sociais e novas tecnologias**. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2005.

PELEGRINI, Lucas Nogueira de Carvalho *et al.* **Temas sobre envelhecimento – atividades cognitivas para idosos**. São Carlos: RiMa Editora, 2020.

PESQUISA para o SUS no Estado do Ceara: coletânea de artigos PPSUS – 2. Secretaria da Saúde do Estado do Ceara. Fortaleza: Secretaria da Saúde do Estado do Ceará. 2008.

RIBEIRO, Raquel. Tradições reinventadas como as famílias se adaptaram a pandemia. **Correio Brasiliense – Revista do Correio**. Disponível em: <https://www.correiobrasiliense.com.br/revista-do-correio/2021/09/4948820-tradicoes-reinventadas-como-as-familias-se-adaptaram-a-pandemia.html>. Postado em: 12/09/2021. Acesso em: 12 jul. 2024.

RODRIGUES, Lea Carvalho. Propostas para uma avaliação em profundidade de políticas públicas sociais. **Revista Avaliação de Políticas Públicas (AVAL)**, ano 1, v. 1, n.1, p. 7- 15, jan./jun. 2008.

SOUSA, Fernando José Pires de; ALVES, Ana Larissa Cândido; LOURENÇO, Cibele Mayra Viana; FREITAS, Francisco das Chagas Martins de. **Resultados da Pesquisa Avaliação da Condição de Vida dos Alunos e de suas Famílias durante o COVID-19 e possíveis resultados das ações do governo e da Universidade Federal do Ceará**. Observatório de Políticas Públicas – OPP da Universidade Federal do Ceará – Pró Reitoria de Extensão. Fortaleza, 2022.

SOUSA, Fernando J. P. de. **Rapport salarial et protection sociale au Brésil**. Saarbrucken: Éditions universitaires européennes, 2010a (Agrée : Paris, Université Paris XIII, thèse de doctorat, 2000, 239p.).

SOUSA, Fernando J. P. de. Globalização e Condicionantes da Proteção Social. *In*: CARLEIAL NETO, A. (Org.). **Projetos nacionais e conflitos na América Latina**. Fortaleza: Edições UFC, 2006. p. 124-145.

SOUSA, Fernando J. P. de. Percalços da América Latina: de Bretton Woods à atual crise financeira global. *In*: SOUSA, Fernando J. P. de. (Org.). **Poder e políticas públicas na América Latina**. Fortaleza: Edições UFC, 2010b. p. 132-150.

SOUSA, Fernando J. P. de. *et al.* Idoso e saúde no Ceará: condições de acesso e qualidade de vida. *In*: **Secretaria de Saúde do Estado do Ceará**. (Org.). Pesquisa para o SUS Ceará. Fortaleza, 2011, v., p. -. [SEP]

SOUSA, Fernando J. P. de. **Políticas sociais e teorias sobre o Estado** (mimeo. s. d.)

STUART-HAMILTON, Ian. **A psicologia do envelhecimento**: uma Introdução. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.

TAVARES, Marília Matias Kesting; SOUZA, Samara Tomé Correia de. Os idosos e as barreiras de acesso às novas tecnologias da informação e comunicação. **Revista Novas Tecnologias na Educação (RENOTE)**, v. 10, n. 1, 2012. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/renote/article/view/30915>. Acesso em: 12 jun. 2023.

TEIXEIRA, Solange Maria. **Envelhecimento e trabalho no tempo do capital**: implicações para a proteção social no Brasil. São Paulo: Cortez, 2008.

TEIXEIRA, Solange Maria. Envelhecimento do trabalhador e as tendências das formas de proteção social na sociedade brasileira. **Argumentum**. Vitória, v.1, n.1, p 63-97 jul/dez 2009.

VERAS, Renato Peixoto. Envelhecimento populacional contemporâneo: demandas, desafios e inovações. **Revista de Saúde Pública**, v. 43, n. 3, p. 548-554., 2009 <https://doi.org/10.1590/S0034-89102009005000030>

USO da tecnologia pelos idosos: por que ela é tão importante? Portal Revista INSS. Disponível em: <https://revisaoins.com.br/uso-da-tecnologia-pelos-idosos-por-que-ela-e-tao-importante>. Acesso em: 10 out. 2023.

ZIMERMAN, Guite. I. **Velhice** – Aspectos Biopsicossociais. Porto Alegre: Artmed, 2000.

APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Estou desenvolvendo a pesquisa “AVALIAÇÃO DO APRENDIZADO DE NOVAS TECNOLOGIAS DA PESSOA IDOSA DURANTE A PANDEMIA E ATUALMENTE, que tem como objetivo principal avaliar o resultado das novas tecnologias na vida dos idosos e idosas propostos nos Projetos Seis Ponto Zero (60 anos) do CCI, e o Chá Tecnológico e Social, no município de Maracanaú. Além de conhecer o perfil dos idosos que participam dos projetos, assim como identificar as dificuldades e os benefícios da aprendizagem tecnológica na vida das pessoas idosas.

Trata-se de um estudo, desenvolvido pela discente: Julyana Scheridan Vicente da Cruz Porto, tendo como orientador: Prof. Dr. Fernando José Pires de Sousa, vinculado ao Programa de Pós-graduação em Avaliação de Políticas Públicas, no Mestrado Profissional em Avaliação de Políticas Públicas da Universidade Federal do Ceará - UFC, sendo um dos requisitos para a obtenção do título de MESTRE.

Este estudo está de acordo com a resolução nº 510, de 07 de abril de 2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), cuja uma das exigências éticas e científicas para realização de pesquisas com seres humanos é a não maleficência, ou seja, evitar que a pesquisa traga qualquer dano aos sujeitos envolvidos.

Nesta perspectiva, o presente estudo não apresenta riscos para os interlocutores e/ou as instituições parceiras, uma vez que não serão utilizados procedimentos invasivos, bem como se garantirá o sigilo das identidades dos (as) entrevistados (as) e das demais informações fornecidas.

Desta forma, gostaria de contar com a sua participação, permitindo-me realizar a entrevista. Assim, solicito sua permissão para gravá-la, garantindo que nenhuma das informações seja perdida, bem como sua fidelidade. Garanto resguardar o anonimato do (a) entrevistado (a) e demais pessoas citadas na entrevista, tal como o uso de informações para fins exclusivos desta pesquisa, em consonância com as exigências éticas para realização da mesma.

A pesquisa não trará risco a sua pessoa e você poderá desistir de participar da mesma no momento em que desejar, sem que isso lhe acarrete quaisquer penalidades e/ou danos. A participação no estudo não trará custos a você, mas também não será ofertada qualquer compensação financeira ao participante.

Se necessário, poderá entrar em contato com o orientador da pesquisa na UFC pelo e-mail fjpires.s@ufc.br, ou na própria universidade localizada na Avenida da

Universidade, nº 2853, bairro Benfica, telefone: (85) 3366-7300.

Pesquisador (a) de Campo

Tendo sido esclarecido (a) sobre a pesquisa “AVALIAÇÃO DO APRENDIZADO DE NOVAS TECNOLOGIAS DA PESSOA IDOSA DURANTE A PANDEMIA E ATUALMENTE”, concordo em participar da mesma.

Nome: _____

Assinatura: _____

Maracanaú, _____ de _____ de 2024.

APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO

DADOS PESSOAIS:

1.Nome: _____ (Real e ou fictício)

2.Naturalidade: _____

3.Onde reside: _____

- Com quem reside: _____

- Quanto tempo reside neste local: _____

4. Estado Civil: _____

5. Filhos: _____

- Netos: _____

6. Escolaridade: _____

7. Idade: _____

8. Participa de grupo social, religioso, associação, projeto social: _____

ENTREVISTA

1. Como foi o período da pandemia para você?

2. Como você se comunicava com os familiares?

3. O que mudou na sua vida da pandemia aos dias de hoje?

4. Você utiliza ou utilizou algum meio eletrônico durante a pandemia?

5. Você aprendeu algo novo da pandemia até os dias atuais?

6. Você participou e/ou participa dos Projetos Seis ponto zero, e Chá Tecnológico e Social?

7. O que você aprendeu com os projetos?

8. Que mudanças você nota na sua vida com os projetos?

9. Você sofreu alguma discriminação durante o processo de aprendizagem das novas tecnologias?
10. Em algum momento você se achou incapaz de aprender os novos conhecimentos tecnológicos?

APÊNDICE C - FORMULÁRIO GOOGLE

Formulário de Pesquisa de Mestrado

Olá! Sou Julyana Scheridan

Convido você para contribuir com a minha pesquisa de Mestrado em Avaliação de Políticas Públicas, que tem como tema: AVALIAÇÃO DO APRENDIZADO DE NOVAS TECNOLOGIAS DA PESSOA IDOSA DURANTE A PANDEMIA E ATUALMENTE.

A pesquisa é bem simples e rápida, e desde já agradeço sua participação!

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Estou desenvolvendo a pesquisa “AVALIAÇÃO DO APRENDIZADO DE NOVAS TECNOLOGIAS DA PESSOA IDOSA DURANTE A PANDEMIA E ATUALMENTE, que tem como objetivo principal avaliar o resultado das novas tecnologias na vida dos idosos e idosas propostos nos Projetos Seis Ponto Zero (60 anos) do CCI, e o Chá Tecnológico e Social, no município de Maracanaú. Além de conhecer o perfil dos idosos que participam dos projetos, assim como identificar as dificuldades e os benefícios da aprendizagem tecnológica na vida das pessoas idosas.

Trata-se de um estudo, desenvolvido pela discente: Julyana Scheridan Vicente da Cruz Porto, tendo como orientador: Prof. Dr. Fernando José Pires de Sousa, vinculado ao Programa de Pós-graduação em Avaliação de Políticas Públicas, no Mestrado Profissional em Avaliação de Políticas Públicas da Universidade Federal do Ceará - UFC, sendo um dos requisitos para a obtenção do título de MESTRE.

Este estudo está de acordo com a resolução nº 510, de 07 de abril de 2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), cuja umas das exigências éticas e científicas para realização de pesquisas com seres humanos é a não maleficência, ou seja, evitar que a pesquisa traga qualquer dano aos sujeitos envolvidos.

Nesta perspectiva, o presente estudo não apresenta riscos para os interlocutores e/ou as instituições parceiras, uma vez que não serão utilizados procedimentos invasivos, bem como se garantirá o sigilo das identidades dos (as) entrevistados (as) e das demais informações fornecidas.

Desta forma, gostaria de contar com a sua participação, permitindo-me realizar a

entrevista. Assim, solicito sua permissão para gravá-la, garantindo que nenhuma das informações seja perdida, bem como sua fidelidade. Garanto resguardar o anonimato do (a) entrevistado (a) e demais pessoas citadas na entrevista, tal como o uso de informações para fins exclusivos desta pesquisa, em consonância com as exigências éticas para realização da mesma.

A pesquisa não trará risco a sua pessoa e você poderá desistir de participar da mesma no momento em que desejar, sem que isso lhe acarrete quaisquer penalidades e/ou danos. A participação no estudo não trará custos a você, mas também não será ofertada qualquer compensação financeira ao participante.

Se necessário, poderá entrar em contato com o orientador da pesquisa na UFC pelo e-mail fjpires.s@ufc.br, ou na própria universidade localizada na Avenida da Universidade, nº 2853, bairro Benfica, telefone: (85) 3366-7300.

Você leu e concorda com os termos estabelecidos no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido?

() Sim. Li e concordo

() Li e não concordo

Vamos à pesquisa!

Dados Pessoais:

Qual seu nome? (Real ou Fictício)

Qual sua idade?

Qual seu número de celular/WhatsApp?

Qual seu bairro?

Mora com quem?

Sozinha

Filhos ou Netos

Cônjuge (Esposo ou esposa)

1. Como foi o período da pandemia para você?

2. Como você se comunicava com os familiares?

() Por telefone

() Eles vinham na minha casa

() Não me comunicava com ninguém

3. O que mudou na sua vida da pandemia aos dias de hoje?

4. Você utiliza ou utilizou algum meio eletrônico durante a pandemia?

() Sim

() Não

Caso tenha utilizado algum meio eletrônico, qual foi?

() Celular

() Tablet

() Os dois

5. Você aprendeu algo novo da pandemia até os dias atuais? O que?

6. Você participou e/ou participa dos Projetos Seis ponto zero, e Chá Tecnológico e Social?

() Projeto Seis Ponto Zero do CCI

() Projeto Chá Tecnológico do IDEAR

() Participo dos dois projetos

7. O que você aprendeu com os projetos?

8. Que mudanças você nota na sua vida com os projetos?

9. Você sofreu alguma discriminação durante o processo de aprendizagem das novas tecnologias com o celular ou tablet?

10. Em algum momento você se achou incapaz de aprender os novos conhecimentos tecnológicos?

() Sim

() Não